

Herdeiros de Sangue

VOLUME 2

TRILOGIA 2323
BIANCA GULIM



PERIGOSAS NACIONAIS

TRILOGIA 2323
HERDEIROS DE SANGUE

PERIGOSAS ACHERON

Todos os direitos reservados ao autor

Bianca Gulim
coordenação editorial

Cecília Costa
revisão de texto

Marcos Costa
arte de capa

Ítalo Natã
diagramação de capa

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica feita pelo autor

Gulim, Bianca.
G972h Herdeiros de Sangue [livro eletrônico] / Bianca Gulim de
Carvalho. – São Paulo: autor independente, 2017.
ePUB

ISBN 978-85-923280-1-6

1. Literatura brasileira 2. Romance Distópico 3. Ficção 4. Série

I. Título

CDD – B869.3

CDU – 82-3/49

Copyright do texto ©2017 por Bianca Gulim de Carvalho
Copyright da ilustração ©2017 por Marcos Paulo Andrade
Costa

PERIGOSAS NACIONAIS

TRILOGIA 2323
HERDEIROS DE SANGUE

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

BIANCA GULIM

PERIGOSAS ACHERON

Índice

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Vinte e um](#)

[Vinte e dois](#)

[Vinte e três](#)

PERIGOSAS ACHERON

Um

Meu coração martela no peito, quase posso ouvir o barulho das batidas. O líder do deserto continua sorrindo, e eu não consigo desgrudar os olhos dele.

Sem perceber, abaixo a arma e começo a caminhar devagar em sua direção, esperando infantilmente que meus olhos percebam que estão enganados ao chegarem mais perto. Não pode ser meu pai bem na minha frente, ele está morto.

– Celine! – Max me adverte.

Paro. Meu pai continua sorrindo, o sorriso que eu me lembro muito bem de pertencer a ele. Um sorriso cínico, malvado. Conforme o encaro, minha visão vai perdendo um pouco o foco, minha cabeça parece girar. Aperto os olhos com força, nunca me senti tão fraca.

Ignoro a sensação de impotência, me obrigando a olhar para frente novamente.

– Percebo que me ver é um choque muito grande

pra você, filha.

Sinto um gosto amargo na boca ao reconhecer sua fala bonita, sua obsessão em se mostrar melhor do que os outros, mesmo que seja através de uma linguagem refinada, algo que não faz diferença para ninguém, que não o torna mais forte no mundo em que vivemos hoje. É ele, é meu pai.

Lembranças que eu nem sabia que meu cérebro guardava vêm à tona. Vejo meu pai discursando para meu povo, usando seu vocabulário apurado para provar que seu lugar é no poder, tomando decisões. Vejo meu irmão derrotado, os olhos voltados para o chão enquanto escuta do meu pai que ele não é bom o suficiente. Vejo meu pai abraçando minha mãe, arrancando-lhe sorrisos e suspiros apaixonados. Ela não o via como realmente era ou achava que seria capaz de mudá-lo?

– Você está morto – as palavras se formam em minha mente e saem pela minha boca de maneira inconsciente.

Sou apenas um fantoche, guiada pelas emoções

devastadoras que nunca foram embora. Agora, elas veem a chance de se manifestarem de maneira autônoma, longe do meu controle, da minha razão.

– Eu acho que não – ele responde divertido, olhando para o próprio corpo.

– Eu te vi morrer! – grito, vendo as gotículas de saliva saírem voando pela minha boca.

– Não, querida. Você viu atirarem em mim. E me deixou lá para morrer. Mas tudo bem, você era apenas uma criança, não guardo rancor.

A cena que insiste em se fazer presente em meus sonhos se repete diante dos meus olhos. Vejo Pietro atirando no peito do meu pai, em seguida na testa da minha mãe.

A razão ultrapassa a emoção, me fazendo enxergar que tiros no peito não são necessariamente fatais. Eu sei disso. Por que a possibilidade de meu pai ainda estar vivo nunca passou pela minha cabeça? Por que não pensei nisso antes?

Espero minha raiva se voltar contra mim, apontando o dedo para o erro fatídico de

PERIGOSAS ACHERON

subestimar meu pai. No entanto, minha mente, provavelmente já doentia, vê tudo isso como uma oportunidade. A chance de dizer para esse filho da puta tudo o que eu, hoje crescida e ciente de sua traição, nunca pude.

Reconheço a necessidade de descarregar meu rancor por ele, agora algo possível. Meu pai está bem na minha frente. Não se trata de uma alucinação causada pelo cansaço ou por um resquício do chá de Diná que ainda circula pelo meu corpo. Não, isso é real. O homem que permitiu que nossa família fosse destruída e que covardemente traiu seu próprio povo está diante de mim. Depois de todos esses anos o odiando, o culpando.

Eu o odeio. Com todas as minhas forças, no limite desse sentimento horrível que se instalou em mim de maneira permanente.

– Você matou minha mãe! – esbravejo.

Minhas palavras estão carregadas de uma raiva quase palpável, eu praticamente posso vê-la se materializando em fumaça preta, podre. O sorriso que meu pai tinha no rosto até agora some, dando

lugar à expressão aborrecida que meu irmão encarava todos os dias.

– Nunca mais diga isso! Eu amava sua mãe, faria qualquer coisa por ela! – ele grita ainda mais do que eu, parecendo perturbado.

– Mentiroso, desgraçado! É tudo culpa sua! – me descontrolo.

Tudo perde o sentido. Um borrão toma conta da minha visão, deixando um espaço único para o rosto do meu pai. Sou dominada pela necessidade de matá-lo, de estrangulá-lo com minhas próprias mãos, de sentir sua vida se esvaindo a cada tentativa inútil de puxar o ar. Estou prestes a ir em sua direção, mas sou puxada pela cintura.

– Se acalma, agora – Darion sussurra no meu ouvido, e posso sentir seu ódio disfarçado em palavras calmas.

– Celine – a voz do meu pai volta a ficar controlada e tranquila, como se ele não estivesse gritando há segundos atrás – eu entendo sua raiva, e você precisa reconhecer que conhece apenas uma versão da história. Eu sou seu pai, eu te amo. Estou aqui por você.

De repente, toda essa situação se esclarece e o óbvio fica evidente. Sim, ele está aqui. Tudo isso está acontecendo porque ele está aqui. Ele não só matou minha mãe, matou também meu irmão.

Será possível que o homem que me deu a vida seja o responsável por toda minha dor? Ele tirou minha mãe de mim há anos, agora voltou para buscar meu irmão.

– Você matou Julio – concluo baixo, a tristeza maior do que a raiva.

– Chega! – ele volta a se descontrolar, me mostrando o quanto somos parecidos: corações capazes de alternar emoções em questão de segundos, sentimentos que falam mais alto do que a razão. Essa percepção de semelhança me deixa enjoada – Eu sempre amei minha família, nunca machucaria nenhum deles! A morte da sua mãe foi uma fatalidade, uma desgraça que eu preferia que não tivesse acontecido. O mesmo para seu irmão. Agora, eu preciso que você se acalme. Eu não atravessei o deserto para brigar com você dessa maneira. Eu vim te buscar.

– Como é? – escuto os passos de Max se

aproximando de mim – Ela não vai a lugar algum.

Meu pai ignora Max, nem sequer desvia o olhar para ele. Eu faço o mesmo. Estou entorpecida, sem reação. Mãe amorosa morta. Irmão protetor morto. Pai assassino vivo. Por quê?

– Minha filha, como eu disse, você escutou apenas uma versão da história – ele se acalma e volta a falar de maneira serena – entendo que seu irmão tenha falado que eu sou um monstro, porque ele me enxergava dessa maneira. Mas isso não significa que ele estava certo. Ele também conhecia apenas um lado da história.

Sua voz tranquila, que tenta em vão transmitir carinho, me desperta do torpor. O que mais me irrita em sua fala é a maneira como ele usa os verbos relacionados a Julio no passado, já conformado com sua morte. Pai de merda!

– Não fala do meu irmão! Não ouse falar do meu irmão!

– Eu amava seu irmão, Celine!

– Como você pode dizer isso, depois de ter se aliado ao seu assassino?! – digo e olho para Jafar com todo o meu desprezo.

Percebo como o foco da minha raiva vai se alternando: meu pai, eu mesma, Jafar. Tudo bem, há raiva para todo mundo. Raiva é o que não falta em mim, nunca faltou.

– É esse seu problema, filha? Jafar?

Não tenho tempo de responder, tudo acontece muito rápido: meu pai olha para Tonito, assentindo levemente. O líder dos guerreiros da areia tira uma faca da cintura e, antes que Jafar possa sequer perceber o que está acontecendo, passa a lâmina por sua garganta.

Minha boca se abre com o choque. O sangue de Jafar espira para todos os lados, seu corpo levanta poeira ao cair no chão de uma vez.

Tonito limpa o sangue da faca na calça e a guarda novamente na cintura, como se a tivesse usado apenas para descascar uma fruta. Olho para Jafar, vendo a expressão em seu rosto sem vida. Seus olhos continuam abertos, mas ele não parece assustado. Não teve tempo de entender que ia morrer.

Esse é meu pai: ataca rápido e covardemente, não dá oportunidade de defesa para seu inimigo.

Julio não teve a menor chance, agora eu sei. Imagino a confusão nos olhos do meu irmão ao descobrir que nosso pai estava vivo, se é que lhe deram o privilégio da verdade. Sinto a preocupação que ele sentiu por mim, quando percebeu que não poderia mais me proteger.

– Sente-se melhor? – meu pai me pergunta. Olho para ele, mas não consigo responder nada – Eu precisava de Jafar para chegar até você, querida. Nunca foi meu plano matar Julio. O líder dos aligortes agiu pelas minhas costas, agora teve o que mereceu – olho para o homem no chão mais uma vez – venha, querida. Você não está mais sozinha, seu pai voltou. Venha, eu vou cuidar de você – ele diz com a voz aveludada, estendendo a mão para mim.

– Ela não vai a lugar nenhum, seu filho da puta. É melhor você recuar, ou eu vou mandar atirarem e não sobrar nada de vocês – vocifera Max.

Pela primeira vez, meu pai o encara. Seu olhar é frio, estratégico. Para ele, Max é apenas uma peça no seu jogo, um peão que o impede de avançar no tabuleiro.

– Max, Max, Max – ele divaga, e eu posso ver Pietro em seu lugar, divagando seu nome três vezes antes de tentar matá-lo – sabe, não era você que eu pensei que seria um problema para mim. Mas não é que você está me saindo um belo estorvo?

Meu pai dá um sorriso sugestivo, voltando a me encarar com olhos perspicazes. Eu entendo muito bem seu recado, ele está ameaçando Max. Jorge não apenas ataca pelas costas, ele também brinca com seu psicológico, explora suas fraquezas, seus medos.

Aperto a mandíbula com força, sentindo meu nariz tremer. Estou prestes a explodir, é fácil reconhecer os sinais. A vontade de matar meu pai está quase me dominando. O que eu mais quero nesse momento é ver sua cabeça indo pra trás pelo impacto de um tiro, como aconteceu com minha mãe.

Mas sei que isso significaria a morte dos meus guerreiros, do meu povo. Mesmo com as armas da fortaleza, o exército da areia é muito grande. Quantos guerreiros do deserto os amigos de Max

conseguirão matar antes de serem atingidos, antes de suas munições acabarem? Eu não tenho condições de lutar, estou fraca, esgotada. Sei que meus companheiros estão como eu, alguns até piores.

Abaixo a cabeça e fecho os olhos, ignorando a tontura que sinto ao fazer isso. Eu me sinto devastada, derrotada, mas fui treinada para lidar com situações como essa. Muito bem treinada.

Forço meus sentimentos a se acalmarem, a permitirem que minha razão me traga uma solução. Resgato os ensinamentos do meu irmão, de Diná.

Volto a encarar meu pai, que estuda meu rosto com atenção. Calculo há quanto tempo ele está pacientemente esperando que eu lhe informe minha posição. É um homem paciente, sabe esperar. Esperou por anos para vir até aqui, certamente planejou seus passos com muita cautela.

Jorge é um adversário forte demais, a verdade é que eu não tenho a mínima condição de vencê-lo hoje. O que não significa que eu vá perder.

Podemos empatar essa batalha, deixar que nossas próximas ações definam o resultado dessa guerra.

Em força bruta, estamos empatados. Ele tem mais guerreiros, eu tenho armas de fogo. Um confronto não será vantajoso para nenhum de nós, o lado que vencer terá muitas baixas. Resolveremos essa situação com uma negociação, não com uma luta.

– O que você quer? – pergunto, finalmente.

– Você – ele responde, sem hesitar. Eu? Ele saiu do deserto apenas por mim? Quem ele quer enganar? – quero mantê-la em segurança, Celine. Você é meu sangue, minha filha.

– Sua resposta me ofende. Acha que sou estúpida?

– Celine, chega. Eu não cruzei o deserto para voltar sem você. Eu gostaria de fazer isso de uma maneira mais branda, mas percebo que a lavagem cerebral que você sofreu é profunda.

– Maneira branda? – grito – Isso é ser brando pra você? – aponto bruscamente para os mortos no chão.

– Querida, acha que eu gosto disso?

– Acho – respondo de imediato.

Ele dá uma risada longa, verdadeira.

– Eu sei que você acha, foi uma pergunta retórica. Você está errada. Tudo o que eu fiz foi pensando em sua segurança, nunca no seu mal.

O homem culpado pelas mortes da minha mãe e meu irmão está me dizendo que quer o meu bem. Ou ele é muito ousado em mentir na minha cara depois de tudo o que fez, ou ele é louco a ponto de acreditar nas próprias mentiras. Eu me sinto tendenciosa à segunda opção.

– Você deixou que eu acreditasse que estava morto, se tornou líder do povo da areia, firmou uma aliança com Jafar para que ele tomasse meu povo, deixou que ele matasse meu irmão e, por fim, trouxe um exército enorme para atacar as pessoas que devo proteger. Tudo isso pela minha segurança? – deixo todo nojo e indignação transparecerem em minhas palavras.

– Exceto a parte que deixei que matassem meu primogênito, sim, foi exatamente isso – meus olhos se arregalam involuntariamente diante da

PERIGOSAS ACHERON

sua audácia em ser sincero – deixei que acreditasse que eu estava morto porque precisava me fortalecer, Celine. Se eu fosse atrás de você fraco, a deixaria vulnerável. A aliança com Jafar foi apenas para te proteger. Infelizmente, ele achou que era esperto o bastante para me enganar. Sabia que eu precisava dele para ter informações a seu respeito e achou que isso o tornava indispensável para mim. Quanto ao exército que mandei atacar as pessoas que você protege, imagine se não fosse eu, seu pai, comandando tudo isso. O que você acha que qualquer outro líder do povo da areia faria com vocês agora? Ou já teria feito, para ser mais realista.

Do que ele está falando? Suas palavras se embaralham em minha mente, não consigo pensar. Não sei se essa confusão é uma reação física causada pelo esgotamento, ou emocional causada pelo ressurgimento do meu maior o inimigo, o pior que poderia ter que enfrentar.

Ele não está disposto a negociar. Apesar das armas de fogo, Jorge sabe que está em vantagem. E eu não encontro nenhuma solução que possa

nos salvar.

Olho para Darion, em busca de ajuda. Sou incapaz de nos tirar dessa situação em segurança. A verdade é que já estou derrotada, meu pai me venceu.

Meu melhor amigo vem em minha direção e para na minha frente. Seu olhar é sério, de um jeito estranho. Ele estende a mão para mim, e a princípio eu não entendo, mas sinto o peso do revólver na minha mão. Entrego a arma para Darion, vendo de relance os arqueiros do povo da areia esticarem os braços, prontos para atirar suas flechas em nós. Escuto o barulho metálico das armas dos amigos de Max, eles também estão prontos para atacar.

Antes que eu possa refletir sobre o quanto essa batalha será sangrenta, Darion torce meu braço nas minhas costas, se posicionando atrás de mim. Depois, sinto o metal gelado da arma na lateral do meu pescoço.

Dois

Darion torce meu braço que levou um tiro, fazendo a dor tomar conta de mim. Posso sentir a ferida se abrindo, o sangue escorrendo até meu cotovelo. Uma descarga de adrenalina faz meu coração disparar, mas não é forte o suficiente para trazer energia ao meu corpo.

Reúno todas as minhas forças para levantar a cabeça, olhando para meu pai. Ele está surpreso e sinaliza para que o povo da areia não atire.

– Recue agora, Jorge, ou eu mato sua preciosa filha – Darion ameaça, mais calmo do que eu esperava.

Tento continuar olhando para meu pai, para saber sua reação. Mas meu braço dói muito, manter a cabeça erguida é difícil demais. Não tenho mais energia, sinto dificuldades até em respirar. Só posso torcer para que o plano de Darion dê certo. Ele se apegou ao fato de meu pai ter dito que veio até aqui por mim, mas acho que

esse argumento é uma grande mentira. Porém, diante da nossa situação, não custa tentar.

– Darion. Olhe só para você. Da última vez que nos vimos, você era apenas uma criança. Promissora, mas apenas uma criança – me esforço para prestar atenção na voz do líder do deserto, captar seu tom. Ele parece calmo, mas é difícil dizer sem ver sua expressão – nem por um minuto sequer menosprezei seu potencial em me atrapalhar. São poucas as decisões das quais eu me arrependo. Manter você vivo é uma delas.

Apesar da confusão que está minha mente, tento focar nas informações que meu pai nos dá, buscando encontrar sentido em suas palavras. Manter Darion vivo? Ele tinha o poder de matá-lo, caso quisesse? Há quanto tempo ele planeja tudo isso?

– Você fala demais, Jorge, sempre falou. Recue agora ou eu juro que meto uma bala nela!

Darion força o cano da arma na minha nuca, machucando minha pele. Escuto meu pai dando risada debochada.

– Acha mesmo que vou acreditar que você seria

PERIGOSAS ACHERON

capaz de matar Celine?

– Olhe bem para mim, Jorge. Eu não sei se você percebeu, mas não tenho muito a perder. E eu faria um favor a ela, impedindo que você a tenha. Estou disposto a fazer sacrifícios. Amo Celine como uma irmã, mas sua vida não vale as vidas de todo o nosso povo. Sei que ela concorda com isso. A pergunta é: quem perde mais com sua morte, eu ou você? – o silêncio reina, não sei o que está acontecendo, qual a reação do meu pai – Recue agora! – Darion grita e puxa meu braço para cima, forçando-o ainda mais.

Solto uma espécie de rugido, sentindo minha garganta arranhar. Mal reconheço minha voz, o som é animalesco. Minhas pernas vacilam, me fazendo cair de joelhos. Darion não solta meu braço, que dói ainda mais com ele o segurando ainda em pé. Penso que vou gritar de novo, mas minha boca apenas se abre, sem produzir nenhum ruído.

– Solta ela agora, Darion! – é a voz de Max, e não preciso olhar para saber que ele está apontando sua arma para meu melhor amigo.

Tenho vontade de mandar Max ficar fora disso, de olhar pra ele de maneira repreensiva para que perceba que está atrapalhando, mas não tenho forças para nada. Sinceramente, não sei nem como ainda estou acordada. Deve ser a adrenalina.

– É agora, Jorge! Tome sua decisão. Sua filha morre ou você vai recuar?

Darion continua puxando meu braço, sinto como se ele fosse estourar. Minha voz reaparece e eu grito como uma criança, lágrimas molham meu rosto. A dor é insuportável.

– Solta ela, Darion! – insiste Max.

– Se você atirar em mim, eu atiro nela, Max! Eu juro por Deus!

Darion e Max gritam freneticamente um com o outro, mas eu não consigo mais distinguir quem é quem. As vozes se embaralham na minha cabeça, estou muito fraca. Minha visão fica embaçada, não sei se pelas lágrimas ou porque estou perdendo a consciência.

– Tudo bem! Tudo bem! – Jorge se rende.

Os gritos cessam. Meu pai diz alguma coisa que

não entendo. Um barulho alto toma conta do ambiente.

Darion me solta, mas mantém o cano da arma na minha nuca. Seguro meu braço ferido, tentando sustentar seu peso, aninhando-o em meu colo.

Uso todas as forças que me restam para levantar a cabeça e olhar para frente. Meu pai continua onde estava, mas seu exército está recuando. Seus olhos queimam de raiva, ele não consegue disfarçar.

Sem desencostar a arma de mim, Darion me pega pela cintura, me levanta e me arrasta para trás. Os soldados da fortaleza ficam à nossa frente, armas em punhos, dedos prontos para puxar os gatilhos.

Entramos na floresta fechada, e eu perco o povo da areia de vista. Sinto o que sobrou de adrenalina deixando meu corpo, o cansaço me consumindo. Tento dizer que preciso de água, mas minha boca não responde aos meus comandos.

Darion me apoia em uma árvore, se abaixa na minha frente e diz algo, mas eu não faço ideia do quê. Seu rosto com traços indígenas é a última

PERIGOSAS NACIONAIS

coisa que vejo antes de apagar.

PERIGOSAS ACHERON

Três

Está escuro, a neblina dificulta ainda mais minha visão. Vejo um homem grande parado à beira de um precipício. Tento me mover para ver seu rosto, mas é em vão. É como se eu flutuasse em cima dele. Sei que isso é um sonho.

Um tempo se passa, até que eu percebo alguém se aproximando. Pela silhueta, sei que é uma mulher. Quando ela se aproxima, reconheço seu cabelo loiro comprido e ondulado. Sou eu.

– O que você está fazendo aqui? – ela pergunta para o homem, parando ao seu lado.

– Eu disse que você me veria em seus sonhos – reconheço a voz de Tito assim que ele diz a primeira palavra.

– Não tenho medo de você.

– É claro que não, sei disso.

– Não me arrependo por ter te matado. Se pudesse voltar no tempo, faria exatamente igual.

Você mereceu.

– Sim, eu mereci. De qualquer maneira, não estou aqui para lhe julgar.

– Está aqui para o que, então?

– Para que você não se esqueça de mim.

– Eu nunca vou te esquecer. Você tirou a vida do meu irmão, isso não se esquece.

– Dizem que nunca nos esquecemos da nossa mãe, mas não é que você está se esquecendo da sua?!

– Eu me lembro da minha mãe.

– Você se lembra de detalhes do seu rosto, de seus movimentos delicados, do seu cheiro?

– Sim.

– Mentirosa.

Fico furiosa ao ver Tito me acusando de mentir, mas meu eu lá embaixo parece não se importar. Ela conversa com Tito de maneira civilizada, como se ele fosse uma pessoa qualquer, como se ele não tivesse matado meu irmão. Sei que ele apenas desferiu o golpe final, obedecendo ordens, mas isso não diminui a raiva que sinto dele.

Tento gritar que ele é um cretino, mas não escuto nada. Sou mera observadora nesse sonho, não posso me manifestar.

– Você não sabe de nada – meu eu diz calmamente para Tito, que dá uma risada.

– Sabe do que eu sei? Que papai está de volta.

– E daí?

– E daí que agora tudo vai mudar. Para o seu bem, espero que mude.

– Do que você está falando?

– Acha que pode vencer Jorge agindo dessa maneira?

– Que maneira?

– Impulsiva. Emotiva. Fraca.

– Eu não sou fraca.

– Não fisicamente. Mas emocionalmente é totalmente desestabilizada, fraca. Seu pai é mais inteligente do que você.

– Meu pai é um covarde.

– Um covarde mais inteligente do que você.

– Foda-se.

– Aposto que ele vai matar Max e Darion primeiro.

O sangue ferve em minhas veias, e eu fico ainda mais nervosa ao perceber que meu eu continua calma, como se Tito tivesse dado bom dia a ela.

– Eu o mato antes.

– Você terá que se apressar.

– Agora?

– Sim, ele está lá embaixo.

Tito dá um passo à frente, se curvando para ver além do precipício. Meu eu faz a mesma coisa, o que a deixa próxima demais da beirada. Tento gritar pra ela tomar cuidado, para ficar atenta ao motivo de Tito a deixar tão vulnerável, mas minha voz não sai.

Meu eu olha para o fim do precipício por um tempo. Para minha surpresa, Tito não aproveita a oportunidade para empurrá-la, apenas a fica observando.

– Você estará aqui quando eu voltar? – meu eu pergunta, olhando carinhosamente para Tito.

Sinto ânsia de vômito.

- Você não vai voltar, é uma viagem só de ida.
- No final, encontrarei meu irmão?
- Hum, acho que não. Você me matou deliberadamente, sem necessidade, apenas por vingança. Acho que você não vai para o mesmo lugar que seu irmão.
- Entendo.

Aquela lá embaixo não sou eu. Ela tem minha voz, tem minha forma, mas não sou eu. Eu jamais deixaria Tito dizer essas coisas sem fazer nada.

Penso que a situação não poderia ficar pior, mas meu eu se supera. Ela se aproxima de Tito e o abraça. Meu estômago revira, me fazendo ponderar se é possível vomitar em um sonho.

– Acho que ainda nos veremos – meu eu diz enquanto ainda envolve Tito com seus braços.

– Ah, sim, certamente.

Sem dizer mais nenhuma palavra, meu eu se vira e se joga no precipício. Penso que vou acordar, que o sonho acabou. Mas continuo no mesmo lugar, vendo Tito parado, observando o horizonte.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Quatro

Acordo zonza. Tento abrir os olhos, sem sucesso. Levo a mão até meu rosto, mas demoro a sentir o toque. Aperto meus olhos com força e espero.

Antes que meus sentidos retornem totalmente, visões do meu confronto com meu pai me assombram. Seu rosto sorridente surge diante dos meus olhos, e a realidade cai sobre mim, de uma vez só. Meu inimigo é meu pai, o homem que matou minha mãe e meu irmão. O homem que se desfaz de pessoas que não são boas o suficiente para ele, que não lhe trazem vantagem. O homem que planejou essa guerra. O homem que tirou a paz da vida do meu povo. Meu sangue, meu pai.

Abro meu coração para a raiva, mas ela não vem. Então me preparo para uma tristeza profunda, mas ela também não aparece. Eu me sinto entorpecida. Talvez seja um bloqueio emocional criado inconscientemente por meu corpo. Talvez seja maturidade, eu sabendo lidar melhor com as

emoções. Ou simplesmente adaptação, eu já acostumada a ser fodida pela vida.

Aproveito esse momento de clareza, sem emoções para me dominar, e reflito. Ter um parente como meu maior inimigo pode soar como a pior coisa do mundo, mas, analisando bem a situação, isso pode me trazer certa vantagem. Além do seu aparente interesse em mim, já que recuou quando Darion ameaçou me matar, eu o conheço. Em uma guerra, não há vantagem maior do que conhecer seu inimigo, saber como ele age, o que o motiva.

No entanto, eu o conheço o bastante? Lembranças de uma criança servem como referência? Mais do que nunca, Julio faria toda a diferença. Acho que nem minha mãe conheceu meu pai como meu irmão.

Mas Julio não está aqui. Eu estou. Sou responsável por ganhar essa guerra, por matar meu pai. E eu o farei, nem que seja a última coisa que eu faça. Sou capaz disso, serei melhor do que Jorge.

Abro os olhos, embora meus sentidos me

indiquem que ainda não é a hora. A claridade me cega, tudo o que vejo é um borrão branco. Viro meu rosto para o lado, na tentativa de diminuir o impacto da luz. Minha garganta está seca, uma sede incontável me domina. Respiro fundo, mas não sinto o cheiro da floresta.

Forço meus olhos a ficarem abertos, apesar do incômodo, e observo onde estou. Logo vejo um copo transparente, cheio de um líquido que parece ser água. Tento me levantar de onde estou deitada, meu corpo demora um pouco para reagir aos meus comandos. Quando consigo, fico sentada e tento pegar o copo, mas percebo que meu braço está preso por uma faixa que envolve meu pescoço. As lembranças de Darion quase o quebrando vêm à tona, me deixando alerta.

Eu me esforço para pegar o copo com o outro braço e cheiro o conteúdo. Água. Tomo tudo em um só gole, me sentindo imediatamente melhor.

Minha visão já se ajustou à luz forte, me permitindo olhar ao redor. Estou em um quarto todo branco, sentada em uma cama alta, coberta com lençóis também brancos. O colchão é

extremamente macio, feito de algum material que não conheço. Em cada lado da cama, há um móvel pequeno feito de madeira, o copo estava em cima de um deles. À minha frente, vejo uma porta com um espelho pendurado. Decido ir até lá para analisar minhas condições físicas.

Ao colocar minhas pernas para fora da cama, noto que meu pé também está enfaixado. Sim, eu o machuquei enquanto corria do povo da areia.

Fico de pé, já contando com a dor, mas ela não me assola. Um torpor físico me atinge, uma sensação esquisita que eu ainda não tinha experimentado. Dou alguns passos vacilantes, me sentindo drogue. Paro na frente do espelho, mantendo certa distância, e examino meu rosto. Entre meus olhos há um hematoma de coloração preta e roxa, foi onde Tito me deu um soco. Minha boca tem um corte bem ao centro do lábio inferior. Estou mais pálida do que o normal, olheiras deixam meus olhos fundos. Um azul sem vida, opaco, toma o lugar de um azul que costumava ser brilhante. Meus cabelos caem soltos em volta do meu rosto e ombros, é a única

coisa que acho bonita em meu reflexo.

Desço os olhos para meu corpo, vendo que estou usando um vestido branco. Posso ver outros hematomas e cortes espalhados por meus braços e pernas. Levanto o vestido até meus seios, o corte da minha barriga parece bom, cicatrizando. Reparo que estou usando uma calcinha branca de algodão. Alguém me deu banho e me trocou. Onde estou?

Penso na fortaleza, imaginando que Max seguiu nosso plano, mas aqui tem branco demais. A ideia de estar morta em outro mundo passa pela minha cabeça rapidamente, e eu quase rio. Se eu estivesse morta, estaria em chamas. O céu não é lugar para mim. Não mais.

Estou indo em direção à porta no instante em que ela se abre. Um senhor magro entra e a fecha atrás de si. Seus cabelos são totalmente brancos, seu rosto carrega rugas profundas. Dou dois passos para trás, mesmo não achando que ele possa me oferecer algum perigo. Ele veste roupas engraçadas, de cor azul escuro. Já vi esse tipo de vestimenta em livros que minha mãe me mostrava, mas me esqueci como se chama. De

qualquer maneira, me lembro de que eram trajes usados por pessoas poderosas antes do vírus.

Esse tipo de roupa só pode existir em um lugar: na fortaleza. E, apesar de simpatizar com a imagem desse velhinho, sei exatamente de quem se trata e que não posso me deixar levar por sua aparência.

– Olá, Celine – ele diz calmamente. Sua voz é de alguma maneira... reconfortante – Muito prazer, eu sou...

– Joseph – completo antes que ele tenha chance de terminar.

O líder da fortaleza sorri de maneira doce, uma expressão comum nas pessoas de idade.

– Como eu temia, meu sobrinho falou sobre mim. Sei que não foram boas coisas, ele me odeia. Mas sei também que você é inteligente o bastante para não se deixar levar pelos outros, não é?

Deixo o peso da minha cabeça pender para um lado, observando Joseph. Realmente, ele não me passa a impressão de ser a pessoa terrível que Max descreveu. Mas eu também pareço ser apenas uma afável garota, e na verdade sou uma assassina

PERIGOSAS ACHERON

que a vida fodeu inteira. Acho que não podemos nos deixar levar pelas aparências.

Opto por não responder sua pergunta. Também não vou demonstrar que acredito em Max quando ele diz que esse velhinho é um monstro. Sou convidada em sua casa, um bom relacionamento entre nós é essencial agora.

– Onde está Max?

– Ele está bem, ficou ao seu lado por um longo tempo. Tive que manipular seus remédios para que você só acordasse após sua saída. Eu gostaria muito de poder conversar com você em particular e sabia o quanto meu sobrinho dificultaria isso. Mas era óbvio que, mais cedo ou mais tarde, ele teria que sair desse quarto por mais do que cinco minutos.

– Você manipulou meus remédios? – estou incrédula.

– Sim. Você poderia ter acordado há um tempo. Mas, como eu disse, queria falar com você em particular.

Estou chocada por ele simplesmente estar dizendo com todas as letras que me dopou.

Poderia esconder isso de mim, mas contou a verdade. O que ele está querendo com isso?

– Quanto tempo eu dormi?

– Vocês chegaram ontem de manhã. Hoje já é noite.

– Onde está meu povo?

– Eles estão bem, Celine. Alguns precisaram de cuidados médicos, como você. Outros foram apenas acolhidos – faço menção de falar algo, mas ele levanta a mão de maneira delicada para que eu me cale – eu sei que você tem muitas perguntas a fazer. Mas, se for possível, eu gostaria de esclarecê-las em outro momento. Acho importante que tenhamos outra conversa antes que meu sobrinho volte.

Fico apenas o observando por alguns segundos, e ele pacientemente espera que eu diga algo. Eu me sinto um pouco cansada, apesar de ter *dormido* dois dias, então dou as costas a Joseph para me sentar na beirada da cama. Depois de acomodada, volto a encará-lo.

– Estou ouvindo.

– Primeiro, gostaria de esclarecer que o único motivo pelo qual deixo meu sobrinho fora dessa conversa é pelo ódio que ele sente por mim. Sei que esse sentimento irracional influenciará qualquer decisão que ele tome, e isso não é bom. Mesmo que eu ofereça algo maravilhoso, ele recusaria por ser eu a oferecer. Sinto informar que vocês não têm esse luxo, me deixaram em uma posição delicada ao virem para cá.

Ele parece estar sendo sincero, mas não sei até que ponto posso acreditar em suas palavras. Não o conheço para julgar suas atitudes.

– Posição delicada?

– Sim, com os guerreiros do deserto.

– Você tem medo do povo da areia?

– Sim, claro que tenho. Eu e minha família lutamos por anos para mantermos nossa casa, para proteger as pessoas que vivem conosco. Os guerreiros do deserto podem acabar com tudo isso.

– Você sabia de tudo que estava acontecendo, não é? – tento manter um tom cordial, mas percebo minha voz ficando mais alta a cada

PERIGOSAS ACHERON

palavra – Sabia que podíamos todos morrer nas mãos do povo da areia e não fez nada!

– O que você queria que eu fizesse, Celine? Que arriscasse a vida da minha guarda para salvar seu pessoal?

– Sim! Vocês não se vangloriam por manter a paz?

– Paz? Ora, por favor. A paz não existe. E, enquanto houver seres humanos vivos, ela nunca existirá. Sempre haverá aqueles corrompidos, isso é inevitável na humanidade. Não foi a quase extinção da raça humana que mudou isso, como podemos ver. Eu sou o líder aqui, fiz o que foi preciso para manter o meu pessoal longe do perigo. Não perca seu tempo me dizendo que você não faria o mesmo.

Fico puta da vida ao vê-lo falar desse jeito, ao assumir sem preocupação que sabia que muitas pessoas morreriam e não fez nada para impedir. Meu irmão poderia estar vivo. Diná poderia estar viva.

Eu me levanto da cama, dando um passo à frente. Para minha surpresa, Joseph permanece

PERIGOSAS ACHERON

calmo onde está, sem recuar. Sua confiança me incentiva a continuar avançando em sua direção, quero vê-lo com medo.

– Celine, se a verdade a deixa nervosa, posso começar a lhe contar mentiras. Prefere dessa maneira?

Paro assim que escuto suas palavras. Ele tem razão, preciso saber a verdade, mentiras não me ajudarão em nada. Max também tem razão, esse cara sabe jogar com a mente dos outros.

Viro o rosto para o lado, mordendo o interior da minha bochecha. Respiro fundo algumas vezes e volto lentamente para a posição em que estava, sentada na cama. Encaro Joseph novamente, abrindo um sorriso mentiroso.

– Continue – digo com falsa doçura ao cruzar as mãos no colo de maneira quase delicada.

Delicadeza é algo que não consigo nem fingir.

– Como eu dizia, a situação é preocupante. Você já sabe que temos armas de fogo, soldados treinados e muito mais. Mas não se engane, o exército dos guerreiros do deserto é muito maior do que o nosso. Eles não têm medo de morrer,

PERIGOSAS ACHERON

uma vez que não têm muita coisa a perder. Isso pode parecer apenas um detalhe, mas é o que definirá vencedores e perdedores. Esses guerreiros nascem e vivem em terríveis condições, habitar o deserto não é fácil. Além disso, eles veem seus entes queridos morrerem desde cedo. Não é uma vida com glórias, logo morrer não é algo tão ruim assim. Aqui, as pessoas crescem no conforto, são felizes. Elas têm muito a perder...

– Ok, ok. Já entendi que você acha que, em um confronto entre vocês, eles vencerão – interrompo.

Esse cara fala demais! E sabe demais, também. Como conheceu os costumes do deserto?

– Você gosta de ir direto ao ponto. Gosto disso – Joseph diz calorosamente, e eu lhe dou outro sorriso, dessa vez ainda mais dissimulado – enfim, por isso nós não nos envolvemos em conflitos com o deserto. Eles vivem longe de nós, não nos incomodam, e retribuímos da mesma maneira. Mas, agora, o deserto quer algo que está comigo: você. E eu não estou disposto a comprar essa briga com Jorge.

– Você conhece meu pai?

Um sorriso orgulhoso, de satisfação, ilumina o rosto do velho. Antes que eu possa insistir para que ele responda minha pergunta, a porta do quarto se abre e Max entra. Ele para, arregalando os olhos, surpreso.

– Que merda você está fazendo aqui?

– Estava preocupado com Celine, ela demorou demais para acordar – Joseph mente descaradamente, deixando claro que não tem problema algum em fazer isso, além de fazê-lo muito bem.

Pela postura de Max, dá pra ver que ele está furioso. E, quando ele fica assim, suas reações são imprevisíveis. Temo que chegue a ser agressivo com o tio, preciso dele para conseguir mais informações. Ele chamou meu pai pelo nome, obviamente o conhece. Além disso, nossa estada aqui é frágil, não posso deixar Max por tudo a perder.

– Max? – chamo.

Ele olha para mim imediatamente, suas feições se suavizam. No entanto, antes de se aproximar,

PERIGOSAS ACHERON

ele encara Joseph com desprezo.

– A gente conversa ainda hoje!

– Será um prazer – o líder da fortaleza responde, sereno. A presença de Max parece não ter lhe afetado em nada – Celine – ele faz um meneio delicado com a cabeça e sai do quarto.

Max se apressa em minha direção com passos largos. Assim que me alcança, repousa as duas mãos no meu rosto, me examinando.

– Como você está?

– Melhor do que eu imaginava. Diga que não tivemos perdas – imploro.

– Não tivemos perdas – ele responde, fazendo eu me sentir aliviada. Depois gruda sua testa na minha e fecha os olhos – você demorou tanto para acordar, fiquei com medo – posso sentir a aflição em suas palavras.

– Eu precisava descansar – reforço a mentira de Joseph.

– O que meu tio queria?

– Dar boas-vindas – Max faz uma careta, desconfiado, mas não dou tempo para que me

questione – onde estão todos?

– Estão bem, não se preocupe.

– Reúna os guerreiros, precisamos conversar.

– Eles já estão reunidos, estava indo me encontrar com eles. Você demorou muito para acordar, decidiríamos o que fazer sem você. Passei aqui só pra te dar um beijo.

– Me leve até lá – exijo.

– Celine, calma. Sei que você está louca para falar com todos, para traçar uma estratégia. Mas, antes, você precisa se alimentar e ver um médico. Uma coisa de cada vez.

– Max, meu pai está lá fora planejando a melhor maneira de acabar com a gente. Não temos tempo, vou conversar com meus guerreiros. Mais tarde, vou comer e fazer o que mais você achar necessário.

Estou mentindo para ele. Vou fazer o que eu achar que devo, independente do que ele achar que é melhor para mim. Não me orgulho dessa atitude, mas preciso fazer o que é certo. Max tem demonstrado um excesso de zelo por mim, sei que

ficar desacordada por tanto tempo acentuou isso nele. Não há tempo para negociar, tenho uma guerra para ganhar, um demente para deter.

Ele fica me olhando, pensando no que fazer, como se a escolha fosse dele. Espero, fingindo paciência, só para evitar confusão.

– Espere aqui, vou pegar roupas para você.

Ele beija minha testa e vai em direção à porta. Olho para baixo, para o vestido branco que estou vestindo.

– Me diz que foi você quem me deu banho e colocou esse vestido em mim.

Ele para com a mão na maçaneta, olhando para mim.

– Como se fosse possível eu deixar outra pessoa tirar suas roupas.



PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Cinco

Saímos do quarto e seguimos por um longo corredor, cheio de portas. Quanto mais avançamos dentro da fortaleza, mais ela se assemelha com um labirinto. É tudo muito igual: portas, corredores, paredes, chão. Nada que diferencie um espaço do outro. Isso que eu chamo de padrão!

Caminhamos devagar, da maneira que eu consigo com um pé imobilizado quase que completamente. Quando chegamos à beira de uma escada, Max se posiciona para me pegar no colo.

– Eu consigo.

– Eu sei que sim. Mas para que se esforçar, se estou aqui?

Sorrio e permito que ele me pegue em seus braços. Descanso a cabeça em seu ombro, reparando nas pessoas que passam por nós no sentido contrário. Elas se demoram nos observando. Max parece nem perceber, ou não

ligar.

Após as escadas, seguimos em mais um corredor, idêntico a todos os outros. Eu me mexo no colo de Max, tentando voltar para o chão.

– Fica quieta, Celine.

– Me coloca no chão – ordeno.

Não quero que as pessoas pensem que sou fraca, que preciso de ajuda para me locomover. Já tive machucados piores e sempre consegui andar por aí.

– Não.

Engulo um xingamento e apenas encaro Max, demonstrando com um olhar feroz toda a irritação que ele desperta em mim. Fico indignada com sua facilidade em me desobedecer, sem considerar a gravidade da situação que estamos enfrentando. Ele continua caminhando, olhando para frente com uma expressão indiferente.

Eu poderia falar um monte para ele, dizer o quanto está sendo infantil e estúpido. Mas, além de estar sem paciência, sei que minhas palavras não causarão efeito nele. Então, me aproximo do

seu pescoço e mordo com força. Entre nós, o físico sempre funcionou melhor do que as palavras.

– Ai! – ele reclama, apertando a mão que me segura pelas costas. Deixo escapar um gemido de dor, e ele me coloca no chão – Caralho, Celine! Qual o seu problema?

– Está de brincadeira?! Estamos na fortaleza, eu não conheço ninguém aqui. É uma boa hora para demonstrar fraqueza?

– Af, que drama – resmunga.

Nossa, quanto amadorismo! Gostaria de dizer que é por pensar assim que ele recebe ordens, enquanto eu ordeno. Mas brigar com Max é a última coisa que preciso agora, melhor pegar leve.

– Estou quase dando na sua cara, seu filho da puta!

Ele me observa com os olhos semicerrados, depois olha para os dois lados no corredor. Após se certificar de que não há ninguém por perto, ele me segura com as duas mãos pela cintura, me levanta poucos centímetros do chão e dá dois passos para frente, me levando junto. Em seguida, me encosta na parede, me coloca no chão

PERIGOSAS ACHERON

novamente e aproxima seu rosto do meu.

– Não me provoque, Celine.

Perco o ar ao ver o desejo em seus olhos. Até quando meu corpo vai reagir a ele dessa maneira?

Obviamente, opto por provocá-lo ainda mais.

– Não tenho medo de você! – rebato, petulante.

Ele sorri maliciosamente e envolve meu pescoço com uma mão, seu polegar roçando minha boca. Tento morder seu dedo, mas ele o afasta antes que eu possa. Faz que *não* com a cabeça, bem devagar.

– Já me mordeu demais por hoje.

– Quero mais – sussurro.

Ele me surpreende ao passar o braço ao redor da minha cintura sutilmente, sem nenhuma agressividade, me puxando para mais perto. Nossos lábios se encostam vagarosamente, e eu levo minha mão livre até seu rosto. Antes que ele comece a me beijar, mordo de leve seu lábio inferior, fazendo-o sorrir para mim.

– Senti tanto medo de perder você – ele me diz tão baixo que por pouco não escuto.

– Estou aqui.

Então ele me beija com suavidade, sem pressa. Sinto uma leve pontada no meu lábio que está cortado, e me pergunto se é só por isso que ele está sendo tão delicado. Aproveito o momento, retribuindo todo seu carinho. Nossas línguas se encontram, se massageando. Seu beijo é delicioso, eu me sinto viva como não me sentia há um tempo. Desde que ele me beijou pela última vez.

De repente, do nada, ele interrompe nosso contato e se afasta. Meu corpo quase dói com a separação repentina. Faço um bico, demonstrando que não gostei.

– Mais tarde a gente continua.

Estou prestes a fazer um bico maior ainda, mas Max me indica uma porta. A vontade de vencer essa guerra supera meu desejo, e eu não perco mais tempo. Entro na sala indicada, dando de cara com os familiares rostos dos meus guerreiros, os resquícios de nossa última batalha evidentes em cortes e hematomas.

Eles me recebem com alegria, e eu chego perto de me sentir em casa. Cada um demonstra seu

alívio pela minha melhora do seu jeito: Arthur faz piadas envolvendo a bela adormecida, Líria me dá um abraço rápido, José afaga minhas costas com carinho e Jess apenas assente, claramente desconfortável. Darion espera pacientemente que sua vez chegue, assistindo a cena de um canto solitário da sala.

Eu me aproximo do meu melhor amigo, percebendo o quanto sua presença me faz sentir mais confiante. Ele me abraça pela cintura, e eu me permito demorar um pouco em seus braços. Seus dedos correm pelas pontas do meu cabelo, espalhando arrepios por minha pele. Reajo com pequenos espasmos e sinto seu sorriso no meu ombro. Eu me aperto ainda mais contra seu corpo, seu cheiro faz eu me lembrar da nossa floresta.

Estamos enfraquecidos fora do nosso território. Estar em casa é uma vantagem, sei disso. Mesmo querendo ficar parada, apenas recebendo os carinhos de Darion, temos muito a discutir. Corro meus olhos por meu pessoal, e logo noto a ausência de Norah, Nyfer e Luke.

– Onde estão Norah e Nyfer? – pergunto a Max,

optando por não citar Luke. Ele não é um guerreiro, não me sinto culpada por deixá-lo de fora dessa conversa.

– Na enfermaria. Eles precisaram ser medicados, como você.

– Estão bem?

– Sim, melhorando.

– Não podemos trazê-los para cá?

– Acho melhor não, estão medicados, descansando. Podemos colocá-los a par dessa conversa mais tarde, como faríamos com você, se não tivesse acordado.

Não gosto da ideia, mas entendo seus argumentos. Não vou exigir algo que não seja essencial, podemos traçar uma estratégia sem a presença de Norah e Nyfer. Temos Jess para contribuir com as informações sobre o deserto.

Observo a sala escolhida por Max. Sem janelas, ótimo. Me afasto da porta, sinalizando para que todos façam o mesmo. Existe a possibilidade de Joseph escutar atrás das portas, e quero minimizá-la o máximo possível.

Decido não perder tempo perguntando como estão ou o que acham de estarmos aqui. Eles foram treinados para pensar como eu, sei como se sentem.

– Já temos nosso inimigo: o povo da areia. Mas, agora, vamos focar em seu líder – todos me observam com cautela, receosos – olha só, sei que isso é desconcertante. O desgraçado é meu pai. Porém, apesar de achar que a raiva que sinto por ele é um potencial propulsor, precisamos deixar isso de lado e o tratar como um inimigo qualquer. A cara de pena de vocês está me irritando.

Todos ficam sem graça, mas Darion não deixa esse sentimento crescer.

– O que sabemos sobre Jorge? – ele inicia nosso ritual.

Minhas lembranças resgatam a voz de Julio: *conheça seu inimigo, adiantar seus passos é a maior vantagem que você pode ter*. Me preparo para ser inundada de tristeza, como costuma acontecer quando penso no meu irmão, mas tudo o que sinto é orgulho. Isso significa que superei sua morte? Ou minha determinação em vencer

essa guerra está bloqueando qualquer sentimento que me desestabilize?

– Ele tem medo da fortaleza, por isso deixou que todos pensassem que ele estava morto – começo as reflexões – só se revelou após garantir um ótimo exército. Eu achei que ele estava mentindo ao dizer que veio até aqui para me buscar, mas recuou diante da possibilidade de me perder. Depois de tudo, recuar certamente foi difícil. Se ele o fez, é porque realmente sou importante pra ele.

– Ele quer a filha de volta? – pergunta José, descrente.

– Não – responde Darion, a mão direita massageando o queixo, pequenos passos em direções aleatórias – desculpe, não dá pra acreditar nisso. Ele matou o próprio filho, não é um cara que valoriza os laços familiares.

– Será que foi ele mesmo que matou Julio? – pondera Arthur.

– Sim, Jorge ter eliminado Jafar confirma isso. Se sua motivação fosse vingança, ele já o teria feito. O líder dos aligortes morreu porque sabia demais, era uma testemunha para comprovar que a ordem

de matar Julio veio do deserto.

– Pode ser, tudo isso pode ser verdade. Mas não imagino Jorge armando algo tão grandioso apenas pela filha. Celine não é uma conquista tão maravilhosa para justificar o início de uma guerra – Darion nem perde tempo escolhendo as melhores palavras para compartilhar sua opinião.

– Ai! – Arthur brinca, com a mão sobre o peito como se tivesse levado uma facada.

Apesar de a situação ser séria, não contenho um sorriso, que logo se transforma em uma gargalhada, acompanhando o divertimento de todos.

– Ok, concordo. Não sou tão maravilhosa assim – espero que os risos cessem, e trago a seriedade de volta para a conversa: – o que faria Jorge mover essa guerra, se não o reencontro com a filha?

– Poder – com apenas a primeira palavra, Jess já consegue demonstrar o repúdio que sente – tudo o que o rei busca é poder. Matamos muitos líderes que não representavam perigo e não tinham muito a nos oferecer só para que o rei dissesse que aquele território passou a ser dele. Ele quer

dominar, quer que o mundo todo o obedeça. Seu pai é doente – ele diz a última frase olhando pra mim, com o indicador da mão direita apontando para a própria cabeça.

As palavras de Jess não me surpreendem, bem como o desprezo que nutre por seu ex-líder. Ser o rei do povo da areia não basta, não sacia mais a ganância do meu pai. Ele quer mais, quer ser o rei do mundo.

– Jorge sempre foi guiado pelo poder – reflete Darion – quando traiu nosso povo, era isso que ele buscava. Ele queria o poder...

– Da fortaleza – completo.

Max cruza os braços, em um movimento involuntário. Apesar de não fazer mais parte da guarda da fortaleza, o instinto de proteção para com o povo em que nasceu ainda bate forte em seu peito.

– É isso – diz Arthur – ele quer dominar a fortaleza, conseguir armas. Recuperar a filha seria apenas um bônus, um objetivo secundário.

– Meu pai não é o tipo de homem que traça objetivos secundários – começo a andar pela sala,

PERIGOSAS ACHERON

fragmentos de informações se juntando em minha cabeça, formando algo sólido – ele não me vê como bônus, e sim como a chave que abrirá as portas da fortaleza.

– Ele te conhece, sabe como toma decisões, sabe como foi treinada para pensar, para agir. Ele adiantou seus passos, exatamente como estamos tentando fazer com ele agora. Jorge nos queria aqui, sabia que Max nos traria pra cá – Darion acompanha minha linha de raciocínio.

– Comigo aqui dentro, ele pode me usar a seu favor. Oferecerá segurança ao nosso povo, em troca me pedirá para ajudá-lo a invadir a fortaleza. Eu poderia enfraquecer a guarda, abrir os portões... Meu pai sabe que concluímos que não temos chances de vencê-lo, depois de ver seu exército. Ele sabe que sou capaz de qualquer coisa para proteger meu povo, acha que só tenho duas opções: ajudar o deserto a destruir a fortaleza ou assistir meu povo ser destruído também.

– Pera aí – Max nos interrompe – esse plano seria falho. Ao nos trazer para cá, ele corre o risco de nos aliarmos à fortaleza e juntarmos forças contra

ele.

– Isso não é uma falha, é apenas um risco – rebate Darion – um risco pequeno, por sinal. Ele teme apenas as armas que vocês têm aqui, não sua guarda. Alguns guerreiros bem treinados a mais não faria tanta diferença no exército da fortaleza. Por outro lado, se seu plano desse certo e Celine o ajudasse a roubar as armas, Jorge nem precisaria arriscar seus homens em batalha.

– Certo, o deserto tem interesse em Celine – ressalta Líria, objetiva – como usaremos isso a nosso favor?

– Só tem um jeito de sabermos – todos me olham em expectativa – vou negociar com ele, confirmar o que tem a oferecer e o que quer de mim.

– Não – Max intervém – vamos conversar com Joseph e propor uma aliança. Atacaremos primeiro, antes que o deserto tente fazer o mesmo. Vencemos e todos saem ganhando. Nós recuperamos nossa segurança e lar, e Joseph elimina a possibilidade de ser atacado pelo deserto a qualquer momento.

– Esse pode ser nosso plano B, caso eu não tenha

PERIGOSAS ACHERON

êxito na negociação com meu pai. Devemos evitar um confronto o máximo que pudermos, essa batalha será sangrenta. Além das perdas, devemos considerar a possibilidade do deserto vencer. Isso seria devastador.

– O que você acha que pode conseguir negociando com seu pai? Está disposta a se voltar contra a fortaleza para ajudá-lo?

Ignoro o tom acusatório de Max, inclusive sua ousadia em considerar que eu poderia fazer algo que beneficie o assassino do meu irmão.

– Não tenho nenhuma intenção em aceitar qualquer proposta de Jorge, mas ele não precisa saber disso. É importante que saibamos o que ele quer de nós e o que tem a oferecer. Essas informações são importantes caso precisemos negociar com Joseph, se a guerra se mostrar inevitável.

– O que mais você tem em mente, Celine? – Darion me conhece bem demais.

– Luke me disse que muitos dos guerreiros do povo da areia não são leais a meu pai, apenas obedecem suas ordens por não terem outra

opção. Ele é o tipo de líder que impõe respeito por medo, não por lealdade. Essa guerra existe apenas por sua vontade pessoal. Com ele morto, isso tudo pode acabar.

– Acha que será capaz de matá-lo? – Max desdenha.

– Acho que sou capaz de tentar – respondo, ácida.

Desde quando ele não confia em mim?

– Jess, acha que os guerreiros do deserto abandonariam essa guerra, se o rei morrer? – questiona Arthur.

– Pode funcionar.

– Se entregar para o inimigo não é um bom plano. Não seja estúpida, Celine – Max insiste em ser do contra.

Sua resistência desperta a fadiga em mim. Começo a me sentir exausta, apesar de ter descansado por dois dias. Sei que não posso vencer essa discussão com Max, nem tenho energia para tentar. Mas sei, também, que não dependo do aval dele para nada. Eu tomo as

decisões aqui.

Olho para Darion, buscando por auxílio. Se ele concordar comigo, a decisão estará tomada.

– Não sei – ele responde.

– Tudo bem, não precisamos tomar essa decisão agora. Conversarei com Norah e Tereza para saber o que eles acham que pode acontecer se o rei for morto.

– E se eles nos atacarem enquanto pensamos? – alerta José.

– Meu pai é paciente. Esperou até agora para fazer tudo isso, vai esperar um pouco mais para saber qual postura adotaremos. Acho até que conta com a possibilidade de irmos negociar com ele. E, se eu estiver errada e formos atacados, lutamos. Não vamos tomar essa decisão no calor do momento. Seremos pacientes, agiremos na hora certa – eles assentem com a cabeça e eu distribuo as ordens: – Max, não proponha nada ao seu tio antes de falar comigo, por favor. Tente descobrir com alguém que você confia o que ele está achando disso tudo, o que planeja fazer a respeito. Qualquer informação ajuda. Darion, ache

PERIGOSAS ACHERON

um ponto de observação e descubra como está a situação lá fora. Onde está o exército da areia, quantos guerreiros estão aqui, quantos ainda estão no deserto... Evite sair, mas, se for preciso, o faça com muita cautela. Os outros, fiquem atentos. Expliquem ao nosso povo a situação, deixando-os alertas. Alguma coisa que ouvirem pode se tornar uma informação valiosa, mostrem a eles o que procurar discretamente. Eles devem ser úteis, peçam que se relacionem com as pessoas daqui, criem vínculos. Joseph gosta de parecer um líder humanizado, não assumiria que mandou pessoas para a morte. Se ele nos expulsar, as pessoas daqui sentirão nossa falta. O líder terá que dar explicações, talvez isso traga mais estabilidade para nossa estada. Precisamos de armas, qualquer coisa ajuda. E, pelo amor de Deus, não arrumem confusão. Nossa permanência aqui é sensível, a última coisa que precisamos é justificar nossa expulsão antes de decidirmos o que fazer. Vou falar com Norah e Tereza e, se eles concordarem que temos uma chance de impedir essa guerra matando meu pai, é o que tentaremos. Se será por

meio de uma falsa negociação ou um ataque direto, decidiremos com as informações de Max e Darion. Nos reunimos aqui, novamente, em duas horas.

Seis

Fora da sala, Max indica o caminho para cada um, para que não se percam nesse labirinto. Enquanto caminhamos até o quarto de Norah, ele vai batendo o pé, emburrado.

– Você não confia mais em mim? – pergunto, direta.

Ele se coloca na minha frente, impedindo minha passagem.

– Do que você está falando?

– Eu gostava quando você confiava em mim. Gostava de você ser diferente de Darion e Julio, de não ficar querendo me proteger o tempo todo.

– As ameaças mudaram, os riscos aumentaram. Sua segurança é minha prioridade – ele resolve ser tão direto quanto eu.

– Isso está errado! Você é um guerreiro do nosso povo, sua responsabilidade é manter todos a salvo. Isso não pode se limitar a mim, outras pessoas

dependem de você. Pessoas que, ao contrário de mim, são incapazes de lutar pela própria segurança – ele fica me olhando, ainda enfezado. Já esperava por esse argumento, vou ter que apelar – honre sua posição, você a tem porque Julio confiava em suas habilidades. Ele contava com você em situações como essa, eu conto com você. Não nos decepcione, Max. Não agora que preciso da sua força mais do que nunca. Todos precisam – seus olhos se arregalam conforme eu vou falando, correm por todo meu rosto com velocidade – nem sempre o que queremos e o que é certo coincidem. Seja o homem que eu acho que você é, e escolha o certo.

Depois de um tempo horrorizado, ele olha para baixo, abalado. Coloca as mãos na cintura, respira fundo, e volta a olhar para mim, deixando transparecer sua frustração.

– Sei que você está certa, Celine – ele diz com uma calma inesperada, mas logo volta a endurecer o olhar – mas, desculpe, seu plano de ir encontrar seu pai para uma negociação é muito estúpido.

– O que você sugere? Um ataque? Quantos

morrerão antes de sabermos se seremos vencedores ou perdedores? Se existe a possibilidade de impedirmos uma batalha, devemos tentar. E eu não sou nenhuma idiota, Max. Sei lidar com meu pai, não farei nada que coloque em risco a minha segurança. Não quero morrer, não quero apanhar. Para isso dar certo – aponto com o indicador para mim e, em seguida, para ele – você vai ter que confiar em mim, assim como eu confio em você. Ou você acha que foi fácil mandá-lo sozinho buscar ajuda na fortaleza sem saber o que te esperava no caminho? Acha que foi fácil ignorar que eu corria o risco de perder você, e ainda ter que conviver com a culpa de que foi um erro meu que lhe mandou para a morte? Mas eu fiz o que deveria ser feito, fiz o que fui treinada para fazer. Não foi fácil, mas eu fui capaz. Você também é, sei disso. Se não fosse, meu irmão não o colocaria para lutar ao meu lado.

Com minhas últimas palavras, finalmente ele desmorona, da sua maneira. Solta o peso da cabeça, deixando-a tombar para baixo, e massageia os olhos. Permaneço firme, aguardando

sua reação. Sem olhar para mim, ele me puxa pelo ombro e me abraça.

– Desculpe – sussurra.

Seu tom parece sincero, mas, não sei porquê, ele não me convence. Será que está fazendo um teatro para encerrar o assunto, já que ele percebeu que não vai conseguir me dobrar dessa vez? Não, estou exagerando. Escolhi muito bem minhas palavras, ele não conseguirá ignorá-las.

Antes que eu possa retribuir seu abraço, Max me solta e começa a caminhar, me puxando com ele pela mão. Não sei se está evitando que a conversa se estenda, ou se está envergonhado por ter se emocionado. Seja o que for, decido dar o assunto por encerrado. Não tenho tempo para ficar preparando Max emocionalmente para essa guerra. Ele terá que se virar para controlar suas emoções, assim como eu, como todos.

Chegamos até o quarto de Norah, e Max se despede rapidamente de mim, me dizendo que vai tentar descobrir algo que possa nos ajudar. Ele está estranho, o que me faz refletir quanto a que tipo de sentimento despertei nele. Foda-se! A

única coisa que posso fazer agora é confiar no meu guerreiro, e isso é fácil para mim.

Deleto Max dos meus pensamentos e respiro fundo. Essa conversa com Norah não será fácil. O líder que ele odeia e o fez abandonar seu lar é meu pai. Situação complicada de se explicar.

Bato na porta duas vezes, espero alguns segundos e entro no quarto fazendo o mínimo de barulho possível. Norah está deitado na cama mais próxima à porta, sem camiseta e com a barriga enfaixada. Vários machucados se destacam em sua pele, principalmente em seu rosto. Ele tem os lábios entreabertos e respira pela boca, o peito subindo e descendo calmamente.

Nyfer ocupa a próxima cama. Ele também dorme, mas parece muito mais confortável. Está de lado, os braços e pernas jogados desajeitados, o rosto com alguns ferimentos leves.

Tereza se mexe no sofá que fica no canto do quarto, tomando cuidado para não acordar Savana, que repousa em seu colo. Segurando a cabeça da menina adormecida com delicadeza, ela se levanta e se posiciona ao meu lado.

– Como eles estão? – sussurro para ela, observando a expressão preocupada no rosto de seu filho.

– Vão ficar bem, o pior já passou. Agora é só esperar que se recuperem. Eles têm bons remédios aqui, e nossos guerreiros têm o corpo forte.

– Eles já acordaram?

– Sim, você foi a única a nos dar um susto.

Sorrio para ela e olho para Savana, que continua dormindo tranquilamente.

– Luke? – pergunto, um pouco relutante.

– Está bem também, ficou aqui a maioria do tempo. Foi ver como está o nosso pessoal, deve voltar em breve. E você, como está?

Paro de sorrir sem vontade, deixando transparecer minha preocupação. Tereza precisa saber o que está acontecendo.

– Acho que não estamos seguros aqui, apesar da acolhida. Conversei com o líder, e ele se mostrou incomodado com nossa presença. Ele teme o povo da areia, não acho que ficará do nosso lado nessa

guerra. Achamos que talvez meu pai tenha vindo até aqui porque tem interesse na fortaleza e seus recursos. O que você acha?

– Seu pai é um homem ganancioso, menina. Ele sabe que os recursos daqui o tornariam mais forte.

– Você acha que os guerreiros do deserto podem se voltar contra o rei? – ela me encara, um pouco surpresa – Se ele morrer, quero dizer. Se eu for até lá e matar meu pai, acha que os guerreiros continuariam essa guerra sem ele?

– Você pretende ir até o rei?

– Se houver a possibilidade de impedirmos uma batalha, sim. Ele gosta de mim. Posso não ser o motivo por ele ter começado essa guerra, mas certamente Jorge gostaria de me ter ao seu lado. Sou sua filha, seu sangue. Ele não vai me matar sem motivos, e não pretendo dar motivos a ele.

– Os guerreiros obedecerão ao próximo líder. Foram treinados para obedecer sem questionar, é o que farão.

– Quem é o próximo líder?

– Se o rei não nomeou ninguém, seu parente

mais próximo – seu olhar e sua voz se tornam sugestivos.

A ideia rapidamente passa pela minha cabeça: eu sou seu parente mais próximo? Rio e logo cubro a boca com a mão, impedindo que minha risada acorde Norah, Nyfer ou Savana.

– Você está brincando, né?

– Essa é a tradição.

– Acha que eles me aceitariam como líder?

– Não sei, querida. Norah poderá te ajudar mais com essa questão. Nunca tive contato com o rei ou com quem o acompanha. E não me interesso pelas tradições há muito tempo.

Eu me imagino sentada na cadeira do meu pai, milhares de guerreiros com os rostos pintados de preto esperando minhas ordens. Isso poderia mudar tudo, mas acho muito improvável que seja possível. Eles não aceitariam alguém de fora. Ou aceitariam? Meu pai é de fora, não é?

De repente, um cansaço súbito se anuncia com um bocejo, e eu sinto uma vontade enorme de me deitar. Preguiça? Nem sei dizer, acho que nunca

senti isso antes. Deve ser efeito dos remédios.

Uma sirene soa em minha mente: e se Joseph não apenas manipulou meus remédios para que eu dormisse por mais tempo, mas também para que eu me sentisse fraca, sendo incapaz de reagir caso fosse necessário?

O barulho da porta se abrindo me desvia dos meus questionamentos. Uma mulher idosa toda vestida de branco, claramente uma enfermeira, entra com passos incertos.

– Celine? – ela pergunta olhando para mim.

– Sim – respondo após fazer uma anotação mental para não ingerir nenhum outro remédio, caso ela tente me dar algum.

– Max me mandou. Venha, vamos tirar essas faixas do seu pé e braço.

Olho para baixo, para meu pé que não dói como deveria. A enfermeira me olha afetuosa, esperando pacientemente que eu diga algo. Ela parece inofensiva, e eu me pergunto se estou ficando paranoica.

Desconfiar de tudo é um sintoma de mente

doente? Meu pai é doente da cabeça? Isso é hereditário?

A enfermeira pigarreia, chamando minha atenção. Estou muito dispersa, desde que acordei. Eles podem estar me dopando.

– Preciso mesmo tirar as faixas? – apesar de saber que é importante que meu pé e braço se mexam livremente, tenho a impressão de que essa é apenas uma desculpa para que eu tome mais remédios.

– Sim, foi só uma precaução para que você não os mexesse muito enquanto dormia – ela se aproxima de mim e enlaça seu braço no meu, como se fôssemos íntimas – vamos, você ainda precisa descansar.

Acho estranho ela me dizer que preciso de descanso, já que sabe que fiquei desacordada por dois dias, uma vez que é enfermeira. Eles me querem numa cama?

Peço para Tereza acordar Norah em breve, dependendo de informações que ele talvez tenha para definir nossa estratégia, e vou com a enfermeira, mesmo desconfiada. Quero saber quais suas

intenções, que, provavelmente, refletem as intenções de Joseph.

Deixo que ela me guie pelos corredores, ainda com o braço enlaçado no meu. Conforme andamos, a idosa dá tapinhas na minha mão, em uma clara tentativa de me reconfortar. Olho para ela, que sorri docemente para mim, deixando as rugas em seu rosto maiores com o movimento dos lábios.

É estranho, mas vou me sentindo mais tranquila a cada passo. Acho que tenho uma certa queda pelos idosos. Talvez a sabedoria trazida pela idade faça com que os velhos saibam lidar melhor com as pessoas. Ela já identificou meu perfil, sabe como lidar comigo, como me tranquilizar?

Chegamos a um quarto maior dos que eu conheci, com várias camas vazias. Apesar do espaço enorme, estamos apenas eu e a enfermeira. Instintivamente, procuro por uma arma que esteja ao meu alcance. Logo depois, me divirto com tamanha desconfiança. Essa enfermeira é apenas uma velha, não pode me machucar. De qualquer maneira, quando ela me pede para

deitar, escolho uma cama próxima a uma bancada com alguns objetos pontudos.

Enquanto ela tira a faixa do meu pé, tenho vontade de abordá-la sobre os remédios que me deram, perguntar se o preço a se pagar pela ausência da dor é esse cansaço que não me abandona.

– Como você está se sentindo? – ela pergunta, me dando a oportunidade perfeita.

Se eles estiverem tentando me dopar, mostrar desconfiança vai alertá-los. Em contrapartida, não posso ficar no escuro. Talvez a reação dessa senhora me dê alguma dica.

– Muito cansada – prefiro ir com calma.

– Oh, querida – ela se aproxima do meu braço e solta a faixa que o prende. Em seguida, me surpreende ao acariciar meu rosto. Seu carinho injustificado só aumenta minha desconfiança. Tenho vontade de me afastar, mas me contenho – você passou por emoções extremas, isso se reflete em seu corpo – enquanto ela tira a faixa do meu braço, fico me perguntando como ela sabe das minhas emoções – Max me contou sobre tudo,

PERIGOSAS ACHERON

estava tão assustado, coitadinho. Precisava desabafar com alguém.

Ela parece estar sendo sincera. Para Max ter conversado com ela sobre mim, certamente é uma pessoa confiável. Me resta saber: ele contou mesmo, ou essa mulher está apenas querendo ganhar minha confiança?

– Talvez os remédios também tenham me deixado dessa maneira, eu nunca tinha tomado antes.

– Acho difícil, querida. São só alguns analgésicos para impedir que você sinta dor, você não foi gravemente ferida.

Sinto uma necessidade enorme de saber se essa senhora está dizendo a verdade ou me enganando. Vejamos se ela sabe improvisar.

– Tem também os remédios que Joseph me deu para que eu continuasse dormindo até Max sair do quarto.

Ela assume uma expressão de choque total. Pode ser por eu ter tido a audácia de compartilhar com ela essa informação, ou porque ela realmente não sabia nada sobre isso e enxerga a gravidade da

PERIGOSAS ACHERON

situação. Ou, até mesmo, porque ela sabe mentir muito bem.

– Do que você está falando? – a aspereza começa a pontuar sua voz.

– É enfermeira, não sabia disso? – questiono um pouco desafiadora, um pouco ingênua. Ela escolhe.

– Joseph não enxerga limites. Isso poderia trazer diversas reações a você, como esse cansaço que está sentindo, ou uma alergia. Fora o desperdício de recursos.

Sua revolta parece genuína. Mas pessoas idosas são sábias, tiveram anos para treinar suas táticas, aprender com seus erros, aprimorar suas habilidades. Ela ainda não me convenceu.

Com um barulho estrondoso, a porta bate na parede com força, após ser escancarada subitamente. Viro o rosto, menos alerta do que a situação exige, e vejo uma mulher de cabelos vermelhos entrar na sala.

– Senhora Yori... – a enfermeira começa a falar, desanimada.

– Cala a boca, velha! – interrompe a mulher.

Sua atitude hostil me incomoda, e eu me apoio nos cotovelos para vê-la melhor. Sua pele é branca demais, contrastando negativamente com a cor dos cabelos. Os olhos castanhos são fundos, mostrando que ela já tem certa idade. Sua magreza exagerada deixa seus ossos saltados, expostos além do que deveria.

Ela me observa por um tempo, então sorri com ironia.

– Sua beleza é tão clichê, que chega a ser feio. Loira de olhos azuis, que surpresa! Meu filho merece coisa melhor.

Filho? Essa mulher desprezível é a mãe de Max, irmã de Joseph? Fico sem reação, sem dizer uma palavra.

– Senhora Yori, esse não é o lugar para...

– Já mandei calar a boca, velha – Yori diz ríspidamente, sem desviar o olhar de mim – deixe-nos a sós.

Olho para a enfermeira, que já está com o rosto vermelho. Yori é irmã do líder, deve ter autoridade

por aqui. Mas, para meu espanto e admiração, a senhora que cuida de mim não se deixa abalar. Ela volta para o pé da cama e mexe meu calcanhar de um lado para o outro.

Volto a encarar Yori a tempo de vê-la revirar os olhos. Ela não diz mais nada, apenas respira fundo ruidosamente e começa a bater o pé no chão, demonstrando sua impaciência.

– Dói com esses movimentos? – minha enfermeira me pergunta.

Não desvio os olhos da mãe de Max, que sustenta meu olhar com ar de desafio, superioridade.

– Incomoda um pouco – respondo.

– Ótimo. Tente não fazer movimentos bruscos, mas não deixe de movimentar o pé e o braço durante o dia, devagarzinho. Foi só uma torção no pé, nada muito grave. No seu braço o pior já passou, o ferimento aberto está fora do perigo de uma infecção – Yori finalmente deixa de olhar pra mim, direcionando seu olhar agressivo para a enfermeira – vou deixar seus remédios com o Max...

– Chega, velha chata! Vá lá puxar o saco do seu queridinho. Corre contar que a bruxa má está envenenando a princesinha – a senhora solta meu pé e, um tanto relutante, se vira para enfrentar Yori, que não recebe bem esse movimento – saia da minha frente agora, antes que eu me arrependa de nunca ter me livrado de você!

É, essas duas já tiveram problemas antes.

Yori aponta para a porta aberta com rispidez, e minha enfermeira sai, desistindo do confronto do qual certamente sairia perdendo. Com um impulso, me sento na cama, as pernas balançando no ar.

Como vou lidar com a mãe de Max? Ela não parece uma pessoa fácil de dialogar. Decido esperar que ela fale primeiro, mais por não saber o que dizer do que por uma estratégia. Estou realmente muito cansada, isso prejudica meu raciocínio.

Yori anda de um lado para o outro, mexendo o pescoço de modo que possa continuar me encarando.

– Então você é a garota que tirou meu filho de

PERIGOSAS ACHERON

mim.

– Eu...

– Não, não – ela levanta uma mão com dedos finos e compridos, me interrompendo – não foi uma pergunta.

Ok, ela conseguiu me irritar. Sinto o efeito que o nervosismo causa em mim, começando por mandar o cansaço embora. Meu corpo reage bem demais à raiva.

– O que você quer? – tento ir direto ao ponto, para encurtar essa conversa desagradável.

– Tantas coisas... uma delas é ter meu filho de volta. Mas, por enquanto, olhar pra você me sacia. Eu esperava mais, devo confessar. Meu filho sempre foi exigente com a questão física, você é uma decepção.

A imagem de Max com outras mulheres surge na minha mente, fazendo com que eu desconsidere o fato dessa vaca tomar decisões aqui dentro. Pulo da cama, meu pé machucado dói pela primeira vez ao encontrar o chão. Mas não é o suficiente para me fazer parar.

Vou em direção a Yori, mesmo sem saber o que farei quando alcançá-la. Num lampejo, reflito mais seriamente sobre a influência que ela pode exercer em Joseph, e de como machucá-la pode nos prejudicar. Controlo meu impulso de agredi-la, apesar da sua petulância em permanecer despreocupada diante do meu ataque. Ela e o irmão até que são valentes, não se sentem ameaçados por mim.

Do nada, mas no melhor momento possível, Norah aparece e se apoia no batente da porta. Agradeço em silêncio por sua presença, ele evitou que eu criasse um problema.

Yori dá uma risadinha afetada e sai andando, chegando perto demais de Norah ao passar por ele. Ela anda pelo corredor rebolando de maneira exagerada, sem olhar para trás para conferir se tem plateia.

– Quem é ela? – Norah pergunta com uma voz fraca.

– A irmã do líder daqui. Pra você ver como estamos indo bem – ele se diverte com a piada, mas uma tosse interrompe sua risada – precisamos

conversar.

– Podemos caminhar um pouco? Eu não aguento mais ficar naquela cama.

É impossível não perceber uma mudança na atitude de Norah, ele parece não implicar mais comigo. Provavelmente, está agradecido por ter se unido a nós. Meu pai trouxe um exército enorme, eles não teriam a menor chance sozinhos. Estariam todos mortos se não pudessem contar com nossa ajuda, essa é a verdade.

Caminhamos em silêncio por um tempo, sem direção definida. Vou buscando as palavras certas para abordar o fato de meu pai ser o responsável por todo sofrimento desse homem. Tento reunir argumentos para convencê-lo de que não tenho nada a ver com as ações do rei, apesar de saber que isso não é necessário. Não consigo pensar em nada que pareça ser bom o bastante.

Quando achamos uma escada, decidimos subir um andar, Norah quer esforçar seu corpo. Aproveito para testar meu pé, que está reagindo muito bem.

– Se sente cansado? – pergunto.

– Sim. Quanto mais descanso, mais cansado eu fico.

– Eu me sinto do mesmo jeito. Está tomando remédios?

– Sim – ele responde hesitante, já desconfiando do que estou sugerindo – acha que estão nos dopando?

– Não sei. Pode ser só uma reação normal do nosso organismo, que não está acostumado com esse tipo de medicação. Ou eles podem estar tentando nos enfraquecer. Tereza disse que não estamos totalmente seguros aqui?

– Sim.

– Acho melhor não tomarmos os remédios que eles tentarem nos dar, por enquanto. Finja que tomou, farei o mesmo. Vejamos como nosso corpo reage – ele concorda com a cabeça, aumentando o ritmo dos passos – o que acontece se eu matar o rei?

– Minha mãe me contou sobre seu plano, e ele é muito estúpido. Mesmo que os guerreiros não a matem, o que eu já acho difícil, Tonito não perderia a oportunidade de subir ao poder. Isso se

PERIGOSAS ACHERON

o rei não recomendou ninguém. Ele possui pessoas de confiança que o rodeiam, que poucos de nós têm acesso – o termo *realeza* vem à minha mente – é muito provável que ele já tenha nomeado um sucessor. Estamos em guerra, esse tipo de decisão é tomada antes da primeira batalha. Você não tem a mínima chance de sair de lá com vida depois de matar o rei. O que pode acontecer é o próximo rei achar que não vale a pena colocar seus guerreiros em uma batalha mortal para conseguir território, armas, e o que mais eles têm aqui. O deserto já oferece o suficiente, todos sabem disso. O que move aqueles homens é a ganância de um rei, apenas – ele despeja tudo de uma vez, já refletiu sobre o assunto.

Norah tem razão, foi ingenuidade pensar em assumir a liderança do povo da areia. Ou achar que eu seria capaz de matar meu pai e sair viva de lá. Estou disposta a entregar minha vida para matar Jorge? Vale a pena, sem nem ter a garantia de que isso acabaria com essa guerra? Acho que não estou pronta para isso.

Uma gritaria interrompe meus pensamentos, me

deixando alarmada.

– Eu não fiz nada! – é a voz de Luke.

O instinto de proteção me domina, e eu começo a correr na direção da discussão, sem me preocupar se Norah pode me acompanhar. Antes de encontrar a situação com meus olhos, percebo que a disputa passou de verbal para física, pois posso ouvir gemidos e sons característicos de uma luta.

Quando chego ao final do corredor, apoio minha mão direita na parede para fazer a curva com velocidade. Então a cena que vejo me paralisa: Luke, sozinho, luta contra três guardas da fortaleza.

Sinto o corpo de Norah atrás de mim. Ou, pelo menos, acho que seja ele. Não consigo desgrudar os olhos do que estou vendo para me certificar.

Luke rouba a faca do seu primeiro agressor e a usa para derrubar os outros dois. Seus movimentos são rápidos e, mesmo armados com revólveres, os guardas treinados de Joseph não têm chance. Reconheço a agilidade nos golpes de Luke, já enfrentei outros guerreiros tão bons

quanto.

Meu coração acelera, minhas mãos começam a suar. Luke é um guerreiro? Lembranças surgem diante dos meus olhos, como um filme em câmera lenta: Luke dizendo que era caçador, Luke segurando uma faca de maneira insegura, Luke me beijando na boca ao se despedir.

Minha respiração fica pesada enquanto as possibilidades invadem minha mente. Luke recebe ordens do meu pai? Manipulou minhas ações desde que me conheceu? Por qual outro motivo ele não me contaria que sabe lutar, que é um guerreiro muito bem treinado?

A enorme chance de ter sido enganada me enfurece, esquenta tudo dentro de mim. Reprimo meu impulso de jogar Luke contra parede para esmurrar sua cara. Primeiro porque ele pode me vencer, o cretino luta muito bem, e não estou em minha melhor forma. Segundo porque, se ele realmente for um traidor, poderá nos dar algumas respostas. Se ele for um traidor? Celine, sua otária, é óbvio que ele é um traidor.

Mesmo com a cabeça confusa, registro o

movimento de Luke se virando para mim. Meu corpo reage rápido, me fazendo voltar para o corredor em que estava. Esbarro em Norah e o levo comigo, encostando nossas costas na parede.

Então percebo que, se Luke não é quem diz ser, Norah também não. Puta que pariu, todos eles me fizeram de idiota?

Com os olhos voltados para o chão, mantenho meu braço pressionado contra o peito de Norah, impedindo que ele desencoste da parede. Sem armas, poderei lidar com Luke e Norah ao mesmo tempo? Hoje, a resposta é *não*.

Procuro uma saída, mas não encontro. Só posso aproveitar a falta de reação de Norah e torcer para que Luke não passe por aqui. Espero alguns segundos, atenta a qualquer movimento de Norah, que permanece imóvel. Como Luke não aparece, concluo que foi para o outro lado. Quanta sorte!

Viro meu rosto lentamente para Norah, o encarando com um olhar acusatório. Ele está com os olhos arregalados, parecendo surpreso. Acha que pode manter sua farsa.

Avalio suas condições físicas. Seus ombros estão

PERIGOSAS ACHERON

caídos, os olhos estão fundos no rosto. A sensação que ele passa é de esgotamento, como se não tivesse energia nem para manter a postura ereta. Ainda não se recuperou da última batalha, posso vencê-lo, se precisar lutar contra ele.

Olho adiante no corredor e vejo várias portas idênticas, uma ao lado da outra com a mesma distância entre elas. Sigo em direção à primeira, puxando Norah pelo braço. Faço questão de apertar meus dedos em volta de seus músculos com firmeza, mostrando que, diferente dele, ainda tenho forças para lutar. Mas ele nem nota, permanece cabisbaixo, abatido. Mente tão bem quanto Luke, realmente parece chocado com a *novidade*. Filhos da puta.

Assim que alcanço a primeira porta, giro a maçaneta com uma brutalidade desnecessária. Para minha surpresa, ela se abre, revelando uma sala totalmente vazia. Sinalizo para que Norah entre, ele obedece sem pestanejar.

Olho para os dois lados no corredor, ninguém à vista. Entro e fecho a porta atrás de mim, tomando cuidado para não fazer barulho e alertar quem

estiver por perto.

– Que porra é essa? – pergunto quase sussurrando, porém agressiva.

– Eu não faço ideia, Luke disse que não sabia lutar. Caçadores não têm esse tipo de treinamento – ele fala baixo, sem retribuir meu tom hostil.

– Luke claramente é um guerreiro! Quer que eu acredite que você, um professor, não conhece todos os guerreiros do deserto?

Diante da minha acusação direta, Norah finalmente reage, saindo do seu estado de torpor. Ele levanta a cabeça em um movimento rápido, olhando para mim com uma expressão severa.

– Nunca treinei Luke e nem o vi treinando, não estou mentindo.

Endireitando a coluna, ele fica mais alto. Sua postura não chega a ser ameaçadora, mas passa longe de ser amigável. Me preparo para um ataque, mas ele não avança, apenas me encara com uma carranca ofendida. Suas narinas se dilatam, e ele começa a puxar o ar com mais intensidade. Está nervoso, mal consegue manter a respiração controlada. Está bravo porque o acusei

PERIGOSAS ACHERON

injustamente, ou porque percebeu que descobri sua farsa?

Sustento seu olhar e só vejo verdade. Mas eu também vi verdade em Luke, e estava muito enganada.

Recapitulo meus momentos com Norah, buscando por sinais da mentira que passaram despercebidos por mim. Lembro do nosso começo difícil, de como ele era contra minha presença, como tentava me afastar do seu grupo. Ele fez isso para trazer mais veracidade à sua atuação, para ter argumentos caso eu desconfiasse dele?

Os rostos de Tereza, Nyfer e Jess saltam perante meus olhos. Todos eles me enganaram? Imagino Jorge orientando-os sobre como manipular minhas emoções, como controlar minhas ações. A ideia de ter sido persuadida por meu pai espalha o desespero em mim, e eu preciso lutar para impedir que o pânico me domine.

– Merda! – grito e me afasto da porta, dando as costas a Norah.

Espero pelo golpe, mas nada acontece, Norah não morde minha isca. Não tenta me atacar

enquanto estou vulnerável, nem tenta sair para o corredor.

– Acha mesmo que estou com Luke? – ele pergunta com rispidez, esclarecendo que se sente insultado.

Sinto seu tom definitivo, ele não me fará essa pergunta novamente. E eu não sei o que responder. E se Luke o enganou, também?

Volto a ficar cara a cara com ele, não quero perder nenhuma reação, nenhum sinal de fraqueza, de dúvida.

– Eu quero acreditar em você, Norah, mas é muito difícil.

– Tão difícil quanto acreditar que seu pai é o rei e que você não está do lado dele?

Suas palavras são duras, me acertam em cheio. Olho para baixo, buscando esconder o arrependimento que já me ronda. Ele já esteve no meu lugar. Ao saber que seu pior inimigo é meu pai, ficou na dúvida quanto à minha lealdade. E optou por confiar em mim, por ficar ao meu lado.

Caralho! É tão difícil saber em quem confiar. É

tão fácil ser traída, enganada.

Escuto a voz do meu irmão: *siga seu instinto, ele é seu maior aliado. Se houver dúvida, confie em você mesma.* Fico tentada a confiar em Norah, mas meu instinto se enganou com Luke, pode estar errado outra vez.

Minha mente começa a comparar as atitudes de Norah e Luke. Norah foi contra mim durante muito tempo, me aceitou apenas porque não teve opção. Luke também se mostrou resistente no começo, mas isso não durou nem uma hora. Em pouquíssimo tempo, se mostrou apaixonado. Uma paixão repentina demais, quem se apaixona em questão de dias? Puta que pariu, deixei minha vaidade me cegar. Estúpida! Fui ingênua, fraca.

Aperto os punhos, contendo a vontade de socar a parede. Olho para Norah, que sustenta meu olhar com determinação. Ou ele está dizendo a verdade, ou é o melhor mentiroso que já existiu.

Ele acreditou em mim, vou retribuir. Que a sorte esteja comigo, porque eu acho que já não sei mais o que estou fazendo. Só me resta tomar essa decisão confiando no meu instinto e torcer para

ele não me decepcionar de novo. Que eu não cometa com Norah o mesmo erro que cometi com Luke.

– O que você sabe sobre ele? – pergunto.

– Nada. Eu não o conhecia antes de fugirmos.

– Você confiou em uma pessoa que não conhecia? Que nunca tinha visto antes?

– Eu tinha coisas mais importantes para me preocupar – ele esbraveja – estava planejando uma fuga praticamente suicida, com pessoas sob minha responsabilidade. Qualquer ajuda seria bem vinda. Eu nunca tive muito contato com caçadores, não era responsável por receber o alimento que eles caçavam. Meu trabalho se limitava a guerreiros. Eu não tinha motivos para desconfiar de Luke. A única coisa que vi foi um irmão preocupado, um homem a mais para defender minhas crianças e idosos.

Norah é um homem honrado. Um bom líder, que coloca a segurança dos seus antes da sua própria. Meu irmão gostaria dele. Eu gosto dele.

Antes de verbalizar que confio nele, faço uma pequena prece. Peço para que alguém, Deus, Julio, PERIGOSAS ACHERON

minha mãe, qualquer um, me ajude a ter razão. Se Norah estiver me enganando, muita gente vai pagar pelo meu erro.

– Tudo bem. Precisamos agir rápido, nossa estada aqui se tornou ainda mais sensível. Quando Joseph souber que seus guardas foram atacados, estaremos perdidos – Norah me observa um pouco desconfiado, mas não tenho tempo para convencê-lo, caso ele precise disso – isso pode ser bom. Estávamos no escuro, tentando supor os planos do meu pai. Luke pode tirar nossas dúvidas, nos dizer de fato o que está acontecendo. Precisamos dele.

Norah assente, apesar de parecer relutante.

– Acha que ele vai nos falar?

Rio alto, achando muita graça da dúvida de Norah.

– Pode ter certeza que ele vai responder todas as nossas perguntas. Chega de moralismo. Pessoas politicamente corretas não vencem guerras, agora eu sei. Eu mesma vou bater naquele filho da puta até que ele me implore para deixá-lo falar.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Sete

Demoro para encontrar meus guerreiros nesse labirinto que é a fortaleza. Penso em mandar Norah atrás de Luke enquanto continuo procurando, mas não tenho completa certeza de que ele não faz parte desse plano. Deixar os dois sozinhos seria estupidez, um risco que não estou disposta a correr.

Avisto José, Arthur e Max, sentindo o alívio me acalmar. Corremos até eles, e eu não perco tempo com formalidades.

– Luke é um guerreiro. Desconfiamos que ele esteja com meu pai.

Arthur e José arregalam os olhos, chocados. Já Max, além de não se surpreender com a novidade, se diverte com ela.

– Eu sabia! – ele se vangloria por ter me avisado, dando risada.

– Max, não é hora para isso. Ele matou três guardas, Joseph pode descobrir e nos expulsar.

– Ele o quê? – Max vocifera, nervoso.

Será que algum dos guardas mortos por Luke era seu amigo?

– Tudo bem. Isso parece ruim, mas pode ser bom. Luke tem as respostas que procuramos. Ele não sabe que sabemos da sua traição, essa é nossa vantagem. Vocês sabem onde estão Líria e Darion?

– Líria e Jess estão no nosso ponto de encontro, nos esperando. Estávamos vendo com Max a possibilidade de conseguirmos algumas armas – explica José.

Olho para Max em expectativa. Mais do que nunca, armas são essenciais. Além de termos um inimigo entre nós, não sabemos qual será a reação de Joseph quando descobrir sobre os guardas que perdeu.

– Meu tio ordenou que me impedissem de ter acesso às armas. Talvez eu consiga uma brecha com alguém, não sei.

– Certo. Nossa prioridade agora é conseguir respostas. Norah, José e Arthur, achem Luke, ele deve estar na enfermaria com Tereza e Savana. Não deixem ele perceber que algo está errado,

PERIGOSAS ACHERON

ajam naturalmente. Digam que vamos decidir o que fazer e queremos a ajuda dele. Levem-no até nosso ponto de encontro. Lá dentro, longe dos olhares da fortaleza, o imobilizem. Atenção, ele luta muito bem, talvez esteja armado. Tenham cuidado. Eu e Max encontraremos Darion e vamos até lá assim que possível.

Sei que devo avisar José e Arthur sobre a possibilidade de Norah estar junto com Luke nessa traição, mas como farei isso sem que Norah perceba? Ele está bem aqui, na minha frente.

Meus guerreiros concordam com a distribuição de tarefas e vão em direção à enfermaria. Max começa a me dizer algo, mas eu sinalizo para que fique em silêncio. Acompanho José e Arthur com o olhar, torcendo para que um deles olhe para trás. Eles continuam andando, próximos de virar à direita e sumir da minha vista.

Segundos antes de fazerem a curva, Arthur olha para trás, desconfiado. Aponto dois dedos para meus olhos, depois para Norah. Ele assente e vira para frente. Logo em seguida, levanta a camiseta, me mostrando que há uma faca no bolso da sua

calça. Esse é meu guerreiro favorito.

Sim, o plano dará certo. A traição de Luke acende em mim uma raiva feroz, mas não o suficiente para me cegar. Percebo a vantagem que isso nos traz, ter informações é primordial em uma guerra. Conhecendo o plano de Jorge, poderemos contra-atacar com eficiência e eliminamos a chance de sermos pegos desprevenidos.

Olho para Max, querendo compartilhar meu otimismo, e me deparo com um olhar inquisidor. Ele vai me torturar.

– Você tinha razão – digo, na tentativa de encerrar o assunto. Ele cruza os braços e afunda as botas no chão, deixando claro que ainda não está satisfeito – olha só, você poderá jogar isso na minha cara o quanto quiser. Mas, agora, temos coisas mais importantes para fazer. Precisamos encontrar o Darion, não quero fazer isso sem ele.

– Tudo bem, temos toda uma vida para eu jogar isso na sua cara. E eu vou.

Reviro os olhos e saio andando, não estou com a mínima paciência para lidar com as provocações de Max.

Procuramos por Darion pelos corredores que parecem não ter fim. Meus olhos percorrem os espaços pelos quais passamos, mas minha mente só consegue se recordar dos momentos que tive ao lado de Luke. Vasculho minhas lembranças em busca de sinais que ele me deu, mas eu não percebi. Não encontro nada, o cretino soube me manipular direitinho. Assim como Max fez durante um ano, me escondendo quem era de verdade. Talvez eu não seja tão esperta quanto pensei que fosse.

Repentinamente, um guarda da fortaleza para diante de mim, impedindo minha passagem. Meu coração acelera, os batimentos descompassados distribuem uma espécie de eletricidade pelo meu corpo. Eles descobriram. Joseph encontrou os guardas eliminados por Luke e mandou me prender.

– E aí, Jamal? – pergunta Max, descontraído.

– Desculpe não te ver antes, irmão. Só pude agora – Jamal responde animado e avança na direção de Max, lhe dando um abraço.

Solto o ar que estava preso na minha garganta,

sentindo o alívio relaxar meus músculos. Ainda não fomos descobertos, mas isso acontecerá em breve. Darion, cadê você?

O sentimento que eu mais detesto começa a me sondar, próximo demais de se instalar em mim: medo. Será que Darion teve que ir até a floresta para conseguir as informações que pedi? Tudo o que eu não preciso é que meu melhor amigo seja capturado. Agora que temos Luke, ter que devolvê-lo inteiro em troca de Darion seria um retrocesso enorme.

Tereza! Talvez Darion tenha ido consultar Tereza, caso não tenha conseguido as respostas que procuramos. Não é uma aposta muito certa, mas ficar rodando por esses corredores não está trazendo resultados. Meu impulso é correr até a enfermaria, mas onde estou?

– Onde fica a enfermaria? – pergunto, interrompendo o reencontro de Max com seu amigo.

Ele percebe a urgência em meu olhar, pois se livra de Jamal com poucas palavras e me guia até o quarto em que Norah dormia. Conforme corremos

pelas escadas, percebo que meu pé continua reagindo bem aos movimentos, mesmo sem outras doses de remédios. Me obrigo a sentir apenas alívio, deixando as desconfianças de lado. Se a fortaleza quer me dopar ou não, descobrirei depois.

Max desacelera o passo ao nos depararmos com algumas enfermeiras, e eu acompanho seu ritmo. A ansiedade me faz entrar no quarto sem bater, assim que ele me indica a porta certa. Infelizmente, vejo apenas Nyfer, Tereza e Savana.

Apesar da decepção por não encontrar Darion, ver Savana me faz perceber que ela é uma ótima fonte de informações. Sei que é só uma criança, mas não é hora para sentimentalismo, para pensar que é errado usá-la a meu favor. É necessário.

Vou direto até ela no sofá, ignorando a confusão nos rostos de Nyfer e Tereza. Savana ainda dorme tranquilamente, alheia a tanta confusão que a rodeia. Afasto os cabelos do seu rosto com um aperto no coração. Cenas de quando fui capturada por Pietro vêm à minha mente, preciso me concentrar para expulsá-las. Sacudo o ombro de

Savana da maneira mais gentil que consigo.

Ela abre os olhos devagar, piscando lentamente, e sorri ao notar minha presença. Tento sorrir de volta, mas fracasso, a situação é perturbadora demais. Como interrogar alguém de maneira doce e deliciada?

Foda-se, isso tem que ser feito. São só algumas perguntas, ela vai ficar bem.

Ajudo Savana a se sentar, amparando suas costas com meu braço. Sua expressão vai perdendo a alegria aos poucos, já percebeu que algo está errado. Ela não é boba. Nasceu no povo a areia, não teve a oportunidade de ser ingênua.

– O que foi, Celine? – ela pergunta com aquela voz gostosa de criança, que não combina em nada com seu tom assustado.

Eu me forço a soar amável, carinhosa. Não quero assustá-la mais.

– Nada, querida. Está tudo bem. Só quero saber um pouquinho sobre como foi seu treinamento para ser caçadora.

Decido ir com calma, sei que Luke orientou

Savana quanto ao que dizer sobre o passado deles. Ele não arriscaria que ela falasse livremente, ainda mais com a proximidade que temos. Aliás, por que Luke trouxe sua irmã?

Eu me lembro de quando nos conhecemos, do quanto me identifiquei com Savana, de como Jafar usou sua presença para tentar me chantagear. Sim, Luke usou a própria irmã para garantir uma aproximação. Ele já sabia que eu tinha sofrido nas mãos de raptos, sabia que eu faria qualquer coisa para defender uma garotinha indefesa.

Colocar a própria irmã em risco mostra o quanto ele é frio. Ela poderia ter se ferido nisso tudo, até ter morrido. Luke está disposto a perder a irmã por sua lealdade ao rei? Ou ela não é sua irmã porra nenhuma? Essa criança é só mais uma peça no jogo do meu pai?

– Eu não gostava do treinamento – Savana responde, recuperando minha atenção.

– Mas como ele era? – forço um pouco.

Ela primeiro parece confusa, depois demonstra estar com medo. Savana não sabe o que responder. Sabe que precisa mentir pelo irmão, ou

seja lá o que Luke é dela, mas é só uma criança e não está preparada para lidar com isso.

– Por que você quer saber?

Ela está mentindo, claro que está. Acaricio seu rosto, com a intenção de mostrar a ela que pode confiar em mim, que não será punida por sua mentira.

– Você não precisa ter medo, está bem? Eu sei que Luke pediu para você mentir, e isso não é culpa sua. Vai ficar tudo bem. Eu só preciso que você me diga onde vocês viviam antes de vir para cá, ou qualquer coisa sobre o passado de vocês. Ele é mesmo seu irmão?

Mal termino de falar, e ela reage da pior maneira possível: chorando. Seu pequeno corpo treme diante de mim, ela está apavorada. Talvez Luke a tenha ameaçado, caso ela dissesse a verdade.

Envolvo Savana em meus braços, dando-lhe um abraço apertado, tentando transmitir segurança. Ela é só uma criança, eu não deveria estar forçando a barra. Posso conseguir essas informações com Luke. Deixarei para pressioná-la apenas em último caso, se extremamente

PERIGOSAS ACHERON

necessário.

Pedindo ajuda em silêncio, olho para Tereza, que vem até nós. Passo Savana para seu colo assim que ela se senta no sofá. Levanto e me aproximo de Nyfer.

– Consegue caminhar?

Ele nem me responde, se levanta da cama e calça suas botas. Deixo Tereza sem informações, estou correndo contra o tempo. Joseph não pode descobrir os corpos de seus guardas antes de interrogarmos Luke e bolarmos um plano com as informações que ele nos fornecer.

Também vou deixar Darion de fora dessa, não posso mais esperá-lo. Ele deve ter saído da fortaleza, caso contrário já teríamos nos encontrado. Em breve as duas horas que combinamos se passarão, e ele irá ao nosso ponto de encontro.

Antes que a preocupação se alastre por meus pensamentos, digo a mim mesma que Darion sabe muito bem se cuidar sozinho. Ele não depende de mim.

Corremos pela fortaleza sem nos preocupar com

PERIGOSAS ACHERON

o que as pessoas estão achando dessa atitude estranha. Sempre que ficamos sozinhos, vou situando Nyfer sobre os últimos acontecimentos. Ele parece ainda mais surpreso do que Norah, o que reforça minha teoria de que eles também foram enganados por Luke. O filho da puta mente muito bem, ninguém desconfiou dele. Ou todos eles mentem bem, e eu sou uma grande trouxa.

Na dianteira, Max para abruptamente ao virar em um corredor, e eu acelero o passo para ver o que o surpreendeu. Para minha alegria, é Darion. Ele está coberto de lama, apesar de já ter se limpado. Ou tentado. Seu rosto não está mais sujo, mas o resto continua imundo. Ele saiu da fortaleza e precisou se camuflar na floresta.

Percebo por sua expressão que ele já notou que algo está errado, mas sou mais rápida e pergunto primeiro:

– O que conseguiu?

– Eles não estão por perto. Fui até a clareira onde lutamos, acho que os rastros até aqui são apenas nossos. Tem fumaça no ar, próximo ao nosso acampamento, eles devem estar lá – meu pai não

mandou ninguém até aqui? O que ele planeja? Não sei, mas Luke pode me contar – aconteceu alguma coisa?

– Luke é um traidor – respondo.

– Como é?

– Eu e Norah o vimos lutando contra guardas armados. E, acredite, ele é um guerreiro.

– Ele atacou os guardas de Joseph? – ele parece mais preocupado com a fragilidade da nossa estada do que com o fato de ter sido enganado todos esses dias.

– Sim. Não sabemos o que ele fez com os corpos, demos o fora antes que ele pudesse nos ver. Aparentemente ele os escondeu, porque ainda não fomos abordados sobre o assunto – ele assente, e eu me surpreendo com sua falta de revolta perante a situação – você escutou que ele é um traidor? Certamente está com meu pai, manipulou nossas ações desde que nos conheceu.

– Eu escutei que você o viu lutando bem. Há inúmeras justificativas para isso. Ele estar com Jorge é a sua interpretação. E, se estiver, melhor pra gente. Onde ele está?

Tenho muito a aprender com Darion. Ele consegue deixar suas emoções de lado, pensar racionalmente. Por isso é melhor guerreiro do que eu, sempre foi. É ele que deveria estar tomando decisões no lugar de Julio?

– Estamos indo até lá – respondo.

Oito

Entro na sala de uma vez, abrindo a porta com força. Luke está ajoelhado no chão, meus guerreiros formam um círculo ao seu redor, provavelmente já tentando arrancar alguma informação. Quando eles abrem espaço para mim, tenho uma visão privilegiada do nosso traidor. Ele não está machucado, apenas rendido. Ninguém o agrediu. Por enquanto.

Caminho com passos rápidos, decidida, e paro diante dele. Luke levanta a cabeça lentamente, levando o olhar até mim. Fico na expectativa de encontrar uma feição assustada, mas ele nem está sério. Assim que nossos olhos se encontram, um sorriso ilumina seu rosto. Quanta ousadia!

– Fala – ordeno, sem me preocupar em parecer calma.

– Você sabe que não posso.

A mudança nele é clara. A maneira como me olha, o jeito como fala. Posso jurar que até sua voz

está diferente. É outra pessoa. Esse é o Luke de verdade, se é que esse é seu nome verdadeiro.

– Acha que não vou machucar você até que fale? Acha que não sou capaz?

Ele pensa que sabe com quem está lidando, mas não sabe. Ele conta com meus valores benevolentes, com minha incapacidade em ser cruel. Mas as coisas mudaram, eu mudei. Estou disposta a tudo para matar meu pai, inclusive deixar meus ideais de lado. Às vezes o fim justifica o meio.

– Eu realmente prefiro não ser torturado. Acho que vale ressaltar que você é o tipo de pessoa que despreza esse tipo de atitude. Mas, se não tiver jeito, estou preparado para isso.

Ele dá uma risadinha, se sentindo confortável para fazer graça. Quem é esse cara? Quem consegue se divertir na posição em que ele está?

Dou dois passos à frente e me agacho bem perto dele, deixando nossos rostos a poucos centímetros de distância. Viro a cabeça um pouco de lado, observando toda sua face. Meus olhos captam cada detalhe, seus olhos verdes, o nariz perfeito, a

barba por fazer.

– Foi ele que te mandou, não foi? – questiono entredentes – Quem é você no deserto? É da realeza, da confiança do rei?

Ele para de sorrir, mas dá pra ver que continua confiante. Foca seu olhar nos meus olhos, quase sério.

– Você ficaria surpresa, Celine. Agora, por que não se acalma antes que isso aqui saia do seu controle? – ele sugere e logo desvia o olhar para Max.

Estou prestes a dizer que não é com Max que ele deve se preocupar, mas escuto a porta se abrir.

Eu me levanto e me afasto de Luke antes de verificar quem entrou, não vou bobear perto dele, não sei do que é capaz. Mas sei que seu treinamento foi poderoso, ele pode conseguir me render.

Olho em direção à porta e vejo Savana com uma cara assustada, o semblante que eu esperava ver em Luke. Imediatamente me coloco na frente dele, impedindo que a irmã o veja rendido, de joelhos.

– Savana, aqui não é lugar para você – digo com um tom rigoroso, a repreendendo.

Como ela veio parar aqui?

– Celine – ela choraminga, esticando um braço na minha direção.

Eu me apresso em alcançá-la e me ajoelho à sua frente. Ela está quase chorando, certamente percebeu que Luke corre risco de vida. Mesmo que eles não sejam irmãos, ela o ama, isso está claro.

– Vai ficar tudo bem – minto.

Levo minha mão até seu rosto na intenção de acariciá-lo, mas ela é mais rápida e segura meus dedos com uma firmeza inesperada. Estranho seu toque, mas ele não demora a fazer sentido. Com uma agilidade que uma criança não deveria ter, Savana gira meu braço, forçando meu corpo a se virar, e se posiciona atrás de mim. Antes que eu possa demonstrar minha surpresa ou reagir, escuto o barulho de uma arma sendo engatilhada e sinto o metal frio entre meus cabelos.

– Deixa ele ir – ela exige com segurança, o tom decidido muito diferente do choramingo de há pouco.

Congelo assim que meu cérebro assimila o que está acontecendo. Savana conseguiu uma arma e a está usando contra mim para proteger o irmão. Eu deveria estar mais preocupada em descobrir onde ela conseguiu esse revólver, mas tudo que minha cabeça registra é que ela sabe usá-lo muito bem. Soube me imobilizar, também. Que porra é essa?

Olho para frente e vejo o horror estampado nos rostos dos meus guerreiros, não é sempre que vemos uma criança empunhando uma arma de fogo, principalmente ameaçando tirar a vida de alguém. Entretanto, nem todos estão petrificados. Max parece apenas surpreso, e Luke se mostra... irritado.

– Savana, se acalma. O que você está fazendo? – digo relutante, ainda tentando entender o que está acontecendo.

– Cala a boca, Celine – responde com agressividade. Tento olhar para trás, mas ela torce mais o meu braço, empurra a arma com mais força contra minha cabeça – não se mexa ou eu juro que puxo esse gatilho.

Que tom é esse? Que violência é essa? A

resposta está clara diante de mim, mas eu me recuso a acreditar. Savana faz parte desse plano? Também fingiu ser outra pessoa?

– Devagar, pirralha. Não vai fazer mais merda do que já fez – adverte Luke, se levantando.

– Você foi descoberto, idiota. Estragou tudo.

Estragou tudo? Meu Deus, Savana realmente faz parte desse plano, ajudou a me manipular. Do que meu pai é capaz? Usar uma criança, que poderia ser inocente, é ir longe demais.

– Max, vou ter que te pedir essa arma – Luke pede gentilmente, já em pé, estendendo o braço.

Espero por uma atitude explosiva de Max, e ele não me surpreende. Após pegar a arma, a aponta para Luke.

Assisto a cena sem conseguir reagir. Fui manipulada e rendida por uma garotinha. Até onde vai isso tudo?

– Abaixa essa arma, seu desgraçado. Ou eu atiro na sua namoradinha.

Savana empurra mais a arma, me obrigando a abaixar a cabeça. Apesar de sua mão segurar meu

pulso com firmeza, sinto o cano do revólver se mexer nos meus cabelos. Ela está tremendo.

– Vocês serão os próximos a morrer – Max está pronto para o que der e vier, não vai me entregar de bandeja.

– Qual é, Max?! – provoca Luke, o divertimento voltando para sua voz – nós dois sabemos que você não fala sério. Pode ficar tranquilo, minha missão aqui sempre foi manter Celine em segurança. Jorge a quer viva, ela não corre perigo com ele. E todos nós sabemos que negociar com o rei sempre foi uma opção para vocês – o silêncio reina, ninguém sabe o que dizer diante de situação tão absurda. Sei que meu papel aqui é achar uma saída, mas mal consigo absorver o que está acontecendo, que dirá encontrar soluções – é melhor você decidir rápido. Dizem que armas nas mãos de crianças podem provocar acidentes.

O ar fica denso dentro da sala, a tensão é palpável. Mesmo sem olhar para Max, posso imaginá-lo olhando de um lado para o outro, a mandíbula apertada por estar fazendo algo que não quer.

– Valeu – Luke agradece, me indicando que Max cedeu. Escuto seus passos em minha direção – solta ela, sua retardada.

A mão de Savana e o cano de sua arma se afastam de mim. Escuto o som de algo indo ao chão, e acho que é a própria garota. Luke me pega pelo braço, me puxando pra cima sem qualquer ajuda minha.

– Seu idiota! – Savana resmunga.

Olho para ela, que está se levantando. Ela encara Luke com raiva. Um olhar de dar medo, que contrasta com seu rosto infantil. Ignoro o risco que corri de levar um tiro na cabeça, o movimento brusco de Luke poderia ter feito Savana atirar, mesmo sem querer.

– Não me dê trabalho, por favor – escuto a voz de Luke, ciente de que ele está falando comigo, mas não consigo desgrudar os olhos de Savana.

Ela se recompõe da queda e levanta a arma na direção dos meus guerreiros. É um revólver menor dos que eu já vi, mas ainda é grande demais para seus dedos delicados. Agora, ela segura a arma com as duas mãos, conseguindo manter os punhos

erguidos com estabilidade. Eu me lembro de Max me orientando a mover o dedo para o gatilho apenas quando eu realmente quisesse atirar, exatamente como Savana está fazendo. Ela realmente teve treinamento. Treinamento com armas de fogo.

Finalmente, olho para Luke. Ele segura a arma de Max, mas mantém o braço relaxado ao lado do corpo. Ele conta com Savana em sua retaguarda? Ou acha que é bom o suficiente para impedir que o desarme estando tão próximo de mim?

– Ela é só uma criança – acuso.

– Acredite em mim, Celine, ela é muitas coisas, mas *apenas uma criança* não é uma delas. Muito bem – ele se vira para os outros enquanto me segura pelo braço, sem me machucar – isso está muito divertido, mas precisamos ir – Max faz menção de dizer algo, mas Luke o interrompe – Max, cara, não dificulta as coisas. Eu não quero machucar sua querida princesa. Juro pra você. E também não tenho um interesse romântico nela. Mesmo que tivesse, acho que agora eu não teria mais chances, né? – ele dá uma risada, realmente

achando graça na própria piada – Como eu disse, só estou aqui porque Jorge quis garantir a segurança de Celine. E, se eu não aparecer com ela inteirinha, estou ferrado – ele usa a arma para fazer um movimento em frente ao pescoço, como se o estivesse cortando. De onde ele tira tanta confiança para fazer gracinhas em uma situação como esta? – bom, já vi que não dá pra negociar com você.

Luke deixa Max com uma expressão enfurecida e olha pra mim, sorrindo com uma alegria verdadeira. Esse é Luke de verdade, um cara que se diverte diante de situações perturbadoras. O Luke doce e gentil que conheci, que ele se mostrou ser, na verdade não existe.

Desvio os olhos do meu novo inimigo, e olho para o nada. O tempo que eu tinha para ficar chocada com essa nova realidade já acabou, preciso pensar nas minhas opções.

Luke e Savana estão armados. Tentar um movimento para me livrar de Luke pode fazer Savana puxar o gatilho. Ela parece disposta a fazer o que for preciso, apesar da pouca idade. E ela

pode acabar atirando acidentalmente, com o susto. Essa criança pode ter tido treinamento, mas, obviamente, não teve tempo para adquirir experiência. Pode fazer uma merda muito grande, mesmo sem querer. Ou querendo.

Mais cedo ou mais tarde, Joseph saberá dos homens que perdeu. A minha saída e de Luke pode justificar o ocorrido. Darion será capaz de negociar com o velho, explicar que deixaram Luke me levar para não colocar em perigo ninguém da fortaleza. Ele garantirá mais um tempo de refúgio para nosso povo.

Meu pessoal continuará seguro, aqui dentro. Mas e eu? Corro risco de vida indo com Luke? Meu pai seria capaz de me matar? Sou capaz de lidar com ele?

– E aí, qual vai ser? Com tranquilidade ou com emoção? – Luke pergunta pra mim, e seu deleite inabalável ameaça levar embora a calma que eu tanto preciso manter agora.

É, acho que não tenho opções. Um tiroteio aqui não apenas poderá ferir qualquer um, como fará com que Joseph nos expulse. Com meu povo fora

daqui, seremos um alvo fácil para meu pai. Depois que eu for expulsa, mesmo que tente barganhar com Jorge, ele saberá que o líder da fortaleza não confiará em mim.

E é isso que garante minha segurança: a possibilidade de ser a chave que abrirá os portões da fortaleza para meu pai.

Olho para Darion. Ele apenas me observa por um tempo, então assente sutilmente. Max percebe nossa conversa muda e balança a cabeça devagar, em negação. Sustento seu olhar, levantando meu queixo, decidida. Não preciso do aval de Max para tomar decisões, mas seu apoio faz com que eu me sinta mais confiante.

Para minha surpresa, e total admiração, ele fecha os olhos demoradamente, derrotado. Max sabe o que precisa fazer, o que é certo que ele faça.

– Três dias – ele diz quando volta a olhar para mim.

Meu coração transborda de amor por ele, diante desse voto inegável de confiança. Mas não deixo minha paixão por Max me atrapalhar agora, mantenho o foco no que está acontecendo.

Sei que três dias é muito tempo, Max está

PERIGOSAS ACHERON

despistando Luke. Ele quer dizer um dia, no máximo dois. Se eu não conseguir uma negociação ou fugir até esse prazo, preciso me preparar para a guerra, pois eles vão atacar. Assinto para Max duas vezes, na tentativa de dizer que dois dias serão suficientes.

– Maravilha! Isso que eu chamo de negociação produtiva! – Luke diz com entusiasmo. Ele dá um passo para o lado, abrindo passagem para porta, e me leva junto. Se posiciona atrás de mim, colando nossos corpos, a arma apontada para meu pescoço – Max, se importa de ir na frente e abrir caminho para gente? E, por favor, não tente ser o herói. Eu realmente vou me dar mal se algo acontecer com Celine, mas é melhor ser punido por Jorge do que ser morto por você, né? Se for preciso, eu atiro nela, mesmo que este não seja meu objetivo. Se todo mundo se comportar, a gente chega até o acampamento do deserto em segurança. O reencontro de pai e filha vai ser lindo, quem sabe uma aliança? Um acordo? Em três dias, ou antes, ela estará de volta e tudo ficará bem. E não sigam a gente, ou terei que forçar Celine a correr, e acho

que o pé dela não aguenta. Combinado?

Com um olhar sanguinário, Max encara Luke por longos segundos. Depois, vai até a porta e toma a dianteira em direção à saída. Antes de ser conduzida para o corredor, olho para trás, para Darion. Meu melhor amigo pisca pra mim, se mostrando confiante. Ele conhece cada detalhe da nossa floresta. Sozinho, sem ter que se preocupar com a segurança de outras pessoas, Darion é capaz de se camuflar em nosso território. Não estarei sozinha, tenho certeza.

Nove

Após muitas armas da fortaleza apontadas para Luke, Savana e eu, saímos para minha floresta. Eu me preocupo com a reação de Joseph, mas respirar o ar da mata me tranquiliza. O que é ótimo, pois vou precisar de muita calma para conversar com meu pai. E para não matar Luke no meio do caminho.

– Amarra ela – ordena Savana.

Olho para ela e a vejo tirando uma pequena corda do bolso. O que fizeram com essa menina? Que tipo de pessoa ela já é?

– Você pensou em tudo, hein, pirralha?!

Luke pega a corda da mão dela e, girando um dedo, gesticula para eu me virar de costas para ele. Obedeço de cara feia, permitindo que meus pulsos sejam amarrados para trás. Quando ele volta a caminhar, me puxa pelo braço, me obrigando a acompanhá-lo.

Isso é desnecessário, não pretendo fugir. A

PERIGOSAS ACHERON

verdade é que eu teria que negociar com meu pai, de qualquer maneira. Mais cedo ou mais tarde, eu tomaria essa decisão. Sei que sim.

– Alguém tem que pensar. Papai vai matar você, seu inútil.

Papai?

– Savana, na boa, cala essa porra de boca. Eu já estou de saco cheio de você faz tempo. Já que Jorge vai me matar mesmo, eu aproveito para te dar uma lição.

Paro de caminhar e olho para os dois, chocada. Jorge é o pai de Savana? Savana é minha irmã?

Meus olhos correm de um para o outro, esperando encontrar qualquer dica sobre o que está acontecendo.

– O que foi? – Savana pergunta, irritada. Ela parece me odiar – não para de andar.

Não obedeco a ordem de uma criança que, aparentemente, tem meu sangue. Um sangue sujo, inclusive.

– Quem são vocês? – pergunto com a voz quase falhando, o choque superando a raiva.

Eu tenho uma irmã? O que mais eu não sei?

Luke solta uma risada sem graça, forçada. Com a mão no meu braço, me incentiva a continuar andando enquanto dá uma olhada para trás.

– Muitas surpresas vão rolar, Celine – ele diz, divertido.

Mexo meu ombro de maneira brusca para me livrar de sua mão e o encaro.

– Ela é minha irmã? – pergunto séria, sem dar abertura para piadinhas.

– É – ele responde, despreocupado.

Sinto minha boca se abrindo, estou estarrecida. Olho para Savana, que me encara com uma fisionomia enojada, mostrando todo seu desprezo por nossa ligação de sangue. Nunca tinha visto essa expressão no rosto de uma criança, até agora.

Ela levanta a mão que segura a pequena arma, apontando-a para mim.

– Anda – exige entredentes, raivosa.

Luke age rápido e toma o revólver da sua mão delicada. Nem calculo o risco que corri de levar outro tiro, com mais esse movimento brusco de

Luke. Ele diz que sua missão é me proteger, mas não se mostra muito preocupado com a minha integridade física.

– Chega dessa palhaçada, sua retardada. Anda você – a pele alva do rosto de Savana assume uma coloração rosada, uma reação física que denuncia o quanto ela está nervosa, irritada. Está prestes a dizer algo, mas Luke coloca o dedo em sua cara, empurrando-a para trás – escuta bem, Savana, estou sem um pinga de paciência para você. Daqui até o acampamento é uma boa caminhada, e estou ficando muito a fim de ir batendo em você o caminho todo.

Pela primeira vez desde que descobri sua verdadeira personalidade, vejo Luke sério de verdade. Finalmente, deixou de lado seu tom divertido. É fácil perceber que ele detesta Savana na mesma intensidade com que ela parece me detestar.

– Meu pai vai acabar com você depois que eu contar como está me tratando.

Luke revira os olhos e empurra Savana pelo ombro. Ela se desequilibra, cai batendo o bumbum

com força no chão.

– Está vendo com o que eu tenho que lidar? – ele me pergunta, voltando a achar graça na situação – Essa cretina não tem limites, seu pai a mimou demais!

Savana se levanta resmungando e sai andando na nossa frente.

– Quem são vocês, Luke? – pergunto em tom de súplica.

Nem me preocupo em ser agressiva com ele. O choque por descobrir que Savana é minha irmã é muito maior do que a raiva por descobrir que ele mentiu para mim esse tempo todo. Puta que pariu, Savana é minha irmã! Preciso entender o que está acontecendo.

Luke para de andar, e eu faço o mesmo. Ele fica observando Savana à nossa frente, que se distancia cada vez mais. Quando ela fica longe o bastante, Luke corre a mão pelas minhas costas e me empurra de leve, nos fazendo voltar a caminhar em um ritmo lento. Obedeço à suas ordens mudas, esperando que minha gentileza seja retribuída com respostas.

– Meu avô era nosso líder quando Jorge apareceu – ele sussurra, abaixando o pescoço para que sua boca fique mais próxima do meu ouvido. Por algum motivo, quer esconder de Savana que está me dando informações – ele ficou com minha mãe e Savana nasceu.

Paro abruptamente, mas ele não permite. Continua andando, me puxando pela cintura, o olhar atento em Savana.

– Savana é sua irmã, também? – sussurro.

– Infelizmente – ele olha para mim com um sorriso torto, que rapidamente se desmancha – tome cuidado com ela, Celine. Essa garota foi criada por Jorge desde que nasceu, já é um monstro. Ela te vê como inimiga, tem ciúme do pai com você. Eu não duvido que ela tente te matar enquanto você dorme.

Olho para minha mais nova irmã, seu pequeno corpo ainda menor com a distância.

– Ela só tem nove anos.

– Nove anos de pura maldade. Seu pai sabe como tornar alguém implacável.

Não consigo identificar se ele fala do meu pai com raiva ou tristeza. Ou, até, uma mistura dos dois. Fica claro que Luke nutre ressentimentos por ele, dá pra sentir no seu jeito de falar, no tom que usa.

– E você, não foi criado por ele?

Decido aproveitar a boa vontade de Luke e a distância de Savana para conseguir mais informações. Ele parece não se importar em compartilhar, e eu posso ignorar a mágoa que sinto por ele por um tempo, garantindo uma conversa civilizada.

– *Criado* eu não diria, *influenciado* cabe melhor. Eu já tinha quatorze anos quando ele seduziu minha mãe. No começo eu fui resistente, era óbvio que ele se aproximou de nós apenas por interesse, só minha mãe não percebeu isso. A paixão cega, sabe? O apaixonado não enxerga o que está diante de seus olhos, não percebe os sinais, não respeita limites. Minha mãe convenceu meu avô a aceitar Jorge, e a confiança do velho foi facilmente conquistada por seu pai – fico observando seu rosto atentamente enquanto ele fala, mas não

consigo discernir seus sentimentos em relação a tudo isso. Na verdade, não sei nem se o que ele diz é verdade. Ele está tentando me manipular ou sendo sincero? Por que ele seria sincero? – seu pai sabe como lidar com as pessoas, não é?

Ele olha para mim, sorridente. Vejo o sorriso que preenchia o rosto do antigo Luke. Isso ele não fingiu, seu sorriso de verdade ainda é o mesmo.

Olho para frente, percebendo que Savana tem facilidade em caminhar no terreno instável da floresta. Opto por entrar no jogo de Luke, mesmo sem saber se ele está dizendo a verdade ou não. O que eu tenho a perder?!

– Ele conquistou minha mãe, também. Ela era uma pessoa boa. Não sei se não enxergava quem meu pai realmente era, ou se aceitava sua personalidade sombria por amor.

– Ele mente muito bem, não duvido que tenha manipulado sua mãe a vida inteira.

Não gosto de ouvir Luke falando da minha mãe, preciso fazer um esforço para reprimir uma carranca que quase se manifesta em meu rosto. Ele está falando, isso é bom. Mas preciso ficar

atenta, ele já me manipulou uma vez, pode tentar de novo. Pode estar falando de sua mãe para criar uma nova identificação entre nós, mães seduzidas pelo mesmo homem. Ele fez isso com Savana, me fazendo acreditar que ela seria torturada como eu fui com sua idade. E funcionou muito bem.

– Por que está me contando tudo isso?

Ele olha pra mim com as sobrancelhas franzidas, confuso.

– Por que eu não te contaria? Você vai descobrir o resto em breve. Se der tudo certo, você fará parte da família – ele diz com ironia, segurando a risada. Mas falha miseravelmente e se entrega a uma gargalhada – desculpe, não resisti.

– Eu não confio em você – pontuo com neutralidade, sem demonstrar qualquer emoção.

– É, eu sei. Tente ter em mente que eu estava apenas cumprindo ordens. Não quero te fazer mal, ou ao seu povo. Nem ao Max, pra você ver como eu sou uma boa pessoa. Ê gostinho esse seu, hein? O cara é um ogro, fala sério!

– Pra quem não quer fazer mal a ninguém, você teve muita facilidade em matar os guardas da PERIGOSAS ACHERON

fortaleza.

– Não confunda as coisas, Celine. Não me divirto matando, mas faço o que deve ser feito, assim como você. Eles me pegaram bisbilhotando, não podia arriscar que eles me entregassem. Além de colocar em risco meu disfarce com vocês, eu poderia colocar em risco nossa estada na fortaleza. De nada.

– Vá à merda, Luke. Não se compare a mim, os motivos que nos levam a matar são muito diferentes – acuso, já sentindo a raiva ameaçando superar o choque pelas últimas descobertas.

Ele se diverte com meu ataque, mas, quando olha pra frente, sua alegria desaparece. Sigo seu olhar e vejo Savana apoiada em uma árvore, nos esperando.

– Chega de conversinha. Preste atenção – ele diminui ainda mais o tom de voz. Realmente teme que Savana nos escute, o que me faz pensar que talvez esteja sendo sincero e que essa garota representa mais perigo para mim do que ele. Ou tudo isso faz parte da sua atuação, ele já provou ser muito bom nisso – sei que você se acha a

fodona e acho isso legal, autoestima é importante. Até me excita, às vezes. Não conte pro Max – ele pisca pra mim, malicioso. Reviro os olhos, ignorando a piadinha infame –mas saiba que Jorge é muito mais foda do que você. Ele te ama, ficaria feliz em ter você ao seu lado. Porém, se perceber que não pode confiar em você, vai matá-la. Nem vai pensar duas vezes, acredite em mim. Eu sei que não existe chance de você ajudá-lo a vencer essa guerra, e vou manter isso em segredo. E, se você quiser sair com vida dessa e garantir a sobrevivência do seu querido povo, é melhor ser convincente ao fingir que está disposta a negociar. Fazer seu pai acreditar que pode ter sua lealdade é a única maneira de se manter viva.

Por que Luke está me ajudando? Ele está mesmo me ajudando, ou apenas me manipulando? Puta que pariu! Estou tendenciosa a acreditar nele, mas algo dentro de mim se manifesta, querendo evitar que eu corra o risco de cair no mesmo golpe duas vezes. Não devo confiar nele.

– Me carregue – Savana diz para Luke com petulância assim que a alcançamos.

Ele nem responde, passa por ela como se não existisse. Mantendo a postura de criança insolente, Savana bufa e nos segue, lamuriando algo sobre como nosso pai será impetuoso no castigo que espera por Luke. Começo a concordar com ele, essa garota é desprezível.

Dez

Seguimos em velocidade média. Depois de algumas horas, meu pé começa a doer um pouco. Meu braço dói mais, mas isso é porque ele está preso para trás. Eu poderia pedir para Luke me soltar, no entanto prefiro guardar o pedido de favores para quando for realmente necessário.

Quando já estamos próximos do acampamento, encontramos alguns guerreiros do deserto. Tonito está entre eles e é o único a reconhecer Savana e Luke. Pelo visto, Norah disse a verdade, Luke não foi treinado com os outros guerreiros. Os irmãos são da realeza, apenas os mais próximos ao rei tiveram contato com eles.

Tonito parece feliz em carregar Savana nas costas, um clássico puxa saco. Não tive oportunidade de conversar mais com Luke, ele se mostra distante de mim na presença de outras pessoas. Nosso último contato foi quando ele desamarrou minhas mãos, confiando em seus

companheiros que agora nos acompanham.

Mesmo sem confiar nele, estou em desvantagem aqui e qualquer informação pode vir a ser útil. Porém, caso ele esteja falando a verdade, demonstrar que acredito que ele possa me passar informações pode colocá-lo em risco, me fazendo perder um possível aliado. Então caminho calada, sem tentar contato com ele.

Provavelmente, estou sendo estúpida em sequer pensar que posso contar com Luke. Ele me traiu, fingiu ser quem não é, me manipulou. Como posso enxergá-lo como um possível aliado? Bom, já me aliei a guerreiros do deserto antes e eu nunca poderia imaginar que a ajuda viria deles. Melhor manter as opções em aberto, mesmo que improváveis.

Avisto o acampamento, agora dominado por guerreiros do deserto. Esse alojamento já foi de tanta gente que nem o considero mais como meu.

Passamos pelo portão muito bem vigiado, Luke segurando meu braço. Vejo que o deserto realmente não precisa se preocupar com quantidade de guerreiros, o lugar está lotado de

rostos pintados de preto. Eles me encaram, as expressões de raiva e coragem que eu já conheço. São grandes adversários, valentes acima de tudo.

Um dos guerreiros se apressa até a casa pequena, sei que está indo avisar meu pai da nossa chegada. Tento me preparar para esse encontro, mas nada do que eu faça será capaz de me tranquilizar. E nem tenho tempo, o rei do deserto não demora a aparecer com sua postura perfeitamente ereta, apesar da idade.

Assim que meus olhos encontram os dele, minha respiração fica pesada. Um leve tremor toma conta do meu corpo, minhas mãos se umedecem de suor. Jorge mantém seus olhos fixos nos meus, certamente analisando minha reação ao vê-lo. Sei que a minha vida e o futuro do meu povo dependem da minha capacidade em negociar com esse filho da puta, mas o assassino da minha família está bem na minha frente. Quem teria sangue frio o suficiente para se controlar?

Desvio o olhar para baixo, encarando o chão. Luke aperta sua mão em volta do meu braço enquanto me guia pelo caminho que me levará até

meu maior inimigo. Não olho para ele, mas entendo seu recado. Foda-se, meu pai pode pensar o que quiser. Se eu continuar olhando para ele, vou tentar matá-lo, não importa as consequências. Respiro fundo, tentando afastar as imagens do meu irmão e da minha mãe que insistem em invadir minha mente.

A segurança de muita gente depende do meu autocontrole, inclusive a minha. Preciso ser forte, preciso saber lidar com Jorge. Fui treinada para situações como essa, sou capaz disso. Não vou decepcionar Julio.

Repasso os ensinamentos de Diná mentalmente, na expectativa de me acalmar com sua recordação serena. Entretanto, me lembrar de mais essa perda só me enfurece mais. Não sei se serei capaz de encarar meu pai novamente e reprimir o impulso de atacá-lo. Só consigo pensar que, a cada passo que dou, seu pescoço fica mais próximo de minhas mãos.

Mesmo sem achar que estou pronta, volto a olhar para frente, a tempo de ver Savana correndo para os braços do pai. Jorge pega a filha no colo,

acaricia seus cabelos. Eles se parecem fisicamente. Na personalidade, também. No pouco tempo que estive com minha irmã, ela se mostrou tão sórdida quanto nosso pai.

Minha irmã, nosso pai. É de foder.

Luke aperta meu braço novamente, com mais força dessa vez. Cerro os dentes ao notar o quão próximos estamos de Jorge. Apenas alguns passos. Aproveito que meu pai está distraído com sua outra filha e fecho meus olhos, em uma última preparação. Eu vou fazer isso. Serei mais forte do que meu inimigo. Essa guerra pode ser evitada com sua morte, e preciso agir no momento certo, quando eu tiver certeza absoluta de que matá-lo é possível.

Abrindo os olhos, examino tudo ao redor. Muitos guerreiros me observam atentamente. Jorge sabe que eu posso reagir mal a esse encontro, deixou seus protetores prontos. Essa não é a hora, tenho que ter paciência para esperar uma oportunidade certa.

Luke para, e eu paro junto. Olho para frente, para a pessoa que mais odeio no mundo, meu pai.

Mesmo com Savana em seu colo, seu olhar se concentra em mim. Mantenho uma expressão impassível, embora eu esteja fervendo por dentro.

Savana beija o rosto do pai, que desvia o olhar de mim para dedicar toda sua atenção à filha mais nova. Tenho dificuldade em disfarçar o nojo que sinto ao ver tanto amor e carinho entre eles. Limpo minhas mãos na calça, já ensopadas de suor.

– Papai, o Luke... – Savana começa a falar com uma voz infantil forçada, mas Jorge coloca um dedo em sua boca, mantendo-a calada.

– *Shhh*. Conversaremos mais tarde sobre tudo.

Ela fica emburrada, mostrando que é apenas uma garotinha mimada.

– Quero agora! – ela impõe.

Luke me solta, estendendo para Jorge a mão que antes me segurava. Eles trocam um cumprimento frio, distante.

– Filho – meu pai diz, acenando com a cabeça.

Ele trata Luke com a mesma formalidade com que tratava Julio. Que nojo.

– Jorge – Luke responde com descaso e vai em direção aos quartos.

Savana mostra a língua para o irmão, mas ele nem vê.

– Celine, como está? – meu pai pergunta olhando para mim, fazendo meu coração bater fora do ritmo, disparado.

Savana aperta ainda mais os braços em volta de seu pescoço, em uma clara demonstração de ciúme.

– Preciso de água – respondo o que me vem à cabeça, o mais indiferente que posso.

Ele olha para um guerreiro, que vai buscar o que pedi.

– Estou muito feliz que esteja aqui.

Reprimo a vontade de mandar ele se foder. Minha única chance aqui é convencer meu pai de que posso perdooá-lo. Não sei se Luke foi sincero comigo, mas essa é uma verdade que não depende disso. Preciso que ele pense que posso ser útil em seus planos. Caso contrário, terei o mesmo fim que Julio.

– Gostaria de dizer o mesmo, mas não vim por vontade própria.

Decido não forçar muito a barra, ele não acreditaria se eu o tratasse bem logo de cara. Eu nem seria capaz de fingir tanto assim, mesmo que quisesse.

O guerreiro volta com a minha água, e eu ignoro meu instinto de cheirar o conteúdo antes de ingeri-lo. Isso demonstra confiança, certo? Ele não me mataria do nada, de qualquer maneira. Se quisesse, já o teria feito.

– Essa nunca foi a intenção, querida. Tenho certeza de que Luke teve seus motivos para improvisar. O que importa é que você está aqui, em segurança. Minhas filhas estão de volta.

Savana faz uma careta, enciumada, e Jorge dá um beijo barulhento em sua bochecha. Dou uma respirada bem funda, me concentrando em não demonstrar meu repúdio por meu pai. Ou meu recém-criado asco por Savana.

– É, estou louca pra saber o resto das novidades – digo olhando para minha irmãzinha asquerosa.

Meu pai olha para o guerreiro que me trouxe a

PERIGOSAS ACHERON

água, e ele logo se coloca a postos, aguardando obedientemente pela próxima ordem.

– Leve Celine para minha sala. Vou pra lá depois de matar a saudade da minha princesinha – ele diz fazendo cócegas em Savana, causando uma risada empolgada na garota.

O som do seu divertimento infantil me faz lembrar a criança inocente que conheci junto com Luke, alguém que na verdade não existe, foi apenas um personagem criado estrategicamente para me atingir.

Desvio meu olhar da demonstração exagerada de amor entre esses dois, seguindo o guerreiro indicado por meu pai. Logo outro guerreiro começa a caminhar ao meu lado, e este carrega um revólver no cós da calça. Fico tentada a atacá-lo para tomar sua arma, mas o que eu faria depois? Mesmo que faça um desses guerreiros refém, não será o suficiente para negociar minha fuga em segurança. E, agora que já estou aqui, não vale a pena ir embora antes de ver o que meu pai tem a propor, de conseguir mais informações.

Quando chegamos na casa que servia de

despensa para o meu povo, apenas o guerreiro armado entra comigo. Lá dentro, fico impressionada com o que vejo. Mesmo que seja apenas uma sala provisória, ela é incrível. Reconheço a cadeira em que meu pai foi carregado até aqui, atrás de uma grande mesa de madeira. A mesa é muito bem acabada, foi feita por mãos habilidosas. Fico na dúvida se eles a trouxeram do deserto ou se a produziram aqui, com as árvores da minha floresta.

As prateleiras que envolvem toda a sala são as mesmas que usávamos em nossa enfermaria. Agora, estão lotadas com livros. De onde eles saíram? Por que meu pai teve o trabalho de trazer tudo isso pra cá, se está aqui apenas provisoriamente?

Ele realmente se considera um rei. Não seria capaz de viver de outra maneira nem por alguns dias, um rei merece luxo a todo instante. Esses livros devem fazer com que ele se sinta inteligente, especial.

Reparo na semelhança entre ele e Joseph e fico assustada. Pessoas com perfis parecidos tendem a

se aproximar. Joseph e Jorge foram criados para liderar, para tomar decisões, para fazer o que for preciso para alcançarem seus objetivos. A diferença é que o Joseph foi criado do lado de dentro dos portões, em segurança. Jorge foi criado do lado de fora, onde é preciso lutar pela vida. O líder da areia optou por impor respeito através do medo, da violência. Já o líder da fortaleza preferiu ser respeitado, admirado, mesmo que para isso ele tivesse que fingir ser quem não é. No fim das contas, eles querem as mesmas coisas, só encontraram maneiras diferentes de executar seus planos, de acordo com a realidade que vivem.

– Gostou?

Olho para trás e vejo meu pai. O assassino do meu irmão, o responsável pela morte da minha mãe. Minha vontade é voar em seu pescoço e gritar que o que eu gosto mesmo é de dar na cara dele. Mas, além do guerreiro armado estar ao meu lado, preciso manter a calma para negociar com Jorge. Ou, pelo menor, fingir que tenho a intenção de negociar. Respiro fundo, insistindo em uma técnica de respiração que já se mostrou inútil

diversas vezes.

– Pra que tudo isso?

– A sala? – ele pergunta, fingindo inocência. Apenas cerro meus olhos para ele, que responde com um sorriso imundo – Gosto dos meus livros. Demorei muito tempo para juntá-los. Não queria ficar longe, não sabia por quanto tempo ficaria aqui.

Ele fala devagar, com calma. Distribui sorrisos e gestos entre as frases. Já imaginou esse diálogo muitas vezes, está preparado. Sabe exatamente o que dizer, o que fazer. Diferente de mim, que consigo me concentrar apenas em não deixar a raiva vencer minha razão.

Procurro as palavras certas enquanto ele caminha com passos decididos até sua cadeira. Preciso de tempo, ainda não sei exatamente o que dizer.

Ando até a prateleira mais próxima e acaricio alguns livros que estão ao meu alcance. Vou caminhando com passos lentos, como se lendo cada título, escorregando os dedos entre as opções.

Sinto seus olhos queimando minha nuca, ele não

PERIGOSAS ACHERON

diz nada. É inteligente o bastante para saber que não estou interessada em livro algum. Deve estar refletindo sobre o que estou tentando fazer, não vai demorar muito para concluir que quero ganhar tempo.

Certo, Celine. Você precisa ser esperta. O que tenho a oferecer nessa negociação, além da minha rendição? Não temos armas de fogo, não temos tecnologia. Mas a fortaleza tem. Max é sobrinho do líder da fortaleza, isso pode ser uma vantagem a ser utilizada de alguma maneira. Joseph tem medo do meu pai, mesmo que, em verdade, ele tenha maior chance de vitória em um confronto. Jorge já sabe disso? Essa é uma informação valiosa para ele?

– Desde pequena você gosta de livros – ele interrompe minha linha de raciocínio, antes que eu tenha a oportunidade de concluí-la.

Eu me viro para encará-lo. Ele levanta a mão, indicando a cadeira à sua frente. Caminho para onde ele indicou, aproveitando o movimento para ver onde está o guerreiro que entrou comigo: ao lado da porta.

– Eu nunca tive livros – digo ao me sentar.

– Sua mãe tinha e você sabe disso – seu tom de voz não muda, mas vejo que seu olhar fica diferente.

Ele também está se controlando, lutando para não demonstrar o que sente de verdade. E o que ele sente? É por falar da minha mãe que ele se exalta? O fato de sermos tão parecidas fisicamente é o que o faz me querer por perto? Talvez a maneira mais fácil de derrotá-lo seja machucar sua mente, não seu corpo.

Meu pai sorri para mim, me fazendo perceber que mudei minha expressão involuntariamente. Minhas sobrancelhas estão unidas, meus lábios formam um pequeno bico. Jorge sabe que estou refletindo, pensando. Preciso melhorar minha atuação com urgência.

– Então eu tenho uma irmã?

– A vida às vezes nos leva por caminhos inesperados – ele dá uma resposta vaga.

Não tenho paciência para esses joguinhos. Foda-se. Melhor que eu seja eu mesma, ele não é idiota. Só não posso avançar sobre essa mesa para atacá-

PERIGOSAS ACHERON

lo ou afirmar que não tenho intenção em ficar ao seu lado contra a fortaleza.

– O que você quer? Por que está aqui? – a raiva torna minhas palavrasafiadas, ainda que eu me esforce em não demonstrá-la tanto assim.

Ele aponta para mim, sorrindo.

– Essa é minha filha! – ele percebe a mudança em minha postura – Eu conheço você, Celine. Posso ter ficado ausente nos últimos anos, mas sei quem você é.

– Você vê a mamãe em mim? – as palavras saem pela minha boca antes que eu perceba que as estou verbalizando.

O termo *mamãe* é o que mais me assusta, não encontro o motivo de tê-lo usado.

Ele me encara sem demonstrar nada, mas sua máscara não dura muito. Sem conseguir se controlar, Jorge leva uma mão à boca, apoiando o cotovelo no braço da cadeira, e olha para o lado. Sim, falar da minha mãe mexe com ele. E sim, ele vê minha mãe em mim.

– Vocês são muito parecidas. E não apenas

fisicamente.

– Acho que puxei o lado certo, então – ele ri com a piada, e eu me impressiono com minha capacidade em zombar da situação – o que você quer?

– Minha filha de volta e as armas da fortaleza.

Não consigo evitar que uma de minhas sobancelhas se arqueie com sua resposta, ele foi direto demais. Por que ele está dizendo tão abertamente que quer as armas da fortaleza, que eu não sou seu único motivo para essa guerra? Provavelmente por ser óbvio, ele não subestima minha inteligência. Cometeu esse erro no nosso último encontro e aprendeu a lição. Preciso aproveitar essa sinceridade para saber mais, se é que ele está mesmo dizendo a verdade. Mas, antes, decido brincar um pouquinho com sua mente.

– O que é mais importante para você?

Ele me encara. De verdade. Seus olhos penetram nos meus, me fazendo sentir como se ele pudesse enxergar dentro de mim, ler cada pensamento meu. Eu me sinto invadida, mas não desvio o olhar

do dele. Depois do que parece ser uma eternidade, ele responde:

– Você.

– Acha que pode me ter?

– Sim. Você acha que não será possível?

É claro que isso nunca será possível. Eu morro antes de me aliar ao homem que matou meu irmão, que permitiu que minha mãe fosse morta. Nunca. Só o fato de ele pensar que isso é possível me insulta.

Minha respiração acelera, preciso me esforçar mais para levar ar aos meus pulmões. Foco toda minha atenção em manter a calma, e me surpreendo ao conseguir. Olho para meu pai, me sentindo mais forte do que ele pela primeira vez.

Sentindo um pouco de prazer nisso, repito seu movimento de há pouco: levo a mão à boca, apoiando meu cotovelo no braço da cadeira, e olho para o lado. Não sei se isso mexe com ele, mas a mínima chance de isso ser possível me anima. Quero que ele pense que somos parecidos. Sua soberba o fará pensar que serei muito útil, já que tenho as mesmas manias que ele.

Não posso responder que nunca o perdoarei, ou serei descartável. Também não posso dizer que o perdoo, porque ele não é bobo e não vai acreditar. É agora, preciso ser convincente.

– Não sei – fingindo uma explosão de sentimentos, volto a encará-lo e aumento um pouco meu tom de voz – sua crueldade com o povo do deserto eu até posso aceitar. Não há muitas maneiras de sobreviver, sei disso. Há alguns dias eu atirei em um homem rendido, só pelo prazer da vingança. Não sou tão boa quanto eu gostaria, eu admito – tenho a impressão de que ele esconde um sorriso, mas não penso muito nisso. Continuo focada na minha atuação, aumentando cada vez mais meu tom de voz, como se eu não pudesse controlar que as palavras saiam pela minha boca – a gente tem que fazer um monte de merda nessa porra. Se não matamos, somos mortos. Eu entendo isso. Sei o que você quer fazer ao matar quem não é bom em seu ofício. É cruel dizer, mas eles seriam sua fraqueza. E todos sabem que só os fortes sobrevivem. Eu posso aceitar que você faz o que é preciso para se

manter forte, mesmo que seja necessário matar pessoas inocentes. Mas não sei se posso perdoá-lo por ter matado Julio e a mamãe.

Sua expressão impassível se transforma em uma feição furiosa, e ele bate o punho na mesa com força.

– Eu não matei sua mãe! Pare de repetir isso! – vocifera.

Meu impulso é recuar. Mas, se estou fingindo uma explosão de sentimentos, recuar não é uma boa opção.

– Você permitiu que ela morresse. Foi a sua decisão que acarretou sua morte! – grito, apontando o dedo para ele, percebendo que já não estou mais atuando, realmente me sinto dessa maneira.

Seus olhos se arregalam, passeiam por todo o meu rosto. Seu peito sobe e desce enquanto ele respira, assim como o meu. Então, inesperadamente, a raiva abandona seu rosto, dando espaço para a tristeza. Ele se encosta na cadeira, olhando pra cima.

Identifico o que o machuca: culpa. Ele sabe que

PERIGOSAS ACHERON

minha mãe morreu por sua causa.

– São pouquíssimas as coisas das quais me arrependo, minha filha. Já disse isso. E levar você e sua mãe comigo naquela fuga é uma delas – sua voz soa triste, muito triste.

Nem ele seria capaz de fingir tanto assim, realmente se arrepende, realmente amava minha mãe. Possivelmente ainda ama.

– E meu irmão? – forço, ciente de que posso me arrepender.

– Podemos superar nossas perdas juntos, Celine. Eu sou seu pai, seu sangue, sua família. Quem melhor do que eu para te consolar, te proteger? Quem melhor do que você para ficar no meu lugar, quando eu me for? – sei que ele está se esquivando da minha pergunta, mas isso não me abala, já sei que foi ele quem mandou matar meu irmão. Eu me concentro unicamente em interpretar suas palavras. Assumir seu lugar? Essa possibilidade realmente existe? – As mortes de sua mãe e seu irmão foram fatalidades que eu gostaria que não tivessem acontecido. Eu queria minha mulher aqui comigo, ao meu lado. Eu queria meu

primogênito lutando por mim. Eu queria proteger a minha linda filha. E apenas um desses desejos ainda é possível. É triste, mas é a realidade. No mundo em que vivemos, não existem famílias completas, felizes, prósperas. Essa era já passou, sorte de quem a viveu. Eu só ouvi falar, assim como você. Somos o que esse novo mundo fez de nós. Eu não me orgulho de muitas decisões que tomei, mas sei que fiz o que foi necessário para sobreviver, para manter você viva – simulo uma cara de confusa. Quero que ele fale mais, e ele o faz: – acha que simplesmente abandonei vocês? Eu acompanhei todos os seus passos. Sacrifiquei muitos homens em falsos ataques, apenas para me manter informado sobre vocês, saber como reagiam, como se comportavam. Seu irmão era um caso perdido, conviveu demais com sua mãe, sua fraqueza era irreversível. Ele era fraco, estava transformando você em uma pessoa fraca também. Você não sobreviveria se seguisse seus passos, e você já o estava fazendo.

Aperto as mãos com força nos braços da cadeira ao escutar meu pai confessar que matou meu

irmão, mesmo que indiretamente. Sinto meu nariz tremer, e o tremor não demora a se espalhar por todo o meu corpo.

Fecho os olhos e abaixo a cabeça. A raiva em mim é tão grande, que vem acompanhada de uma enorme vontade de chorar. Uso o que me resta de razão para me lembrar de que há um guarda armado atrás de mim. Atacar meu pai agora significa pôr tudo a perder. Significa decepcionar meu irmão.

Deixo que imagens de Julio me venham à mente, e libero todas as lágrimas que tentam cair, não economizo uma sequer. Uso o choro para extravasar a raiva, ciente de que Jorge analisa cada ação minha.

Para minha sorte, o choro realmente ameniza o que sinto. A cada suspiro, uma espécie de torpor me toca. A vontade que tenho é de sair daqui e ficar sozinha. Esquecer toda essa merda por apenas algumas horas. Uma pena que eu não possa me dar a esse luxo, porque certamente faria eu me sentir melhor. A presença do meu pai me intoxica, me corrói. Só terei paz após sua morte,

essa é uma certeza mais do que absoluta para mim.

Depois de um tempo chorando, me sinto pronta para retomar minha atuação, para fingir que estou prestes a dar uma chance ao assassino da minha família. Enxugo o rosto e olho para ele, que me surpreende com uma expressão afetuosa, como se sentisse minha dor.

– Julio fazia o que achava melhor para mim – digo, fungando.

Meu pai sorri com tristeza. Ele esperava que eu tentasse agredi-lo por ter confessado que matou meu irmão, está feliz com minha reação passiva.

– Nós devemos seguir em frente, Celine. É o que eles iam querer que fizéssemos.

Tento pensar que meu irmão ia querer ver meu pai morto nesse momento. Mas isso é mentira, Julio não o mataria, mesmo depois de tudo isso. É muito triste admitir, mas Jorge tem certa razão. Meu irmão era muito bom. E na guerra, pessoas boas são pessoas fracas.

Eu me lembro de Darion dizendo que no caos em que vivemos só há duas opções: matar ou morrer.

Esta é a mais pura verdade, nossas decisões se baseiam nessas duas únicas alternativas, mesmo que inconscientemente. Ao optar por poupar inimigos, ser benevolente, aumentamos nossa chance de morrer. O mesmo serve para o contrário.

Meu irmão escolheu morrer. E eu escolho matar.

Parabéns, papai. Você fez de mim mais forte do que seu outro filho. Mas ao matá-lo, me fez incapaz de ficar ao seu lado. Você fortaleceu sua inimiga, um erro do qual vai se arrepender, eu prometo.

– Mesmo que eu aceite te ajudar, nunca conseguiremos vencer a fortaleza. Eles têm muitas armas, perderíamos um ataque, mesmo que eu esteja com meus guerreiros e você com seu exército – tento incitá-lo a contar seu plano, que certamente envolve Max e minha passagem *livre* para dentro da fortaleza.

– Isso não é importante agora. O que me importa é recuperar o seu amor, sua confiança.

Isso não é importante agora? Sim, ele sabe que perderia um confronto contra a fortaleza. Vai agir

como covarde, não enfrentará Joseph como homem. Realmente sou apenas uma peça no seu plano, ele quer me usar para entrar na fortaleza com facilidade e nada mais. É capaz de me eliminar, após conquistar seu objetivo.

Não. Ele foi sincero há pouco, nem ele conseguiria fingir tão bem. Ou conseguiria?

Uma angústia se instala em meu peito, me mostrando que já tive o suficiente, por enquanto. Não vou conseguir manter essa farsa por muito tempo, e ele parece resistente a me contar seu plano. Não é uma boa ideia forçá-lo a me dar essas informações nesse momento, ainda tenho dois dias. Agora, o que eu preciso é sair daqui, me afastar desse filho da puta.

– Eu estou confusa. Não sei se consigo...

– Você precisa de uma boa refeição, uma noite de sono. Temos tempo. Eu tenho todo o tempo do mundo pra você, minha filha – meu pai sendo doce, isso só pode ser fingimento – Quênio, acompanhe Celine até seu quarto. Providencie uma refeição para ela. Aproveite e leve isso para Théo.

Meu pai abre uma gaveta da mesa, pega uma caixa azul e a estende para seu guarda.

– Sim, alteza – escuto a voz do guerreiro perto de mim.

Continuo sentada enquanto um plano começa a se formar em minha mente. Como se o destino conspirasse a meu favor, o guerreiro para ao meu lado, se esticando para alcançar a caixa na mão de seu líder. E sua arma fica a centímetros de distância, totalmente ao meu alcance.

Conheço os riscos, talvez eu não saia viva daqui se tomar essa decisão, mas eu nunca mais terei uma oportunidade como essa.

Meu corpo reage rápido, não me dá tempo para pensar mais. Com a mão direita, pego a arma. Posiciono meu cotovelo embaixo do queixo do guerreiro e levanto rapidamente. Atinjo o alvo em cheio, fazendo-o cambalear pra trás. Com o pé que não está machucado, empurro sua barriga com toda a minha força, mandando-o para longe. Com o revólver em punho, aponto para o rosto do meu pai.

Preciso tomar uma decisão: matá-lo ou usá-lo

PERIGOSAS ACHERON

como refém pra sair daqui. Fazer dele meu refém pode ser arriscado, ele tem muitos guerreiros aqui.

Mesmo que eu morra, preciso matá-lo. É uma chance muito grande de impedir essa guerra e mais mortes. Darion, Max, meus guerreiros, meu povo. É meu dever protegê-los, foi para isso que fui treinada.

E, acima de tudo, quero que Jorge morra por minhas mãos, mereço essa vingança. Que ele se junte a Tito em meus sonhos.

– Celine – ele me diz apavorado, com as mãos para cima, rendido.

Olho bem no fundo dos olhos do assassino do meu irmão, do homem que tirou minha mãe de mim.

– Adeus, papai – digo e aperto o gatilho.

Escuto o clique da arma, mas ela não dispara. Arregalo os olhos, meu pai esboça um meio sorriso. Aperto mais uma, duas, três vezes o gatilho. O revólver está descarregado.

– Isso foi um teste, Celine – o rei do deserto me diz, a expressão mostrando que está decepcionado

PERIGOSAS NACIONAIS

– e você falhou.

PERIGOSAS ACHERON

Onze

A primeira coisa que percebo ao acordar é que eu levei uma porrada forte na cabeça. Sinto uma dor horrível na região, abrir os olhos totalmente parece impossível.

Sei que estou encrencada, agora que meu pai sabe que quero matá-lo, mas me dou alguns minutos para me recompor. Mantenho os olhos fechados, tentando não pensar na situação desesperadora na qual me encontro.

Massageio meus olhos, me recusando a pensar em Max, Darion e todas as pessoas que sofrerão pelo meu erro. Aquela arma estava perto demais, fácil demais. Por que não desconfiei que estava sendo testada? Meu pai não estaria onde está hoje, se fosse o tipo de homem que comete esse tipo de erro. Ele sabe do que sou capaz. Só o fato de ele permitir que ficássemos tão próximos com apenas um soldado o protegendo já deveria ter chamado minha atenção.

Estúpida! Estive tão preocupada em ser quem não sou, que deixei meus instintos de lado. Mais estúpida ainda por acreditar naquele teatro ridículo do meu pai.

Ainda com os olhos fechados, me levanto e fico sentada. Minha cabeça roda por um tempo, aguardo pacientemente que a sensação ruim passe. Abro os olhos e vejo onde estou: no meu quarto. Por que ele me deixaria em um lugar tão familiar, confortável? Está brincando com meu psicológico, como tentei fazer com ele? Ou simplesmente não sabe que esse é meu quarto? Não, coincidência demais. Talvez esteja querendo me convencer que se preocupa com meu bem-estar. Se for isso, ele não conseguiu. Sei que sou descartável, agora. Ele desistiu de mim. Só precisava ter certeza de que eu não tinha mais jeito, como meu irmão.

Eu me amaldiçoo por nunca ter pensando na possibilidade de ser trancada no próprio quarto e ter tido o cuidado de esconder uma arma onde ninguém mais encontraria. Nem perco meu tempo procurando. Mesmo que eu encontre algo,

obviamente seria mais um teste. Meu pai não esqueceria uma arma onde me mantém prisioneira. Assim como ele não deixaria um revólver carregado ao meu alcance.

Sei que tenho que me concentrar em procurar uma solução para esse problema, mas não encontro vontade. Meu coração sofre por saber que muitos estão em risco, mas meu corpo e minha mente só querem descanso. Estou exausta, de saco cheio dessa merda toda.

Resolvo checar se a porta está trancada. Se ele me deu uma cama para dormir, talvez tenha me deixado livre para transitar pelo acampamento. Seja qual for a intenção dele, caso tenha feito isso, é importante que eu saiba. Mesmo que eu tenha certeza de que *livre* é algo que não estou. Não enquanto Jorge estiver vivo.

Eu me arrasto pra fora da cama, me sentindo pesada. Antes que eu tenha chance de alcançar a porta, ela se abre. Luke entra e, de imediato, noto um hematoma no canto esquerdo da sua boca. Corro os olhos por ele à procura de mais sinais de uma luta, mas não encontro. Foi apenas um soco,

e eu posso apostar que foi a mão do meu pai que o desferiu.

– Preciso te falar, sua atuação foi ridícula – ele diz, com seu bom humor presente em cada palavra.

Por algum motivo, talvez cansaço, eu nem fico irritada com ele. Dou meia volta, me sento na cama e solto meu peso até que minhas costas encostem na parede.

– Você estava lá? – pergunto.

Minha voz sai arrastada, cansada, mole. Como me sinto.

– Nossa, você está um trapo. Depressão?

– O quê? – não tenho forças nem para pensar se ele está fazendo piada ou se está falando sério.

Já ouvi que depressão é vontade de parar de viver. Posso dizer com sinceridade que sinto isso nesse momento.

– Deixa para lá. Eu assisti da janela. O que foi aquilo? *Estou confusa, não sei se posso perdoá-lo* – ele repete minhas palavras com uma voz mais fina, me imitando enquanto passa as mãos pelos braços

com uma cara de choro, como se estivesse sofrendo.

Eu devo estar com algum problema muito sério, pois sinto vontade de rir. No entanto, me contenho e apenas levanto a sobrancelha pra ele.

– Você disse que eu precisaria convencê-lo.

– É, e você passou longe. Eu disse pra você convencê-lo em uma negociação. É claro que você não o perdoaria, isso é tão óbvio! Eu te conheço há alguns dias e sei disso, imagina ele que é seu pai e acompanhou seus passos sua vida inteira. Era pra você fingir estar disposta a negociar com ele, por um bem maior, pra salvar sua galera, sei lá...

Ele gesticula com as mãos em frente ao seu corpo, um pouco indignado, mas já conformado. Fico olhando pra ele, estudando seu rosto sem dizer nada. Luke abaixa as mãos, relaxando os braços, e tomba a cabeça um pouco de lado. Ficamos apenas nos observando. É bonito, o filho da puta.

– Foi ele que fez isso aí? – pergunto, indicando o machucado em seu rosto.

– Eu te disse que aquela pirralha é o demônio.

– Ele sempre te bate? – Luke aperta os olhos pra mim. Está achando que quero provocá-lo, mas não é o caso. Só quero saber como é a relação deles – Ele batia em Julio, também. Nas vezes em que meu irmão não fazia exatamente o que ele mandava, ou quando não conseguia agir com a perfeição esperada. Você já pensou em revidar? – ok, agora estou provocando um pouquinho. Ele continua me observando, impassível. Odeio admitir, mas não faço ideia do que se passa por sua cabeça. Eu não o conheço – Daqui quanto tempo você vai se tornar descartável para ele?

Vejo um traço de perturbação em seu olhar, fica claro que ele já pensou nisso.

Sorrio, vitoriosa. Luke está tão fodido quanto eu. Talvez um pouco menos, pois minha hora já chegou. Mas a dele está para chegar, também. E ele sabe disso.

A possibilidade de uma aliança me ronda novamente, meio que não querendo se fixar. Eu não poderia arriscar. Meu pai pode estar me testando novamente, usando Luke. É a cara dele. Eu seria muito idiota em cair em sua armadilha

outra vez.

– Eu vim te fazer uma proposta – Luke diz olhando para os lados, conferindo sem necessidade se há mais ninguém no quarto além de nós dois – mas acho que você já pensou nisso.

Solto uma risada, é incontrolável. Ele veio me sugerir uma aliança, tenho certeza. Já se cansou de ser o capacho do meu pai, percebeu que temos um inimigo em comum.

Decido usar sua própria arma contra ele: ironia.

– Ah, Luke. Eu pensei que você tinha vindo aqui só para saber se eu estava bem!

Ele ri, entrando no clima da brincadeira, e se aproxima um pouco mais de mim.

– Sabe, eu pensei nisso: voltar a fazer o bonzinho. Eu poderia dizer que fui obrigado a fazer o que fiz, que ele me ameaçou, que ameaçou minha família. Bancar o cara apaixonado, dizer que o desespero toma conta de mim quando penso no que seu pai poderá fazer com você – ele fala teatralmente, colocando a mão no peito, próximo ao coração, fingindo estar desesperado. Luke se diverte sendo como é – mas eu acho que não

PERIGOSAS ACHERON

funcionaria.

– É, eu acho que não!

– Ei, calma lá! Minha missão nunca foi conquistar você, não era a minha intenção. Porém, quando vi o jeito como você me olhou... – ele faz uma cara de travesso – era uma oportunidade se apresentando, eu não podia deixar escapar.

– Oportunista.

– Safada.

Ele não me ofende, suas palavras não mexem comigo. Não sinto vergonha por Luke estar expondo que eu me senti atraída por ele desde o começo. É a verdade, sua presença e aparência despertaram algo em mim. Eu sempre soube que nada aconteceria, porque Max nunca saiu da minha cabeça, do meu coração. Mas, mesmo assim, eu quis tê-lo. Ele deve estar certo: sou uma safada.

– Meu pai sabe que você está aqui?

– Não, mas vai saber em breve. Por isso, não temos tempo. Topa ou não topa?

– Sabe que preciso que você verbalize sua

proposta, mesmo que eu já saiba qual é, certo?

Um sorriso largo preenche seu rosto bonito. Estou sendo simpática, e isso faz com que ele se sinta confiante sobre essa possível aliança.

– Eu já estou cansado dessa merda, seu pai é um filho da puta. Já me tratou melhor, eu já gostei mais dele. Mas isso não importa. Você está certa: em breve serei descartável. Como você, como seu irmão. Provavelmente, Savana também, aquela desgraçada. Ela se acha porque é a queridinha do rei, a filhinha perfeita. É estúpida, não percebe que, se fosse tão valiosa, ele não a mandaria para essa missão comigo, não a traria para a guerra. Precisávamos de uma criança para mexer com o seu psicológico, mas poderia ser qualquer uma. A verdade é que seu pai só ama ele mesmo. Talvez sua mãe também. As poucas vezes que o vi vulnerável, o assunto era ela. Mas vai saber, ele pode só ter fingido! Ninguém nunca saberá.

A calma que tomou conta de mim até agora começa a se afastar. Minha mãe é meu ponto fraco, é impossível não ser inundada por sentimentos ao pensar nela. Luke sabe disso. Ele

está brincando comigo? Isso é um teste? Meu pai o mandou aqui para me propor uma aliança, para saber se eu aceitaria?

Observo Luke com atenção, buscando sinais de mentira ou verdade. Mas é impossível encontrar qualquer coisa. Eu nem sei se essa é a verdadeira personalidade dele, ou mais uma atuação. Luke tem o dom da mentira, isso é um fato. A questão é: ele está usando esse dom contra mim agora?

Não sei se o que ele está dizendo é verdade, mas vou dar corda.

– Está com ciúme de Savana? Você era o queridinho antes dela nascer?

Ele se diverte com minha pergunta. Ou finge, vai saber.

– Durante um tempo foi isso, sim, eu confesso. E esse foi o erro do seu pai, ser deixado de lado me abalou. Eu perdi a admiração que tinha por ele, que foi bem difícil de conquistar. Se Jorge não tivesse cometido esse erro, eu o seguiria cegamente, nunca questionaria suas ações, seus ideais. Mas ele fez isso. E o rancor que cresceu dentro de mim me fez passar a observá-lo com

outros olhos. Percebi que não fui trocado por Savana só porque ela é filha de sangue, enquanto sou apenas de criação. Ele nunca me considerou um filho, eu nunca fui seu queridinho. Eu era uma arma. Uma ótima arma, com talentos natos. Você nunca me viu em combate, mas luto bem pra caralho. Meu talento para manipulação você já presenciou – ele pisca pra mim, audacioso – sou também muito inteligente, penso rápido, encontro soluções imediatas para problemas irreparáveis. Eu sou foda!

– Quanta modéstia.

– É, essa não é uma das minhas qualidades. E olha quem fala. Enfim, não é de hoje que eu penso em uma maneira de matar seu pai. Infelizmente, eu mesmo fazê-lo não é uma opção. Eu seria considerado um traidor, e me matariam. Sou um cara bonito demais pra morrer assim, não estou disposto a arriscar. Até porque ainda vivo uma vida boa aqui. Às vezes ele me manda para uma missão, quando ela é muito importante. Mas, de resto, fico por aqui, como boa comida, durmo numa cama confortável, transo com belas mulheres, dou umas

porradas na Savana pra matar o tédio... Aliás, falando em Savana, é bom matarmos ela também. Mais velha, será pior que seu pai. Tenho certeza disso.

– Eu não vou matar uma criança, mesmo que ela seja asquerosa. Eu tenho limites, mesmo em uma guerra – destaco a palavra *eu* na minha fala, acusando-o.

Por que ele se acha melhor do que meu pai? Ou do que Savana?

– Ela não é só uma criança. E tudo bem, eu mato. Eu deveria sentir necessidade de proteger Savana, agora que sei que ela é minha irmã? Porque não sinto. Não estou nem aí se Luke matá-la. Acho que não estou nem aí para nada.

Ele parece estar sendo sincero, sua história faz sentido. Mas depois do teste do meu pai, não posso simplesmente acreditar nele.

– Se o que está me dizendo é verdade, por que não me contou tudo? Poderíamos nos unir em uma situação melhor. Livres, com meus guerreiros e os que fugiram do deserto. Poderíamos usar o fato de meu pai não saber de nada como elemento

PERIGOSAS ACHERON

surpresa. Você poderia nos pôr aqui dentro. Por que não me fez essa proposta antes?

– Max – reajo imediatamente ao escutar seu nome, desencostando minhas costas da parede – detesto admitir, mas eu cometi um erro tentando seduzir você. Aquele cara é psicótico, sabe disso né?! Ele não me deixaria em paz.

– Ele ainda estará lá.

– É, só que agora eu não tenho mais opções, não é?

– Max só se tornou um problema pra você depois que saímos daquela cela. Por que não me contou antes?

– Ah, Celine, eu nem te conhecia. Savana estava lá conosco. Jafar sabia do meu papel, se ele avisasse Jorge eu estaria perdido. Mudar de lado em uma guerra é um passo muito grande, eu precisava ter certeza. Uma coisa seu pai me ensinou muito bem: o homem mais sábio é aquele que sabe a hora de agir, que tem paciência. Eu estava analisando o terreno. Já tinha a confiança de Norah e dos outros. Você parecia gostar de mim, Darion também. Estava quase convencido de

PERIGOSAS ACHERON

que me unir a vocês seria a melhor opção. Como você disse, eu poderia atuar aqui dentro, sem que seu pai desconfiasse. Mas aí apareceu o ogro do Max. Cara irracional, com ele não tem diálogo. Aliás, para isso aqui dar certo, preciso que você garanta minha segurança.

Solto uma gargalhada alta, divertida. Como é que ele acha que vou garantir a segurança dele? Pedindo gentilmente para Max e para os outros perdoarem um traidor? Meus guerreiros até me obedeceriam, já Max e Darion costumam agir por conta própria.

– Não sei se isso será possível.

– Você vai ter que dar um jeito – ele pressiona.

– Seria mais fácil convencer Max se você tivesse dito a verdade antes. Agora que me trouxe pra cá, ele te odeia ainda mais.

– Pois é, eu estava pensando nisso. Quando seus guerreiros me renderam, eu estava analisando a possibilidade de aprender a lidar com o cara, me tornar útil pra vocês e tudo o mais. Mas aí Savana pôs tudo a perder. Como sempre, ela fodeu a porra toda.

Me lembro de sua expressão injuriada quando Savana apareceu com aquela arma. Mesmo assim, essa parte da história está mal contada.

– Sinto muito, você não me convenceu.

Ele para de falar e fica só me encarando. Aos poucos, seu sorriso vai murchando. Começo a bater um pé no outro, impaciente. Luke entende meu recado e levanta as mãos para cima, sinalizando sua rendição.

– Tudo bem, você venceu. Digamos que acabei de receber uma informação que antes eu não tinha.

– Qual?

Ele demora para responder, ponderando se deve. Levanto uma sobrancelha, desafiando-o a me esconder essa informação e perder minha aliança.

– Eu sou da realeza, por sangue. Jorge é um intruso. Eu deveria ter assumido o poder quando meu avô faleceu, mas ele achou que eu não estava pronto, e seu pai já havia conquistado sua confiança. Então ele o nomeou seu sucessor, me tirando a chance de ser rei. Mas tudo bem, isso já passou. No fundo, sei que eu realmente não estava

pronto. Então fui paciente, sabia que era questão de tempo para minha nova chance chegar. Seu pai é um homem velho, mais cedo ou mais tarde ele morre. Eu assumiria o posto, é a tradição. Savana é sua filha e também tem sangue real, mas é mulher, além de ser muito jovem. Eu sou o próximo na hierarquia. Mas adivinhe só a novidade? O rei nomeou Tonito seu sucessor, a porra de um guerreirinho de merda. E já foi oficializado, eles realizaram a cerimônia. Não sei se Jorge fez isso porque não confia mais em mim, ou porque ele precisava manter o moral dos guerreiros alto. Vocês mataram muitos dos nossos e, ao saberem que você é filha do rei, algo pode ter mudado neles. Talvez seu pai tenha escutado rumores de desconfianças, falta de lealdade, e resolveu mostrar para todos que qualquer um pode ser rei, inclusive um guerreiro que nunca foi da realeza. Agora todos acham que podem chegar lá, também. Basta serem leais, como Tonito, que a hora deles chegará. Enfim, seja o motivo que for, a realidade é que eu perdi a chance de ser rei. De novo. Jorge tirou de mim a única coisa que eu realmente

queria.

Ele parece muito ressentido. Luke busca por poder, como meu pai. E, agora, perdeu sua chance de liderar.

– Por que não queria que eu soubesse disso? – ele faz um bico, voltando a achar graça na situação
– Não queria que eu soubesse que você é só um príncipe mimado que busca por poder? Sabia que eu notaria o quanto essa atitude torna você parecido com meu pai?

– Até que você é boa, hein?!

– Isso é um teste, Luke?

– Achei que você nunca perguntaria. Não, Celine, isso não é um teste. Infelizmente, eu não tenho como lhe provar. Mas você não tem outra escolha, de qualquer maneira. Jorge vai te matar. Só não matou ainda, porque planeja usá-la para conseguir algo do seu povo. Uma brecha na guarda da fortaleza, por exemplo. Ele negociará sua vida em troca de um favor. E, mesmo que seja um teste e você falhe novamente, em que sua situação poderia piorar? Acho que vale o risco.

Ele está certo. Já não valho mais para meu pai,
PERIGOSAS ACHERON

provar mais uma vez que quero matá-lo não mudará nada. O rei do deserto não me dará uma segunda chance. Jorge não é o tipo de home que dá segundas chances.

– Vejamos se eu entendi sua proposta: você não se sente mais seguro aqui e está puto com meu pai, então resolveu mudar de lado. Vai me ajudar a escapar, por isso acha que serei grata o suficiente para te manter seguro com meu povo. Nós ganhamos essa guerra e vivemos todos juntos, felizes para sempre. É isso que está me propondo, Luke? Porque não está fazendo muito sentido. Você é esperto demais pra achar que será bem recebido conosco.

– Te ajudar a sair daqui não é meu único trunfo, você tem razão. Vocês precisarão de mim, se quiserem vencer o deserto. Eu sei como as coisas aqui funcionam, conheço o plano de Jorge, sei como ele pensa... serei um ótimo aliado. Sou a única chance que vocês têm de vencer.

Ele pensa que sou idiota.

– E depois? O que acontece se ganharmos essa guerra? Quem assume a liderança do deserto se

Jorge e Tonito morrerem? – pergunto, sugestiva.

Ele abre um sorriso sincero, sabe muito bem aonde quero chegar. Esse filho da puta só quer nos usar para conseguir o que quer. Ele age como meu pai, como um covarde.

– Digamos que o sangue real nunca deixará de correr por minhas veias – ele dá uma risada alta, mas logo se concentra no meu rosto, me observando por um tempo. Permaneço com um meio sorriso nos lábios – eu sei o que você está pensando, Celine. E você está errada. Eu não sou como seu pai, a ganância dele não tem limites. Jorge quer conquistar o mundo, esse é seu objetivo pessoal. Eu, sinceramente, não entendo. Acho que ele tem problemas psicológicos sérios. Eu não quero dominar o mundo, não quero sair dizimando povos para tomar suas terras, tornar seus civis escravos. Só quero viver tranquilamente, com conforto. Não quero ter que arriscar meu pescoço em missões, não quero ter que obedecer a alguém que odeio. O que eu tenho no deserto já é suficiente. Podemos viver em paz. Você na sua *florestinha*, eu no meu deserto e Joseph no seu

castelo. O que tem de errado nisso? Eu não gosto da guerra, de correr risco de vida. A verdade é que essa guerra, criada por Jorge, não tem fundamento. Só ele entende os próprios motivos.

– A cultura do deserto não é assim. Você não durará no poder se for contra os ideais do seu povo.

Luke é só um moleque. Não entende de liderança, não conseguirá se manter como líder. Não no deserto.

– O que você sabe sobre nossa cultura, Celine?

Isso é verdade. O que sei sobre o deserto é o que ele me contou, talvez seja tudo mentira. Mesmo que seja meu pai, não conheço meu inimigo, e essa é a pior desvantagem que eu poderia ter. Luke será útil, ele está conseguindo me mostrar isso. Se eu souber exatamente como as coisas funcionam no deserto, na realeza, na tomada de decisão, podemos achar uma brecha que nos possibilite impedir essa guerra. É tudo o que quero: não ter que mandar meus guerreiros para uma batalha mortal. E matar Jorge, claro. Mas uma coisa leva a outra. Essa guerra só será impedida

com meu pai morto, isso já é óbvio.

– Você podia ter impedido o teste do meu pai, não podia? Mas queria saber se eu o mataria. Queria, acima de tudo, que eu falhasse para estar nessa posição, para que negociar com você valesse a pena para mim, não é?

O sorriso que raramente abandona seu rosto se amplia, alcança até seus olhos maravilhosos. Cretino!

Passos no corredor interrompem nossa conversa. Muitos passos. Jorge já sabe que Luke tentou lhe trair, mandou seus guerreiros para pegá-lo.

Eu me levanto, em um impulso automático, e olho em expectativa para Luke.

– Tudo bem, faz parte do plano. Fique atenta, saímos daqui essa noite.

A porta se escancara e três homens armados entram no quarto. Dou um passo pra trás, encostando as pernas na cama. Vejo que outros guerreiros ficam na porta, mas não consigo contar quantos. São muitos contra um só, Luke realmente deve ser habilidoso.

Dois homens o seguram, um em cada braço, e o terceiro aponta uma arma para ele. Luke não oferece resistência, permanece tranquilo. Aparentemente, quer ser capturado. Como ele disse, faz parte do plano.

– Não tente nenhuma gracinha – diz o guerreiro que segura a arma.

– Você estava louco por isso, né, Théo? – Luke consegue manter seu tom de zombaria em qualquer circunstância.

– Pode apostar – Théo responde e dá uma coronhada na cabeça de Luke, que apaga imediatamente.

Ele é arrastado para fora do quarto sem nenhum cuidado, pelos homens que seguram seus braços. Théo me observa por um instante, mas me deixa sozinha sem dizer nada.



PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Doze

Não faço ideia de quanto tempo se passou após Luke ser levado daqui. Fico nervosa, com vontade de andar pelo quarto. Mas permaneço deitada, dando oportunidade ao meu corpo de descansar. Preciso dele o mais forte possível.

Imagino Darion coberto de lama, invisível, rondando o acampamento, estudando a situação, bolando um plano. Max me deu dois dias. Quando o prazo se encerrar, sei que ele dará um jeito de encontrar guerreiros suficientes para um ataque. Se isso acontecer, não haverá volta.

Talvez tentar impedir essa guerra seja um erro, a melhor saída pode ser enfrentar essa situação de uma vez. Convencer Joseph a nos ajudar e atacar meu pai. Eu vi muitos guerreiros nesse acampamento, mas não milhares. Será que eles estão escondidos? Jorge queria que eu pensasse que ele não conta com todo seu exército para essa guerra? Ele precisou deixar alguém para proteger

o deserto, certo? Se Tonito e ele estão aqui, quem toma as decisões por lá?

Penso na possibilidade de realizar um ataque no deserto enquanto meu pai se distrai em minha floresta, mas é difícil prever o que aconteceria sem saber como as coisas funcionam por lá. Preciso de respostas, e Luke as tem. Entretanto, sei que não posso confiar nele. Como me unir a alguém em quem não confio?

Julio, o que você faria? Diná, que conselho me daria?

Se o povo da areia tivesse um bom líder, conseguiríamos paz? Luke tem razão, eles podem viver no deserto, o território é deles por direito. Nós teríamos nossa floresta, dividi-la com a fortaleza nunca foi um problema. Joseph pode ter muitos defeitos, mas nunca se mostrou cruel, não parece matar por diversão, por ganância.

Agora entendo o motivo da fortaleza em tentar manter a paz, mesmo que de maneira hipócrita, usando a violência para garantir povos não violentos. De fato, um pensamento ganancioso, quando disseminado, pode acarretar em uma

guerra. O deserto é a prova disso. Milhares de guerreiros dispostos a morrer para seguir ordens de quem nem conhecem. A cultura é algo muito poderoso, uma vez enraizada. A fortaleza corta o mal pela raiz para impedir que ele se espalhe, para que não alcance outros corpos, outras mentes.

Não acho que Joseph se preocupe com o bem-estar de outros povos, ele não está nem aí se todos morrerem. Mas ele é inteligente, estudado. Sabe que as guerras se expandem, não se limitam a territórios próximos. Alcançar a fortaleza é uma questão de tempo, não importa onde a guerra se inicie.

Parece cruel, mas a verdade é que a fortaleza deveria ter dizimado o povo da areia há anos. Eles não foram sempre tão numerosos, eu imagino. Já a fortaleza sempre teve tecnologia. Eles não a criaram, apenas a monopolizaram. Seu primeiro líder teve a sorte de encontrar os recursos e a esperteza de criar um complexo que impedisse que outros povos tivessem acesso a ela, garantindo uma vantagem eterna. Seus recursos são uma herança do mundo antigo, não uma

conquista do mundo novo.

Mas eles têm mérito por manterem o conhecimento vivo, por garantirem que os recursos se sustentem. As armas são do antigo mundo, mas e os remédios, por exemplo? Eles ainda formam médicos, farmacêuticos, engenheiros, militares. Se não o fizessem, a maioria dos recursos teria se esgotado. Eles poderiam espalhar esse conhecimento por aí, aceitar novos integrantes. Isso poderia representar mais guerreiros, mais estudiosos. Mas também representaria menos controle. Muita gente para monitorar, instintos demais para conter, mentes em abundância para controlar. Eles sabem do que o ser humano é capaz, têm medo de colocar a cobra dentro de casa.

Cruéis? Acho que não. Apenas mais espertos e sortudos do que os demais. Sabem que têm vantagem, enxergam a realidade como ela é. Aceitam a natureza humana, não tentam controlá-la, alterá-la. Seus princípios já estão semeados em seus integrantes há gerações, o contato com alguém de fora poderia trazer novas visões,

instalar nova cultura. E isso é um risco que eles não estão dispostos a correr.

A fortaleza merece o poder que tem. Não desejam o mal para os outros povos, mas fazem o que é preciso para se manterem no topo dessa cadeia. Acho justo.

Por que meu pai não pode ser assim? Ficar na porra do deserto, mandando e desmandando dentro do próprio território. Não, ele quer sempre mais. E é esperto, o filho da puta. Tenho certeza que ele não foi parar no deserto por acaso, escolheu muito bem o povo que iria liderar. E sua escolha não foi baseada apenas na quantidade, Jorge sabe que isso não é suficiente. Ele escolheu o povo com a cultura que mais acolheria seus planos, seus ideais, suas loucuras.

Sei que não teve dificuldades em chegar até a realeza. Foi comendo pelas beiradas, paciente. Aproveitou a vulnerabilidade e a carência de uma mulher. Despertou paixão e a usou a seu favor. Aos poucos, conquistou a confiança do líder. Planejou tudo com muita cautela, colocou seu plano em ação com excelência. Tem o dom da

manipulação, como Luke. Apesar de ter tido treinamento de luta, sempre se dedicou aos livros mais do que às batalhas. Eu não conheci meus avós, mais sei que eles prepararam a mente do meu pai, não apenas seus músculos. Ele fala bem, passa confiança, pensa rápido. Foi criado para liderar. Suas motivações são erradas, mas suas ações são certas. Se sua personalidade fosse diferente, ele poderia realizar coisas incríveis.

De repente, um barulho preenche o ambiente. No começo é baixo, mas vai se intensificando. Vagarosamente, barulhos diferentes vão integrando o primeiro. Identifico as batidas de um tambor, é uma música.

O som fica cada vez mais alto, até que gritos e risadas se misturam à batida. Estão comemorando ou se preparando para a guerra? Meu pai tomou uma decisão. Ele vai atacar a fortaleza? Preciso avisar meus guerreiros.

Levanto da cama de uma vez e vou em direção à porta. Puxo a maçaneta e, para meu espanto, a porta se abre. Dou de cara com dois guerreiros com os rostos pintados de preto, um deles tem

uma arma presa à sua cintura. Ele me olha em expectativa com uma carranca, claramente enfezado. Teve que perder a festa pra me vigiar, certamente.

– Preciso usar o banheiro – minto.

– Problema seu – ele responde e bate a porta na minha cara.

Dou um passo para trás para evitar que a madeira acerte meu rosto. Desgraçado. Minha vontade é de abrir a porta de novo e voar em seu pescoço, mas ele está armado. Já tenho ferimentos demais para me preocupar, me machucar novamente não é uma opção.

As palavras de Luke vêm à minha mente: *faz parte do plano*. Ele queria ser preso. Vamos realmente fugir esta noite? Ele sabia da festa e enxergou uma oportunidade?

Decido me sentar na cama e esperar, embora eu esteja elétrica e a música aumente minha vontade de me movimentar. O povo da areia é um povo guerreiro em sua essência, as batidas dos tambores me fazem querer brigar. Não sei se essa é uma reação minha ou se a música foi feita para

isso.

Tento me manter calma, mas a única coisa que passa pela minha cabeça é que eles estão se preparando para a guerra, não celebrando algo. O que eles teriam para celebrar? O plano do meu pai não deu certo.

A porta do quarto se abre abruptamente, eu me levanto rapidamente, em um reflexo. Um guerreiro entra com passos rápidos, decididos. Vejo um corpo ser arrastado atrás dele, e dou um passo para trás, me preparando para o combate. Ele se aproxima de mim, segurando algum tipo de tecido. Quando chega mais perto, reconheço o rosto de Luke por trás da tinta preta. Seu peito e sua barriga também estão rabiscados, seu cabelo está raspado.

– Rápido, vista isso – ele diz um tanto frenético, olhando para trás.

Estico as roupas que Luke me entrega, analisando as peças. Um top e uma saia marrons, feitos com um material que eu nunca vi antes. Combinam com a calça que ele está usando.

– Que porra é essa? – pergunto.

Luke tira uma folha dobrada do bolso da calça, se aproximando de mim.

– Veste logo essa merda, Celine. Fique descalça. Nossas mulheres chegaram, você vai se passar por uma delas – antes que eu possa dizer qualquer coisa, Luke abre a folha, me mostrando um líquido viscoso, preto. Ele molha dois dedos na substância estranha e passa nas minhas bochechas. O cheiro é horrível – vai! Está esperando o quê? Não quer sair daqui?

– Acha que não vão nos reconhecer? – esse plano não parece muito bom.

– O que temos a perder com a tentativa? Prenda o cabelo no alto.

Ele me passa uma cordinha elástica e vai em direção à porta. Escuto a música mais alta agora, uso a reação que ela causa em mim, deixando a adrenalina se espalhar pelo meu corpo.

Não perco mais tempo, tiro a calça e coloco a saia. Ela tem alguns rasgos, não gosto de como deixa minhas pernas quase inteiras de fora. Foda-se, preciso sair daqui! Viro de costas para a porta e tiro a blusa e o sutiã. Coloco o top, puxando-o pra

PERIGOSAS ACHERON

baixo mais do que deveria para esconder o máximo de pele que eu puder.

Assim que me viro, dou de cara com Luke. Ele molha o dedo na tinta preta novamente e faz riscos na minha barriga.

– Seremos um casal até sairmos daqui, aja de acordo. Nossas mulheres são expansivas, extrovertidas. Ria alto, gesticule – prendo meu cabelo no alto enquanto Luke passa tinta no meu colo, depois nas minhas coxas. Percebo que seu toque não é malicioso, ele apenas está fazendo o que tem que ser feito. Ignoro as reações que suas mãos causam em mim e foco em suas orientações – não olhe para as pessoas para saber se estão olhando para você, não fique pensando que eles podem nos descobrir. Esqueça isso. A vigia ainda está forte e guerreiros escolhidos para ficar de fora dessa celebração vão nos observar. Não podemos chamar atenção, temos que agir como os outros. Finja que está bêbada e que seu único objetivo é me dar a melhor transa do mundo, para que eu faça questão de voltar vivo para casa.

Essa vai ser foda!

– Luke...

– Você consegue – ele me interrompe – olhe para o chão e para mim, eu guio você. Só precisamos chegar perto do portão, alguns passos apenas. Então atacamos os guardas ali e corremos para a floresta. Não tente lutar contra eles, nosso único objetivo é correr rápido até os despistarmos. Conto com seu conhecimento nesse território.

Ele perdeu o ar divertido, está sério, concentrado. Tenho certeza de que ele é um ótimo guerreiro. Como eu, foi treinado para ser o melhor.

Penso em lhe pedir alguma arma, mas as roupas que uso são minúsculas, eu não teria onde esconder uma faca sequer.

– Tudo bem – digo menos confiante do que gostaria.

Luke tira uma garrafa do bolso, dá um gole e passa pra mim.

– Só pra te soltar – ele sugere.

A ideia de consumir álcool nessa situação não me agrada, esse plano muito menos. Luke percebe

minha insegurança e assente para mim, com a confiança que me falta. É isso, não tenho opções, terei que me entregar a seu plano.

Dou um gole generoso da bebida, percebendo que a pinga deles é bem mais forte do que a nossa.

– Puta que pariu – reclamo entre tossidas.

Luke dá uma risada, mas nem de perto volta a ser o cara engraçado de antes.

– Não seja tímida. Timidez é algo que nossas mulheres nem sabem o que significa – ele explica, me puxando pela mão.

Nem perco meu tempo refletindo sobre o que ele quis dizer com isso ou sobre o que teremos que fazer para convencer os outros guerreiros de que somos um casal.

Saímos do quarto a tempo de ver o homem que arrastou meus guardas saindo da porta ao lado. Aposto que os corpos estão lá dentro. Luke pisca para seu amigo, e eu fico imaginando o que meu pai fará com ele depois de descobrir que nos ajudou nessa fuga.

Quando estamos quase na porta dos dormitórios,

Luke me puxa para sua frente e me abraça por trás, passando os braços em volta da minha cintura. Antes que eu possa pensar ou reagir, ele libera nossa passagem.

Sou invadida pelo calor, apesar de me lembrar de estar frio, e pelas batidas altas do tambor. Sei que devo olhar para o chão, como Luke me orientou, mas não consigo desgrudar os olhos da cena diante de mim. Uma quantidade enorme de pessoas está no espaço aberto do alojamento e a única coisa em que consigo pensar é *sexo*.

Casais, trios e até quartetos se esfregam ao ritmo da música. O contato entre eles é agressivo, selvagem, mal conseguem manter as bebidas dentro de seus copos.

Um casal perto de nós ganha minha atenção. A mulher está no colo do seu parceiro enquanto o beija com voracidade. Ela se movimenta sugestivamente e, se o cara não estivesse de calças, eu diria que eles estavam transando bem ali, na frente de todos.

Sinto o rosto de Luke afundar no meu pescoço e seus dedos mergulharem nos meus cabelos presos.

Ele empurra minha cabeça para baixo, me fazendo olhar para o chão. Sinto uma mordida em minha nuca, não sei se ele fez isso para me repreender por encarar os outros ou porque faz parte da sua encenação. Seja qual for o motivo, eu gosto.

Luke começa a caminhar, me empurrando junto. Noto que meus sentidos estão diferentes, confusos. Engulo em seco, o gosto do álcool ainda está na minha língua. Sacudo a cabeça na tentativa de manter o foco, mas o movimento só me faz ficar mais dispersa.

Mais uma mordida no meu pescoço, com mais força dessa vez. Luke está tentando se comunicar comigo? Não devo estar agindo como ele me pediu. Levanto as duas mãos, levando-as até seu pescoço. Sinto o top subir um pouco com o movimento, deixando parte dos meus seios expostos. Eu deveria estar envergonhada? Só sinto um calor se espalhar por mim enquanto Luke reveza suas mãos entre minha barriga e minhas coxas.

Andamos mais alguns passos. As pessoas trombam em nós, acho que algumas me acariciam.

Não tenho certeza e não arrisco olhar para cima para me certificar. Estou ofegante, minha mente está embaralhada. A música alta faz meu coração bater acelerado, como se acompanhasse as batidas.

Luke envolve meu pescoço com a mão. Jogo a cabeça para trás, apoiando-a em seu ombro, e fecho os olhos. Ele morde o lóbulo da minha orelha, sugando minha pele entre seus dentes. Acho que aproveita para me dizer algo, mas eu não entendo. Talvez tenha sido só sua respiração próxima demais do meu ouvido.

Sinto vontade de me virar, de ficar de frente para Luke, olhar em seus olhos. Decido fazê-lo, mas não tenho tempo. Ele rompe nosso contato inesperadamente, me lançando para frente. Abro os olhos e dou de cara com o portão. Ao meu lado, Luke enfrenta dois guerreiros. Saio do meu estado de torpor e começo a pensar rápido.

Reflito sobre olhar para trás para saber se os guerreiros que participam da festa perceberam o que está acontecendo, mas Luke foi claro ao dizer que nosso objetivo é escapar, não lutar. Apoio as

mãos no portão e empurro com toda minha força. Meus pés afundam na terra conforme a madeira se mexe lentamente. Grito ao usar toda energia que tenho, sem me preocupar em chamar atenção, o som dos tambores batendo é muito mais alto.

Então alguém segura meus cabelos com agressividade e minha cabeça é lançada para frente, bato o nariz violentamente contra a madeira. Zonza, sinto o sangue escorrer pela minha boca. Minha visão fica turva e eu aperto os olhos, esperando o segundo golpe. Mas nada acontece.

Abro os olhos o máximo que posso, piscando repetidas vezes, meus sentidos voltando aos poucos. Percebo que estou no chão, ainda de frente para o portão. Olho para trás e vejo Luke quebrando o pescoço de um guerreiro, provavelmente o que me feriu. Atrás dele, a festa continua. Mesmo ciente de que preciso me concentrar em fugir, é impossível não reparar nas pessoas que produzem a música. São homens usando apenas um tipo de cueca, os corpos

completamente pintados de preto. Eles pulam ao bater as mãos nos tambores, todos os membros se mexendo freneticamente.

Luke passa por mim, mas não oferece ajuda para me levantar. Apoia as costas no portão e começa a empurrar com força, as veias do seu pescoço saltam com o esforço. Vejo seis guerreiros no chão, quantos mais vigiavam o portão? Sinto um cutucão no braço e, apesar de ainda estar um pouco confusa, sei que só pode ser Luke. Olho para frente, percebendo que três guerreiros que participavam da celebração correm em nossa direção. Se outros perceberem que estamos tentando fugir, estamos perdidos.

Vejo uma faca na bota de um guerreiro caído perto de mim. Eu me arrasto até ele, pegando a arma. Levanto para encarar meus inimigos em pé. Eles estão desarmados, não estavam de guarda. Quando me alcançam, a adrenalina já fez meus sentidos voltarem completamente. O primeiro se lança contra mim, um tanto descoordenado. Desvio e vou para cima do segundo, contando com Luke para não permitir que me ataquem pelas

costas. Esquivo o rosto para o lado, o punho do guerreiro da areia passa raspando pela minha orelha. Enterro a faca na lateral do seu pescoço e logo a retiro, fazendo seu sangue espirrar. Minha lâmina atinge o peito do terceiro antes que ele me alcance.

Olho adiante e vejo que outros inimigos próximos a nós perceberam o que está acontecendo. Nem preciso de tempo para tomar uma decisão, me viro para o portão e corro. Com dificuldade, Luke já está passando por uma fresta. Ele consegue sair e estende a mão para mim. Logo que a seguro, sou puxada para fora, meu corpo menor que o dele passa com facilidade pelo espaço estreito.

Assim que meus pés encontram o chão do lado de fora dos porões, começo a correr para a mata fechada, sem me preocupar em saber se Luke me acompanha. Estou quase chegando ao meu destino no momento em que vejo guerreiros da areia saindo de outros pontos da floresta, em direção ao acampamento.

Alcanço a primeira árvore e uso seu tronco para

me esconder, apoiando minhas costas nele. Olho para trás, Luke está correndo pelo mesmo caminho que fiz, mas os guerreiros que saíram da floresta o alcançarão antes que ele consiga chegar até mim. O portão, que deve ter sido fechado por Luke, está sendo aberto lentamente.

Olho para frente, para minha saída desse inferno. Está livre. Se eu começar a correr agora, ninguém me alcançará. Olho para Luke, que já está enfrentando os próprios companheiros. Ele luta muito bem, mas os guerreiros do povo da areia estão em maior número.

É a minha chance de escapar. Além de ter vantagem ao correr em um terreno conhecido, Luke manterá meus inimigos longe por um tempo.

Olho novamente para a floresta. E para Luke. Ele é bom, muito bom. Seus reflexos são rápidos, mas não são apenas movimentos do deserto que se destacam. Posso facilmente ver muito de Julio nele. A maneira como se apoia na perna esquerda e se arrisca ao se aproximar demais do seu adversário, conseguindo desferir golpes curtos, rápidos.

Viro completamente meu corpo para a floresta. A voz do meu irmão vem à minha mente: *nós não deixamos nenhum dos nossos para trás.*

Luke não é um de nós, nunca foi. É um traidor, um infiltrado, um mentiroso. Só me ajudou a escapar para benefício próprio. Ele tem respostas que preciso, mas minha vida não vale o risco. Se eu não fugir, meu pai me mata. Ou pior, me usa para chantagear meus guerreiros.

Dou o primeiro passo em direção à mata. Minha garganta aperta, meu coração dispara. Desespero. Fecho os olhos momentaneamente, ciente de que minha hesitação pode significar minha morte. Do que tenho medo? De deixar Luke para morrer e seguir em frente tendo que conviver com as consequências dessa decisão ou de diminuir minhas chances de matar meu pai ao perder as informações que ele possui?

Tomo minha decisão e começo a correr o mais rápido que posso. Não olho para trás, foco no meu objetivo. Alterno meus olhos entre o chão, onde estou pisando, e os troncos das maiores árvores, onde encontrarei os sinais que procuro.

Passo por muitas árvores cheias, mas nenhuma delas me mostra algo. Vamos, Darion, não tenho tempo!

Continuo correndo, torcendo para não cair ao optar por olhar apenas para cima. Meus pés descalços doem, sinto minha pele ser cortada por lascas de galhos que repousam no chão.

Avisto uma árvore bem grande, suas folhas impedem a visão do céu e seu tronco tem marcas em uma sequência certa demais. É ela! Acelero o passo e salto antes de alcançá-la, me agarrando ao seu tronco espesso já a alguns centímetros do chão. Escalo com velocidade, de maneira automática.

Darion, por favor, não me decepcione.

Quando chego no ponto onde galhos e folhas começam a se formar de verdade, tenho dificuldade em ultrapassar a barreira natural. Não tenho tempo, então me coloco bruscamente entre a ramagem, ganhando cortes superficiais pelo corpo.

Olho em volta e vejo parte do meu arco em um dos galhos, um pouco a cima de onde estou.

Ignoro os protestos da minha pele já arranhada e passo pela folhagem de uma vez, pedindo desculpas mentalmente à minha floresta por meu ato violento.

Alcanço o presente do meu melhor amigo. Um arco, três sacos de flechas e uma mochila. Abro a mochila rapidamente, ao mesmo tempo em que passo o arco ao meu redor. Vejo duas facas, guardo uma na cintura. Darion também me garantiu uma arma carregada e dois pentes de balas. Há também uma garrafa de água e, provavelmente, algum alimento. Não perco mais tempo analisando tudo, já encontrei o que procurava.

Prendo a arma e um pente de balas no elástico da minha saia, torcendo para que o tecido consiga segurá-los, além da faca. Jogo a mochila pelo buraco que fiz para passar e não me preocupo em ver como ela cai no chão. Desço da árvore com uma rapidez que me surpreende e mantenho o mesmo ritmo ao correr de volta para o acampamento.

Vislumbro uma sombra a minha esquerda. Estou

prestes a tirar o arco das costas quando escuto o rosnado do meu lobo. Eu o vejo de relance, correndo entre a vegetação, me acompanhando. Não estou sozinha, minha floresta me mandou ajuda. Sorrio, me sentindo mais forte a cada passo. Estou em casa, os guerreiros do deserto não têm chances contra mim nessas condições.

Antes que eu possa chegar até o alojamento, três guerreiros do deserto entram na mata fechada, correndo em minha direção. Isso significa que Luke já foi detido. Ele deve ter sido derrotado há pouco, ou mais guerreiros estariam aqui.

Estou cada vez mais perto dos meus adversários, e noto que nenhum deles carrega um revólver ou qualquer arma de longo alcance. Me igualando a eles, seguro minha faca enquanto ainda corro.

Antes que eu alcance um deles, meu lobo se adianta e salta por entre os arbustos, abocanhando meu primeiro inimigo no ombro. Ele grita, assustado com o ataque repentino. Isso distrai o guerreiro ao seu lado, e eu me concentro no terceiro, que corre em minha direção com os olhos focados nos meus.

Paro antes de nos chocarmos, mas ele não. Meu adversário salta para cima de mim com uma faca em sua mão direita. Eu me jogo para outro lado, deixando meu braço esquerdo ao seu alcance. Ele morde a isca, não perde a oportunidade de me puxar com ele. Uso a força com que me puxa a meu favor, aproveitando o impulso para montar em suas costas. Antes que cheguemos ao chão, cravo minha faca em sua nuca.

Levanto a tempo de ver meu segundo agressor se aproximando. Mas ele não tem chance de me atacar, meu lobo o abocanha pelas costas. Com um passo largo, desvio antes que eles caiam em cima de mim.

Os gritos que meu lobo provoca no guerreiro da areia me faz perceber que não há mais música. Puta que pariu, todos foram avisados. Eu e Luke não temos a menor chance contra o exército do meu pai.

Alcançando o final da mata fechada, me escondo atrás de uma árvore, a flecha posicionada no arco. Vejo seis guerreiros com os rostos pintados de preto correndo para onde estou. Logo atrás deles,

Luke é carregado por dois homens, que o levam de volta ao acampamento. Pelo portão, saem mais guerreiros.

Atiro três flechas nos meus inimigos mais próximos, a quarta vai direto para um dos guerreiros que seguram Luke. Sinto uma ardência na perna quando uma flecha me acerta de raspão. Volto totalmente para trás da árvore enquanto puxo mais uma flecha, ignorando o sangue que já se acumula em volta do corte.

Olho para frente e vejo meu lobo vindo até mim, os pelos cinzas do rosto manchados de vermelho.

– Não! – grito, mas ele continua correndo. Balanço meu braço no ar e ele para, derrapando nas patas traseiras – volte! – ordeno, sem receber resposta.

Ele não se mexe, fica apenas me olhando, a expectativa clara em seus olhos. Aponto para a floresta atrás dele com movimentos bruscos, tentando gesticular para que vá embora. Meu lobo finalmente entende, se vira e começa a correr. Ele será mais útil quando estivermos correndo pela

floresta. Se ele entrar em campo aberto, será um alvo fácil.

Volto a posicionar a flecha no meu arco, escutando o tronco que me protege sendo atingido diversas vezes. Pelo som, sei que estão mirando na altura do meu rosto e tronco. Eu me agacho, me posicionando novamente para ataque, e sou surpreendida por três guerreiros que estão quase me alcançado. Acerto os três, o corpo do mais próximo desliza pelo chão e para ao lado do meu pé. Antes de voltar a me esconder, vejo que Luke se livrou do guerreiro que o segurava e corre para mim. Avisto também o arqueiro que está me dando trabalho, ele agora mira em Luke.

Por sorte, Luke tem a esperteza de correr em direções aleatórias. Ele demora mais para alcançar seu destino, mas se torna um alvo difícil de acertar. O arqueiro se esforça, mas acaba errando o tiro por pouco. Acerto seu peito, impedindo que ele puxe a próxima flecha.

Meus olhos passam rapidamente pelos guerreiros do deserto, identifico quatro arqueiros. Antes de mirar neles, olho para Luke, que está

bem próximo. Se ele me alcançar, teremos uma chance.

Atiro nos arqueiros, percebendo que já esvaziei o primeiro saco de flechas. Luke está me alcançando, correndo rápido, sem se preocupar em olhar pra trás. Relutante, deixo meu arco de lado e pego a pistola. Apanho também o pente de balas, segurando os dois com a mão esquerda. Um lampejo de dúvida me deixa receosa, mas sei que não tenho opções.

Estendo a arma carregada e a munição. Luke desvia dos inimigos que derrubei com agilidade, passa por mim voando e pega o que lhe ofereço. Derrubo mais seis guerreiros do povo da areia, os que estavam mais próximos.

– Vem! – Luke grita.

Antes de me virar e começar a correr, dou uma boa verificada em nossa situação. Muitos guerreiros correm em nossa direção, os olhares duros por trás da tinta preta. Eles não parecem preocupados por estarem sendo alvejados, correm o risco com prazer. Muitos outros saem pelo portão do alojamento, que a essa altura já está

escancarado, e sei que um número gigantesco ainda está por vir.

Imagino a expressão no rosto do meu pai nesse momento. Seu exército bem treinado caindo um por um, derrotados por seus filhos. Uma de sangue, que ele não pôde influenciar, outro de criação, que ele tentou, mas não conseguiu. Sorrio, perversa.

Luke se põe a atirar, e eu começo a correr para a floresta. Conto cada disparo, ciente de que ele tem dezesseis balas. Avisto a árvore que esconde parte do seu corpo, reparando como ele segura a arma com precisão, segurança. Luke atira como Max, sabe exatamente o que está fazendo.

Passo por ele correndo a toda velocidade. Alcanço a mochila após nove tiros, arrasto-a comigo para trás do tronco que escalei há pouco e pego a próxima flecha.

– Vem! – grito.

Luke dá seu décimo tiro e corre em minha direção. Olho para nossos inimigos, pronta para começar a atirar, mas entrei muito na floresta e tenho dificuldade em enxergá-los. Vejo, bem ao

fundo, a movimentação perto do acampamento, os guerreiros surgindo pelo portão. Minhas flechas não chegarão até lá. Procuro por inimigos próximos da entrada da floresta, mas ninguém aparece. Provavelmente os disparos da pistola os assustaram, eles finalmente decidiram recuar.

O som de um novo disparo me surpreende e, quando olho para Luke, vejo-o apontando a arma pra mim. Onze tiros. Olho para trás, encontrando quatro guerreiros do deserto vindo até nós, um corpo no chão. Estou prestes a atirar no mais próximo, mas Luke o acerta primeiro. Doze.

Volto minha atenção para o acampamento, Luke pode cuidar de mais três. Encontro guerreiros entrando na floresta, como imaginei. Acerto mais quatro, o quinto decide parar de correr e se esconder atrás da primeira árvore que encontra.

Escuto mais três tiros e não preciso olhar para saber que Luke acertou. Quinze. Ele só tem mais uma bala.

– Vai! – Luke grita quando passa por mim.

Olho mais uma vez em direção ao alojamento. Vejo guerreiros saindo de lá, mas nenhum entra na

mata fechada. Por enquanto.

Acompanho Luke mais para dentro da floresta, corremos lado a lado. Seu rosto está coberto por sangue, um corte na sobrancelha esquerda.

– A gruta – ele murmura, mal posso ouvir.

Por que ele quer ir para a gruta? Precisamos chegar na fortaleza o quanto antes, só lá estaremos protegidos. Ou, pelo menos, longe de tiros por um tempo.

– Precisamos chegar na fortaleza.

– Há mais guerreiros pela floresta. Precisamos descansar – ele insiste, sem olhar para mim, os olhos fixos no chão.

De fato, deve haver mais guerreiros do deserto pela floresta. Meu pai não é estúpido, os quatro que quase me pegaram desprevenida certamente eram os mais próximos, que ouviram os tiros e souberam que algo estava errado.

Meus guerreiros não estejam por perto, prontos para me ajudar quando eu escapasse, prova que há muitos guerreiros espalhados pela mata. Jorge quis deixar claro que ninguém iria ao meu

encontro sem abalar esse sensível período de *paz*. Darion foi o único capaz de passear pela floresta sem ser notado. Onde será que ele está?

Começo a me sentir um pouco cansada, o que me indica que será impossível correr até a fortaleza. A ausência de tiros já deve ter encorajado os guerreiros do meu pai a virem atrás de nós, devem estar em nosso encalço. Tenho dois sacos e meio de flechas, não vai durar muito.

Luke assume a dianteira e começa a correr mais para a direita, a caminho da gruta. Faço o mesmo, pois sei que não temos opção.

Olho para trás e não vejo ninguém, mas sei que estamos sendo perseguidos. Pelo menos, não estão perto o bastante para ver a direção que estamos tomando, terão que observar nossos rastros para descobrir para onde estamos indo. Isso vai atrasá-los, o plano de Luke pode dar certo.

Estamos nos aproximando na gruta quando vejo dois homens no chão, pescoços dilacerados. Meu lobo.

Paro, sinalizando para Luke ficar alerta, e me ajoelho sobre os cadáveres. Pego suas facas, PERIGOSAS ACHERON

colocando-as no bolso lateral da mochila. Para nossa sorte, um deles era arqueiro. Passo seu arco e cesta de flechas pelo meu corpo com dificuldades, há pouco espaço em minhas costas. Além dos dois cestos de flechas que me sobraram, ainda carrego a mochila. Dividir o peso com Luke seria uma opção, mas não vou armá-lo. Não confio nele, e ele ainda tem uma bala que pode se voltar contra mim.

Eu me levanto observando a floresta, prestando atenção a todos os detalhes. Encostado em uma árvore, Luke observa o caminho por onde viemos em busca de qualquer sinal do inimigo. Sua mão direita segura a arma com firmeza, o dedo fora do gatilho, como deve ser. Ele sabe que só tem mais um tiro?

– Vocês têm rastreadores? – pergunto ao me aproximar dele, sussurrando próximo ao seu ouvido.

– Eles foram treinados para rastrear no deserto, mas podem se adaptar à floresta – ele responde, sem desviar os olhos do caminho que fizemos.

Olho em direção à gruta, encontraremos árvores

próximas umas das outras por todo percurso.

– Vamos por cima.

Ele olha para mim com a testa franzida. Então olha para cima, para as árvores. Soltando o ar ruidosamente, conformado, Luke guarda a arma no cócs da calça. Ele flexiona os joelhos para se abaixar um pouco e entrelaça os dedos de uma mão na outra, me oferecendo ajuda. Fico indignada. O que o faz pensar que preciso de ajuda para subir em uma árvore?

Ignoro sua gentileza desnecessária e começo a escalar a árvore com a facilidade de quem fez isso a vida inteira.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Treze

Chegamos à gruta sem encontrar mais nenhum guerreiro do deserto, ou meu lobo. Meu pé doeu boa parte do caminho, mas ignorei seus protestos. Agora, ele dói mais do que eu esperava.

Fico observando minha floresta com atenção enquanto Luke arrasta a rocha que impede a nossa entrada.

– Vamos – ele me chama.

– Espere.

Eu me agacho e enterro a mão na terra. Fecho os olhos e limpo minha mente, deixando que minha audição se sobreponha aos outros sentidos. Suspiro ao escutar os barulhos da mata. Reconheço os movimentos de pequenos animais, as folhas secas que rolam pelo chão, guiadas pelo vento.

Depois de um tempo, confirmo que não há nenhuma movimentação suspeita por perto, o que é estranho. Os guerreiros do deserto estavam

atrás de nós, perdemos muito tempo vindo até aqui pelas árvores. Por que eles ainda não nos alcançaram?

Em pé, estreito os olhos para a floresta, buscando ver além do que minha visão pode alcançar. Estamos em uma armadilha?

– Celine?

Levanto um dedo para Luke, pedindo silêncio. A gruta não tem saída, é o lugar perfeito para uma emboscada.

Olho para cima, para as copas das árvores. Procuro atentamente por qualquer coisa, uma pequena sombra fora do lugar que seja. Não vejo nada. Está tudo calmo demais.

Eu me aproximo da árvore mais próxima e passo meus dedos por seu tronco, sentindo a energia que ela passa para mim. Ela parece bem, tranquila.

– Você não deixaria eu me enganar, não é? – sussurro.

Espero por um sinal, mas nada acontece. Olho para Luke.

– Eles não sabem desse lugar. Se soubessem, eu

saberia – ele diz em voz baixa – confie em mim.

Bufo com seu pedido sem fundamento e passo por ele bruscamente, entrando na gruta. Quando Luke termina de fechar a passagem, tento me concentrar em identificar os barulhos aqui dentro, mas essa tarefa se revela desafiadora. Qualquer som produzido ganha eco, o barulho de gotas caindo sobre as rochas preenche o ambiente.

Seguimos atentos em direção à lagoa. Forço meus olhos a enxergarem no escuro, mas no fundo sei que, caso encontremos guerreiros do deserto aqui dentro, não seremos capazes de vencê-los.

– Que parada estranha é essa de conversar com as árvores? – Luke pergunta atrás de mim.

– Não é hora para conversa, Luke. Fique atento – respondo sem olhar para ele, os olhos fixos no caminho, em busca de qualquer sinal de companhia.

– Caralho, que menina teimosa da porra. Já te falei que não tem ninguém aqui dentro. Já nos afastamos da entrada, ninguém lá fora vai nos escutar. Deixa de ser tão desconfiada, isso vai te deixar louca – realmente, ando muito mais

desconfiada do que o normal. Minha mente mais faz perguntas do que encontra respostas – acabamos de realizar uma fuga bem audaciosa, que por algum milagre deu certo. É hora de relaxar, sua cabeça precisa disso. Confie em mim.

Paro de caminhar assim que escuro sua última frase, me voltando para ele.

– Pare de pedir para eu confiar em você, sabe que isso não vai acontecer! Você é um traidor. E um dos bons. Não só traiu a mim, mas a seu povo também – o ataco, apontando meu dedo para seu rosto.

Mas ele não se abala, para variar. Na verdade, até se diverte.

– Está vendo? Olha quanta tensão, quanto estresse! – ele zomba – É por isso que você não consegue controlar suas reações. Seu corpo e mente só conhecem a raiva, o estresse, a tensão. Você precisa relaxar, pelo amor de Deus. Acredite em mim: seus pensamentos vão se organizar com mais clareza depois de um momento de prazer...

– Nem todo mundo teve o privilégio de nascer na realeza, Luke – o interrompo antes que ele faça

piadas sobre como é capaz de me proporcionar esse *momento de prazer* que julga necessário – não sou uma guerreira por força das circunstâncias, não fui obrigada a fazer isso. Foi uma escolha minha! Esse é o meu dever, é o motivo pelo qual existo. Eu jurei proteger muita gente que está desprotegida agora, seu merda. Graças a pessoas como você. Então me desculpe, mas eu não tenho tempo para relaxar.

– Ei, calma aí. Guarda essa agressividade pros guerreiros lá fora! Eu só estou tentando te ajudar, acredite ou não.

– Não preciso da sua ajuda – digo e lhe dou as costas, retomando minha caminhada.

– Não, não, quase nada! Onde você estaria, sem a minha ajuda?

Que filho da puta! Se não fosse por ele, eu nem teria saído da segurança da fortaleza! E ele sabe disso, está apenas me provocando.

Mais uma vez, paro de andar e me viro para ele. Quero responder sua provocação olhando em seus olhos. Mas ele está perto demais de mim e, antes que eu possa encará-lo, trombo em seu peito. O

impacto não é suficiente para me derrubar, mas tenho que dar um passo para trás, a fim de manter o equilíbrio. Luke não perde a oportunidade de me ajudar e me puxa pela cintura, nos aproximando mais.

Ficamos tão perto um do outro que dá pra sentir sua respiração na minha pele. Meu instinto é me afastar, mas aqueles olhos maravilhosos me pegam desprevenida, e eu não consigo fazer mais nada além de apreciá-los.

Ele percebe o meu torpor e sorri, satisfeito.

– A cor deles é tão bonita assim? – ele fala bem baixinho, como se não quisesse me assustar, me afastar.

– Nunca vi nada parecido – respondo no mesmo tom que ele.

– Que sorte a minha.

Luke solta minha cintura e sobe a mão pelo meu braço. Mesmo me sentindo hipnotizada, não deixo de notar que esse movimento com a mão direita é para evitar que sua mão esquerda solte a arma.

Sorrio ao perceber que Luke me afeta apenas

fisicamente. O que eu sinto por ele é desejo, apenas. A falta de um sentimento mais forte faz com que eu consiga continuar raciocinando com frieza quando estamos perto demais um do outro.

A mão de Luke alcança meu pescoço e ele começa a apertar, me massageando. Uma sensação de alívio percorre meu corpo, fazendo eu me sentir bem. Fecho os olhos e solto o peso da minha cabeça nos dedos de Luke.

– Eu não confio em você – sussurro.

Quero deixar claro que esse momento não muda nada entre nós.

– Eu não preciso que confie – ele responde com a boca bem próxima do meu ouvido.

Então seus lábios tocam a pele do meu pescoço, espalhando um arrepio em mim. Suspiro alto, e ele morde de leve o lóbulo da minha orelha. Ok, passamos dos limites.

Abro os olhos e retomo o controle da minha cabeça para aproximar meus lábios do seu ouvido.

– Chega – digo suavemente e volto a andar em direção a lagoa.

Escuto Luke dando risada, depois seus passos se aproximando. Ele está confiante, acha que já conquistou seu espaço comigo. Mas ele está enganado. Apesar da maneira como faz eu me sentir, ele não é essencial para mim. Já não sinto mais raiva por ele ter me traído, porém ainda existe um ressentimento. Nunca seremos amigos, aliados de verdade. Talvez essa guerra nos faça lutar do mesmo lado, talvez Luke se torne o líder do deserto e nosso relacionamento se estenda. No entanto, essa relação nunca será uma troca baseada na confiança, na amizade, na lealdade incondicional. Será sempre um mal necessário, um relacionamento que terei que manter por um bem maior, não por um desejo genuíno.

Inclusive, ele só segura minha arma porque ainda não tenho completa certeza da nossa segurança aqui dentro. Enquanto não chegarmos à lagoa, podemos encontrar inimigos no caminho. Se isso acontecer, é melhor que ele esteja armado.

– Sério, que lance é esse com as árvores?

– Você não entenderia – respondo.

– Tente – Luke insiste.

Ele parece realmente curioso quanto a isso. O que me surpreende, pois meu pai conhece esse treinamento, foi treinado desse jeito. Não compartilhou essas informações com Luke? Já não confiava nele antes disso tudo acontecer?

– Por que eu lhe daria informações sobre meu treinamento? – pergunto petulante, mesmo achando que ele não teria oportunidade de usar essas informações contra mim.

Ele ri alto, se divertindo com minha desconfiança.

– Tudo bem, vou apelar. Eu te conto algo sobre o treinamento no deserto, e você me conta sobre isso. O que acha?

O desgraçado me conhece, sabe que eu não resistiria a uma informação nova. Principalmente sobre o treinamento dos guerreiros do deserto.

Continuo andando, sem olhar para ele, na tentativa de esconder minha animação com a possibilidade de descobrir o que faz com que os guerreiros da areia sejam tão bons lutadores, tão resistentes. O treinamento deles foi cruel, disso eu tenho certeza. É preciso dor para formar guerreiros de verdade. Já passei por isso, tenho

marcas em meu corpo até hoje. No caso do deserto, sei que as marcas vão além do físico.

– Você primeiro – aceito sua proposta.

– Apenas metade dos jovens que são treinados sobrevivem. No final de seus treinamentos, aos dezesseis anos, os jovens são divididos em duplas com talentos semelhantes. É realizada uma luta entre eles, com todos os guerreiros como plateia. Eles só podem usar as mãos, e um só se torna vencedor quando o outro morre.

Essa realidade do deserto faz eu me sentir desconfortável, mas não me choca. Acho que nada mais me surpreende, principalmente se tratando do povo da areia.

Paro de andar e olho para Luke, que já está me observando atentamente, esperando por minha reação.

– Vocês desperdiçam guerreiros? – pergunto, optando por deixar de lado a crueldade do ato.

Luke une as sobrancelhas, parecendo não entender o que está acontecendo. Ele esperava a mesma reação que tive há alguns dias, aqui nessa gruta, quando ele me contou sobre os escravos do PERIGOSAS ACHERON

deserto. Mas eu não sou a mesma garota de dias atrás. Muitas coisas podem acontecer em dias. Coisas que mudam a gente, nos transformam em alguém diferente.

A garota que acreditava na benevolência das pessoas, que se surpreendia com a crueldade humana, já não existe mais. Estou cada vez menos preocupada com o bem-estar de pessoas que não são minha responsabilidade, eu percebo isso. Quero mais é que os jovens do deserto se fodam.

Reprimo um sorriso irônico ao concluir que essa mudança em mim me faz mais forte, como meu pai sugere. É uma merda admitir, mas só os mais fortes sobrevivem. E, para ser forte, é preciso frieza nos atos, nas decisões tomadas. Às vezes, é preciso até certa maldade. Essa guerra me transformou em alguém que eu não queria ser. Mas é preciso que eu seja, sei disso. Se meu irmão não tivesse sido tão bondoso, se não tivesse acolhido pessoas que não mereciam sua misericórdia, provavelmente ainda estaria vivo. Não vou cometer o mesmo erro que ele.

– É uma maneira de encarar a situação – Luke

responde, me tirando dos meus devaneios – mas, na verdade, os que morreram não mereciam ser guerreiros. Não eram bons o suficiente.

Isso é ridículo. E se eu tivesse nascido no deserto? Eu e Luke lutaríamos, por exemplo, e um de nós não faria parte do exército. Seja quem fosse o perdedor, o deserto perderia um grande guerreiro. Essa postura não é só cruel, é estúpida. Há outras maneiras de garantir a frieza no coração dos guerreiros. Fazê-los matar os próprios companheiros elimina a possibilidade de um exército mais forte.

Mas que se dane. É melhor para nós que eles façam isso.

– Me deixa adivinhar: você, parte da realeza, não precisou passar por isso – provoco.

Fico esperando por um ataque de riso, ou qualquer reação engraçada da parte de Luke. Porém, ele assume uma feição séria, claramente ofendido.

– Eu me preparei a vida toda para esse confronto. Todos nós nos preparamos. É um momento único, onde apenas os que tiveram o

PERIGOSAS ACHERON

privilégio de nascer em uma família guerreira têm a chance de usufruir. Há apenas duas opções: provar que o tempo dispensado ao seu treinamento valeu a pena, ou dar o seu lugar para quem está mais pronto do que você para lutar pelo deserto. Os que morreram, foram com honra. Descansam em paz, cientes de que os melhores ficaram para proteger suas famílias – ele fala sério, encara essa provação como uma glória, apesar de ter tirado a vida de um *companheiro* no percurso. Fica claro que essa vitória moldou seu caráter, assim como o de todos os guerreiros do deserto. Eles aprenderam a fazer o que for preciso para vencer, para sobreviver. E se consideram os melhores, a nata da raça humana – você realmente não conhece seu pai. Acha que ele não me testaria? Acha que me deixaria lutar por ele, sem ter provado que mereço meu posto? Minha plateia não era composta por guerreiros, apenas pela realeza. Enfrentei um guerreiro formado há cinco anos, com muitas vitórias acumuladas. E o derrotei em menos de três minutos – ele dá alguns passos na minha direção, só para quando seus pés

ficam entre os meus. Fico o encarando, sem conseguir admirar o orgulho que ele demonstra por esse aspecto do seu treinamento. Mudando de postura radicalmente, ele levanta as duas sobrancelhas e sorri, assumindo o tom divertido de sempre – agora é a sua vez.

Bufo com a repentina virada de seu humor. Empurro sua barriga para que saia da minha frente e continuo caminhando. Tenho vontade de não contar nada sobre meu treinamento, só pra ele ficar puto. Mas fizemos um acordo, não posso deixar de cumprir com minha parte.

– Em nosso treinamento, aprendemos que fazemos parte da floresta. Nossa vida é muito pequena em comparação à grandiosidade da natureza. Estamos aqui para servi-la, para protegê-la. Em troca, a floresta nos guia, nos mantém vivos. Após nossa morte, ela acolhe nosso espírito, permite que ajudemos as próximas gerações do nosso povo.

– Quer dizer que você conversa com a floresta?

– Sim – espero por uma gargalhada, mas ele fica em silêncio, apenas direciona a mim um olhar

descrente – você não acredita?

– Desculpe, Celine, mas árvores não falam.

Solto uma risada. Luke não tem o espírito forte, por isso não entende nossas crenças. Seu treinamento fortaleceu apenas seu corpo e mente.

– A floresta tem sua própria linguagem, não usa palavras – tento esclarecer, mas ele parece ficar ainda mais confuso. Por algum motivo que desconheço, sinto necessidade de fazê-lo entender. Eu poderia pensar que estou fortalecendo o inimigo, mas minha floresta não o aceitaria, nunca o ajudará – antes de um dia muito frio, a floresta nos manda ventos fortes. Antes de uma grande tempestade, ela nos manda trovões. Quando o inimigo se aproxima, ela eleva os sons que ele produz, os manda direto para nossos ouvidos. É desse jeito que ela se comunica, é como conversa conosco. Você já presenciou a ação da floresta. Não se lembra do meu lobo me avisando sobre Jorge?

– Celine, essa foi uma puta de uma coincidência. Um lobo uivou, Jorge estava a caminho. São eventos distintos, sem ligação alguma. Apenas

aconteceram ao mesmo tempo. Os fatos são fatos, tudo dependente da maneira como você os interpreta. E, pelo visto, você é uma grande sonhadora.

– Ah, é? – ele faz que sim com a cabeça – você já está há alguns dias na minha floresta. Quantas vezes ouviu um lobo uivar na noite? – ele reflete por um tempo, depois sorri para mim – Tudo se trata de um grande equilíbrio entre o visível e o invisível. Eu e você fazemos parte do que é visível, que os mais simples seres conseguem enxergar. Já o invisível, somente seres complexos e evoluídos podem ver. A floresta me aceitou como parte dela, por isso sou mais evoluída do que você, enxergo coisas que seus sentidos deixam passar.

– Sério que você acha isso? – Luke pergunta, se divertindo com minha maneira de encarar os fatos – A floresta não te aceitou coisa nenhuma, ela não é racional, não toma decisões. E você só tem percepções melhores do que as minhas porque nasceu e viveu aqui. Conhece o ambiente, sabe como ele se comporta. Se fossemos até o deserto, por exemplo, os papéis se inverteriam.

– Você é um tadinho, Luke. Acha que pode vencer guerras contando apenas com o visível. A força do invisível é muito maior, é invencível. Assim que a floresta tomar uma decisão, as armas que meu pai tanto quer não serão capazes de derrotar os espíritos.

– Que lindo, Celine – ele zomba, e eu me divirto com sua estupidez em não aproveitar as valiosas lições que estou lhe dando – por que a sua floresta ainda não acabou com essa guerra, se ela tem esse poder?

– Não cabe a mim julgar a terra. Ela sabe o que faz, e o que ela tem reservado para nós é apenas o que merecemos, seu julgamento é justo – ele se surpreende com minha resposta – boa sorte com isso! – brinco e volto a caminhar.

Luke me alcança e me acompanha em silêncio. Olho pra ele de relance, percebendo o quanto está pensativo. Será que está me estudando a partir das minhas crenças?

– A mente humana é bizarra – ele diz, de repente.

– Por quê? – dou corda, quero saber o que ele

PERIGOSAS ACHERON

pensa sobre mim.

– Sempre buscando por um ser maior, alguém em quem confiar cegamente, em quem jogar a culpa caso tudo dê errado. Como Deus. Eu poderia ter essa mesma conversa com outra pessoa, e ela diria o mesmo que você disse sobre a floresta, mas se referindo a Deus. Vocês querem acreditar nessas coisas, mesmo que seja tão óbvio que elas não fazem sentido. Vocês precisam desse refúgio.

Ok, agora ele está viajando demais. Meu refúgio é um mundo onde meu pai esteja morto!

De qualquer maneira, eu gosto desse lado reflexivo de Luke.

– Como você mesmo disse, tudo depende da maneira como você interpreta os fatos. No que você acredita?

– Na minha capacidade em me manter vivo. Essa é minha realidade. Os fatos são apenas consequências de ações, e não há nenhuma força superior controlando isso. Nós mesmos somos os responsáveis por toda essa merda. E nenhum ser iluminado vai nos ajudar.

Frio e realista, como meu pai. Não me admira.

Quanto mais eu percebo que Luke se parece com Jorge, mais incomodada eu me sinto. Não gosto dessa comparação, não gosto dessa proximidade entre os dois.

Decido encerrar a conversa e não pensar mais nisso. Volto a me concentrar no caminho, nos barulhos, na possibilidade de encontrar um inimigo a qualquer momento.

Não demora muito e eu começo a escutar o som de água correndo. Minha garganta fica seca, como se eu estivesse com sede há horas. Acelero o passo, e logo a lagoa surge diante de nós. Umedeço os lábios com a língua enquanto estudo atentamente o ambiente. Tudo parece tranquilo.

Sem que eu diga algo, Luke acena para que eu alivie minha sede primeiro. Não discuto e o faço com prazer. A água morna não é tão boa quanto água fresca, mas, mesmo assim, me revigora.

Eu me afasto da lagoa e observo o local mais uma vez. Luke tinha razão, os guerreiros do deserto não conhecem esse lugar.

– Me dá a arma – ordeno.

Sem se abalar, ele termina de tomar sua água

PERIGOSAS ACHERON

com tranquilidade. Depois, se vira lentamente para mim.

– Você não acha que eu guardei uma bala para te devolver, não é? – ele diz enquanto seca o queixo com a mão.

Sinto uma mistura de receio e orgulho. Receio ao perceber que o filho da puta é esperto o suficiente para saber quantas balas cabem no tambor dessa arma, e orgulho por saber que ele teme um confronto físico contra mim, a ponto de guardar uma bala para se defender, se for preciso.

– Ela não é sua – estico o braço em sua direção – me dá a arma – exijo com mais firmeza.

Ele abre um sorriso largo. Bem malicioso, por sinal.

– Eu odeio receber ordens. Por que fico excitado quando é você a fazê-lo?

Fico furiosa comigo mesma ao perceber que suas palavras espalham um calor por todo meu corpo, membro a membro. Qual o meu problema?

– Me dá essa merda de arma agora, Luke! – não deixo transparecer a confusão na minha mente,

mantenho meu tom duro para ele saber que não estou de brincadeira.

Seu sorriso safado se amplia, ele me analisa de cima a baixo.

– Vem pegar – sugere, me desafiando.

Não penso duas vezes e parto pra cima dele. Mas, antes de alcançá-lo, vislumbro uma sombra. Paro de imediato, fazendo Luke perceber que algo está errado. Ele tenta olhar para trás, mas é atingido na cabeça e apaga na mesma hora.

Conforme o corpo de Luke vai caindo ao chão, o do seu agressor se revela. Reconheço Darion embaixo de muita lama, o branco de seus olhos se destaca em tanto marrom. Sou inundada por diversas sensações: alívio, alegria, conforto. Não perco tempo e corro até meu melhor amigo, meu sangue. Eu me jogo em seus braços sem me importar em ficar suja.

Ele passa um braço pela minha cintura, e solta a pedra que segurava em sua outra mão, deixando-a livre para acariciar meus cabelos. Sorrio em seu ombro, estamos juntos novamente. É incrível como sua presença faz eu me sentir forte, segura.

Como meu irmão fazia.

Temos muito a conversar, então não permito que nosso contato aqueça demais meu coração. Saio de seu abraço e, ao olhar para Luke desacordado, vejo também a pedra manchada de sangue.

– Você está bem? – Darion pergunta.

– Sim!

Alguém anuncia sua chegada com passos ruidosos. Olho para trás rapidamente e vejo Norah se aproximando. Seus olhos correm pelo meu corpo, ele reconheceu as roupas usadas pelas mulheres do deserto. Quase dou risada com sua expressão perplexa, mas me lembro de quanta pele tenho exposta.

Cruzo os braços, tentando esconder o que posso, envergonhada. Norah olha para o lado, ainda mais envergonhado do que eu, e tira a camiseta. Ele estica o braço para me entregar a peça de roupa, evitando olhar diretamente para mim. Sem pensar duas vezes, visto sua camiseta, que vai até metade das minhas coxas.

– Obrigada – digo.

– Uhum – ele responde com o olhar vagando pela gruta, para qualquer coisa que não seja eu.

Acho estranha tanta timidez, já que ele está acostumado a ver mulheres vestidas dessa maneira. Comigo deve ser diferente, vai saber. De qualquer maneira, isso não é importante.

Olho novamente para Luke apagado no chão, depois para Darion.

– Precisamos conversar.



Catorze

Apesar de Luke estar em completa desvantagem, amarramos seus pulsos enquanto ele está desacordado. Disfarçadamente, toco sua cabeça para verificar se ele está perdendo muito sangue. Minha mão volta manchada de vermelho, mas nada que ele não seja capaz de suportar.

– Como está nossa situação? – pergunto a Darion.

Ele suspira alto antes de começar, dá pra sentir o peso da resposta que está por vir. Sei que ele foi responsável por tomar decisões no meu lugar. Sei, inclusive, o quanto essas decisões são difíceis de tomar. Às vezes, o medo de suas consequências nos domina, nos persegue. É apavorante saber que, se tudo der errado, foi porque você fez uma escolha errada.

– Max está tentando articular alguma coisa na fortaleza. Além de estar buscando ajuda com alguns amigos que estão dispostos a se arriscar por

ele, está negociando com Joseph – Max não é a melhor pessoa para realizar essa negociação. Aperto os olhos e viro a cabeça de lado, demonstrando a Darion que eu não confio muito nesse plano – pode dar certo. Ele não está querendo reatar os laços com o tio, Joseph sabe que o interesse de Max é pessoal. Sabe também que Jorge é uma ameaça iminente, uma bomba que explodirá em breve. O foco de Max é mostrar ao tio que essa guerra é a oportunidade perfeita para eliminar a ameaça, sem parecer cruel.

As imagens dos rostos das pessoas que vi na fortaleza saltam diante dos meus olhos. Eu me lembro de seus olhares serenos, seus sorrisos tranquilos. Nasceram do lado de dentro dos portões, nunca tiveram que lutar pela própria vida. Consideram a violência um defeito, não aceitariam que seu líder desse a ordem para dizimar um povo.

Um sorriso amargurado se instala em meus lábios. Eles só precisam olhar para os guerreiros do deserto uma única vez, os olhares famintos por trás da tinta preta os fariam mudar de ideia. Quando é preciso escolher entre matar e morrer, o

moralismo desaparece. Aí é cada um por si, salve-se quem puder! Quem não estiver preparado pode reagir de maneira imprevisível, cometendo os mesmos atos que antes considerava abomináveis.

– Pode dar certo. De fato, Joseph não terá uma oportunidade melhor do que esta – concordo.

– Todos estão tentando manter nossa permanência por lá o máximo possível, se mostrando úteis ao ajudar na limpeza, na manutenção... Tereza deu algumas sementes de plantas importantes para a medicina deles, ensinou as condições necessárias para que elas floresçam. Thomás está ensinando música para algumas crianças, deixando as mães bem felizes – ele revira os olhos, indignado.

Calorosamente, me recordo de Thomás e suas músicas, da alegria que ele espalhava entre nós. Embora pareça um conhecimento trivial, é fundamental. Música aquece os corações, distrai as pessoas das desgraças tão presentes, mesmo que por pouco tempo. E, mais importante, traz esperança. Desperta a vontade de viver em um mundo melhor, onde a alegria não é apenas

momentânea.

Apesar disso, no fundo, concordo com Darion. Estamos vivendo um caos, as mães deveriam pedir para ensinarmos seus filhos a se defenderem, a protegerem suas famílias. Essa atitude só mostra o quanto o povo da fortaleza é alienado, não enxerga o mundo como realmente é. Aquelas pessoas confiam demais nos portões que os separam dos outros povos, na falsa paz que Joseph garantiu a eles. Coitados, eles não conhecem meu pai e seu interesse em seus preciosos recursos.

– E nossos guerreiros? – pergunto, estranhando o fato de só Darion e Norah estarem aqui.

– José está na fortaleza, apoiando Max. Líria, Arthur, Nyfer e Jess foram procurar por ajuda no deserto – arregalo os olhos, identificando de onde vem o peso que Darion carrega em suas palavras. Se algo acontecer com nossos guerreiros, ele não vai se perdoar. Eu não me perdoaria – não somos os únicos inimigos de Jorge. Ele tenta colonizar povos ao redor do deserto há anos. A maioria sucumbiu. Mas ele não foi até o fim do mundo. Há outros povos próximos, e eles sabem que é só uma

questão de tempo para o povo da areia chegar até eles. Se o deserto abastecer seu exército com armas de fogo, ninguém terá chance. Estamos confiando que os outros povos ameaçados por Jorge também enxerguem essa guerra como uma oportunidade de se livrar da ameaça.

É um bom plano. Eu não gosto da ideia de alianças com pessoas que não conhecemos, muito menos da ideia de meus guerreiros estarem longe, enfrentando perigos que nem conhecemos. Mas chegamos a um ponto em que não há alternativas, estamos no tudo ou nada: vitória ou morte.

Por muito tempo, pensei que viver em nossa floresta com tranquilidade era possível. No entanto, quantos homens como Jorge existem pelo mundo? Quanto tempo até eles chegarem até nós?

Viver perto da fortaleza talvez seja uma fraqueza. Não vejo motivos para outros povos se voltarem contra nós, não temos muito a oferecer. Já a fortaleza...

– Celine? – Darion me chama.

Percebo que ele e Norah me encaram, esperando

PERIGOSAS ACHERON

que eu diga algo. Como líder, preciso validar essas ações, refletir sobre elas e decidir se são certas. Como se isso fosse possível, na realidade em que vivemos. Tudo pode acontecer. O melhor plano corre o risco de se transformar em uma catástrofe a qualquer momento.

– É um ótimo plano. Só me preocupo com a segurança dos que foram para o deserto. Como nos comunicaremos com eles?

– Não vamos. Só podemos torcer para que eles voltem, de preferência com ajuda. E para que Joseph fique do nosso lado, também. Sem o exército da fortaleza, não teremos a mínima chance de vitória. Vencer essa guerra não depende apenas de nós. Detesto dizer isso, mas estamos nas mãos dos outros e da sorte – Darion desabafa, desanimado – Alianças... – completa, ciente do erro que cometemos ao nos mantermos isolados, confiando apenas em nós mesmos.

– Meu pai me confirmou que quer as armas da fortaleza. Eu vou falar com Joseph, ele não será estúpido. Manteve a fortaleza intacta até hoje, é um homem inteligente. Perceberá que enfrentar o

deserto é sua única opção.

– O que aconteceu com você?

A pergunta me faz respirar fundo involuntariamente. Em tão pouco tempo que estive longe deles, há tantas coisas para contar...

Detalho todos os acontecimentos após minha saída da fortaleza, me certificando de não esquecer nada. Darion não reage às novidades, se mantém impassível até diante da revelação de que Savana é minha irmã. Norah, ao contrário, vai demonstrando seu choque a cada nova informação.

– Então Luke quer ser rei... – Darion reflete em voz alta.

– Eu acho uma boa ideia – digo e ganho uma careta injuriada como resposta – ele não tem motivos para nos atacar. Com ele no poder, podemos viver em paz. Com outro, sempre haverá dúvidas.

Ele faz menção de dizer algo, mas desiste e apenas bufa. Está evitando uma discussão comigo, tenho certeza. Do mesmo jeito que ele se irritava ao me ouvir defender Max, agora se irrita porque

PERIGOSAS ACHERON

estou defendendo Luke. A diferença é que, dessa vez, ele está certo. Não tenho motivos para confiar em Luke. E nem devo.

– Não consigo acreditar que vocês conseguiram escapar – diz Norah, mais pensando alto do que querendo compartilhar conosco sua opinião.

Darion olha para ele, pensativo. Depois observa Luke deitado no chão, com os pulsos amarrados. Facilmente, interpreto seus olhares.

– Acha que eles nos deixaram fugir, que Luke ainda está com meu pai?

– Pode ser.

– O que você acha? – pergunto para Norah.

– Difícil dizer. A celebração é comum em situações negativas, o rei faz isso para levantar o moral dos guerreiros quando eles parecem precisar de motivação.

– Como as mulheres chegaram tão rápido para essa celebração?

– Elas já deviam estar a caminho – Norah volta a sentir dificuldades em olhar diretamente para mim, claramente desconfortável. Tento ser

paciente com ele, mas o silêncio entre nós parece que grita nos meus ouvidos. Levanto as sobancelhas, me mostrando curiosa – o rei incentiva o sexo entre as batalhas. Acho que ele sabe que pode perder guerreiros e tenta garantir a procriação.

É engraçado ver Norah constrangido ao falar comigo sobre esse assunto. Não sei se é vergonha por falar de sexo com uma mulher, ou se ele receia me ofender ao destacar o quanto meu próprio pai é nojento.

– Eu não vi milhares de guerreiros no acampamento – decido ajudá-lo, mudando de assunto.

– Estão divididos em grupos. Eles não ficam juntos, faz parte da estratégia. Um ataque do deserto nunca vem de uma única direção. E um dos grupos sempre fica de fora, observando. Se necessário, eles entram no combate como elemento surpresa. Ou, se perceberem que é uma luta perdida, voltam para o deserto com informações para o rei. Eu nunca vi a última opção acontecer, mas o protocolo é esse. E o rei também

não traria todos os guerreiros, certamente um bom contingente ficou no deserto.

As últimas palavras de Norah me deixam gelada. Sinto meu coração apertado, como se algo o estivesse comprimindo dentro de mim. Espero que meus guerreiros não tenham que enfrentar, sozinhos, um contingente de guerreiros no deserto.

– Como os grupos se comunicam? – pergunto, optando por me concentrar no que importa agora. É tarde demais para refletir sobre isso, meus guerreiros já estão longe do meu alcance, da minha proteção.

– Mensageiros. A cada três horas, existe uma troca de mensageiros. Dois integrantes do grupo A, vão para o grupo B. Dois do grupo B, vão para o grupo C. E assim por diante, até que os mensageiros do último grupo cheguem ao primeiro. Eles informam cada detalhe do que está acontecendo em cada grupo. Se algum grupo não receber os mensageiros, o protocolo é que esse grupo imediatamente se reúna com o mais próximo, que fará o mesmo, até que todos os

grupos se reúnam.

Faço uma anotação mental: se eu quiser ter todos os guerreiros do meu pai reunidos em um único lugar, basta impedir que os mensageiros cheguem ao seu destino.

A ausência da participação de Darion nessa conversa me incomoda. Olho para ele, que ainda está encarando Luke desacordado no chão.

– Darion?

– Ele está acordado.

Olho para Luke, que parece estar com todos os músculos relaxados. Sua respiração é contínua, lenta. Tudo indica que ele está apagado, mas não seria a primeira vez que alguém finge estar desacordado para colher informações ou postergar um interrogatório.

– Luke? – chamo. Ele permanece imóvel, sem demonstrar qualquer reação – o chute de teste será na sua cara – ameaço, e falo sério.

Fico esperando por sua resposta, e ela vem na forma de um sorriso travesso. Mentiroso, dissimulado.

– Desculpe, foi o instinto de sobrevivência – Luke tenta se justificar ao abrir os olhos.

– Antes de pedir que eu confie em você novamente, se lembre de ocasiões como esta – tento parecer brava, mas entendo que sua atitude é uma reação esperada pelo fato de termos arramado seus pulsos.

Luto contra meus próprios pensamentos, tentando me convencer de que não o estou defendendo. Mas, lá no fundo, sei que, se fosse outra pessoa, eu ficaria puta da vida. E essa influência que Luke exerce no meu humor me preocupa, pois ele pode usá-la contra mim. Se é que já não o está fazendo.

– Ah, não dramatiza, Celine. Você faria exatamente o mesmo, não vamos nos ater aos detalhes.

Estou prestes a dar uma resposta ácida, mas a movimentação de Darion me interrompe. Lentamente, ele se aproxima de Luke. Não mexo um músculo sequer, fico apenas observando meu melhor amigo tomar a rédeas da situação.

Luke permanece deitado, com uma expressão

PERIGOSAS ACHERON

confiante estampada no rosto. Mal sabe ele o quanto isso deve estar irritando Darion. Olho para Norah com um sorrisinho enviesado, anunciando silenciosamente que a cena a seguir será divertida. Ele une as sobrancelhas quando percebe que estou gostando.

Em um movimento brusco, Darion pega Luke pelo braço e o arrasta pelo chão disforme da gruta até apoiá-lo na parede rochosa. Em seguida, se agacha em frente a ele, estudando seu rosto. Luke, por sua vez, aperta os olhos com força. Depois da pancada que ele levou, essa mudança rápida de posição deve ter feito sua cabeça girar.

– Fala aí, Darion – Luke diz após se recuperar, tendo a capacidade de se manter animado, o que elimina qualquer possibilidade de culpa que eu possa vir a sentir por estar me divertindo com sua posição delicada.

– Você faz o tipo engraçado agora, não é? – Darion pergunta com aquela calma deliciosa que não o abandona.

– Eu sou um cara bem humorado, faz parte do meu charme.

Solto uma risada abafada e olho para baixo momentaneamente, balançando a cabeça de um lado para o outro. Pior que o cretino está dizendo a verdade, seu bom humor o torna ainda mais atraente. Pelo menos para mim.

Darion está de costas para mim, mas posso apostar que está sorrindo, mostrando para Luke sua facilidade em lidar com essa situação.

– Bem humorado pra caralho, eu diria – imagino o olhar de Darion correndo por todo rosto de Luke, analisando cada pequena reação que ele deixa escapar – como faremos isso? Violência, chantagem, ameaça...? – Luke olha para cima, como se estivesse pensando. Depois volta a sorrir, mas é um sorriso opaco, sem vida. Ele tenta esconder, mas está com medo. Se sente confiante ao lidar comigo, sabe como me ganhar. Com Darion, as coisas são bem diferentes – a sua sorte é que eu prefiro usar a violência apenas se muito necessário.

Deixo meus ombros caírem, demonstrando minha enorme decepção. Eu ia gostar de ver Luke apanhar um pouquinho, ele merece!

– Eu estou do lado de vocês, Da...

– Não perca seu tempo comigo, Luke – Darion o interrompe e se levanta – não estou convencido da história que você contou para Celine – ele diz, andando por um curto espaço, indo e vindo devagar. Ele sempre faz isso quando quer intimidar alguém – talvez a raiva que eu sinto por você, já que nos fez de idiotas, esteja contaminando meu julgamento. Então eu vou lhe dar uma chance – ele para e encara Luke nos olhos. Sei o olhar penetrante que ele está usando. É de dar medo, até mesmo em alguém confiante e ousado como Luke – apenas uma chance. Você pode começar a falar agora e, se eu não gostar do que sair por sua boca, lhe prometo que serão suas últimas palavras.

Darion não diz mais nada, optando por ser breve e direto em sua ameaça. Não tenho a menor dúvida de que ele fala muito sério, o mataria sem pensar duas vezes. Luke só é importante pelas informações que possui. Se ele não fornecê-las, se torna inútil.

Nervosa, mordo o lábio com a possibilidade de perder Luke. A tensão faz com que meus músculos

enrijeçam, eu começo a me sentir extremamente desconfortável. Luke olha para mim, e seu falso sorriso desaparece assim que ele reconhece minha expressão. Olha para o lado, provavelmente refletindo sobre suas opções. Torço para que ele escolha bem as palavras.

O silêncio se estende por mais tempo que Darion parece estar disposto a esperar, e eu começo a temer pela vida de Luke. Mas, para meu alívio, ele começa a falar:

– Obviamente, Jorge veio buscar as armas da fortaleza, como vocês já concluíram. Quanto a Celine, ele realmente tinha interesse em reconquistá-la. Ele queria, genuinamente, que ela o visse como pai, que retomassem a ligação paterna. Sinceramente, não sei se ele a ama. Acredito que sim, mas nada que supere sua ganância. Sobre isso, o que eu posso garantir é que ele realmente acredita no poder do sangue. Ao chegar no deserto, ficou fascinado com nossa forma de separar as atividades por famílias, nosso sistema fez completo sentido para ele. Em sua cabeça, seus filhos só são bons porque possuem

seu sangue. Então, Jorge via Celine como uma incrível aliada. Simples assim. Ele reconhece a diferença entre vocês e os guerreiros do deserto. Ambos são bons, em suas próprias especificações. Há característica do povo do deserto que não foi possível alterar, apesar de seus esforços. Para ele, faltam traços importantes para um povo, para um exército. Jorge vê em vocês o que falta no deserto, os considera um povoado promissor. É ganancioso, apenas um exército lutando por ele não o satisfaz. Ele quer mais.

– Jorge quer que sejamos seus servos? Um exército independente que esteja pronto para lhe servir quando necessário? – Darion pergunta, com um tom irônico que raramente o vejo usar.

– Ele quer aliados, acho que já ficou clara a importância de poder contar com alguns, às vezes. O deserto tem inimigos demais, como Norah já compartilhou com vocês. É difícil encontrar alguém em que se possa confiar – olhando para mim, ele completa: – sei que você me entende – e pisca um olho, fazendo graça. Dou uma risada falsa, mostrando que não achei engraçado – ele

ofereceria recursos a vocês. Faria de tudo para que seu povo crescesse, prosperando. Veja só, de cento e vinte pessoas, seu povo agora tem mais de duzentas. Aliados com os meus valores que vocês, o que certamente garantiu boa parte da aceitação e integração.

– Está dizendo que meu pai queria que eu e Norah nos juntássemos?

– O objetivo principal era que eu me infiltrasse entre vocês. Eu não poderia surgir do nada, não é? Mas era óbvio que vocês se uniriam.

– Me parece muito estúpido fortalecer o inimigo, que *talvez* venha a ser amigo – destaco a palavra *talvez*, para que fique claro que essa possibilidade só existiu na cabeça do meu pai.

– É apenas um risco, Celine. Um risco pequeno, diante da possibilidade de recompensa. Jorge está disposto a correr riscos, sempre esteve. Quem não está, não é?

Ele dirige seu olhar a mim, me observando com profundidade, como se pudesse me ler por dentro. O que ele quer dizer? Que risco ele acha que estou disposta a correr? Está se referindo a nós?

– Continue, Luke – Darion interrompe nossa troca de olhares sugestivos.

– Quando Jorge se encantou com a teoria do poder do sangue, ele passou a enxergar seus filhos como peças valiosas. Ele também sempre valorizou a confiança mútua, incondicional. Algo que ele nunca encontrou no deserto, e passou a achar que encontraria em Celine, devido à ligação paterna – sinto vontade de vomitar. Eu nunca confiarei em meu pai, ele é ingênuo por considerar essa possibilidade – infelizmente para vocês, ele não enxergou essa possibilidade em Julio. Na verdade, sabia que seu filho mais velho tinha potencial para colocar tudo a perder, sabia que jamais reconquistaria sua confiança – minha respiração acelera assim que ele toca no nome do meu irmão. Luke foca seu olhar em mim novamente, e, deliberadamente, arregalo meus olhos, para que ele perceba que está pisando em território perigoso. A morte do meu irmão não foi uma perda dolorosa apenas para mim, Darion também sofreu muito, mesmo que silenciosamente – ele odiava Julio. Nunca me disse nada a respeito, mas

acho que ele o culpava pela morte de Celeste.

Fecho os olhos diante da menção do nome da minha mãe. Odeio ouvir seu nome, traz um gosto amargo à minha boca. O fato de meu pai culpar mais alguém por sua morte, além dele mesmo, reacende um rancor antigo em mim.

– Foi por isso que Jorge matou Julio? – Darion pergunta com um tom baixo, quase hesitante.

– A decisão de matá-lo foi muito bem trabalhada por Jorge, há anos. Ele compartilhou suas reflexões comigo, na época – minha garganta queima, meu corpo todo começa a tremer. Relembrar a morte do meu irmão me abala de uma maneira incontrollável. É um misto de tristeza e ódio, que vai deixando marcas por dentro, me consumindo – Jorge teve que enfrentar um dilema. Ele sabia que deixar Celine ser criada por Julio dificultaria a possível aliança com ela, no futuro. Era óbvio que ele contaria para a irmã o que aconteceu, de acordo com sua versão da história. Era óbvio, também, que Celine nutriria sentimentos negativos em relação ao pai. Logo, a saída mais óbvia seria eliminar Julio antes que isso

acontecesse. Mas Jorge é um homem extremamente inteligente, sagaz. Foi capaz de admitir suas atuais fraquezas e enxergar as qualidades do seu inimigo. Como eu disse, desde que chegou no deserto, ele identificou as diferenças com seu antigo povo. Sabia que, se levasse Celine para viver no deserto, ela seria apenas mais uma entre nós.

– O que você está querendo dizer, Luke? – pergunta Darion, exigindo que ele seja mais claro.

Sou incapaz de verbalizar uma só palavra. Só consigo assimilar tudo o que ele está dizendo, ciente do quanto essas novas informações mexerão com meu psicológico, com meu emocional.

– Julio era muito bom, Darion, como você já sabe. Até eu, que sou desprovido de humildade, admito isso. Jorge sabia que Celine se tornar uma grande guerreira dependia dele. Ele acredita no poder do sangue, mas não é estúpido, reconhece as influências que os eventos externos têm nas pessoas. Ele sabia que, se Celine fosse criada no deserto, seria como nós. Uma ótima guerreira?

Sim, mas apenas mais uma entre nós. Isso ele poderia conseguir fazendo outro filho, que já nascesse lá – a imagem de Savana invade minha mente. Ela nunca teve a chance de ser inocente, já nasceu com um propósito – ele queria aliados, um exército independente, como você descreveu bem, não mais um general para comandar o exército do deserto. Jorge respeita o treinamento que tiveram, percebe o potencial de vocês. Ele queria outro Julio, tão bom quanto o original. De preferência com um exército o seguindo incondicionalmente. E foi exatamente o que Celine se tornou.

– Jorge esperou meu irmão me treinar, depois o matou porque sabia que Julio nunca aceitaria uma aliança com ele. Sabia que eu seria a próxima líder, achou que poderia me reconquistar – concluo em voz alta.

– É tudo muito triste, eu sei. Imagino o quanto dói em você saber que seu irmão viveu a vida toda com a morte agendada, agindo exatamente como seu pai queria. Mas isso não é o mais importante.

– O quê? – grito, enfurecida.

Como ele ousa dizer que a morte do meu irmão

não é importante?!

– Você percebeu que eu comecei minha fala dizendo que o objetivo do seu pai são as armas da fortaleza? Eu só estou dizendo tudo isso sobre você, porque é o que ele quer saber – Luke indica Darion com a cabeça.

– Isso é tudo? Já disse tudo sobre Jorge e nosso povo? – Darion pergunta, e eu percebo o quanto isso é pessoal para ele.

– Não, ainda tem mais. Tem certeza que quer saber? Não é relevante, agora.

– Fala – ordeno antes que Darion tenha oportunidade de fazê-lo por de mim.

– Ele estudou vocês durante todo esse tempo. Seu objetivo principal era a fortaleza, então, obviamente, ele precisaria acompanhar os movimentos de Joseph. De quebra, já que vocês estavam tão próximos, ele aproveitou para acompanhar seus movimentos também. A propósito, devo ressaltar que essa proximidade com a fortaleza só fez com que vocês se tornassem ainda mais valiosos. Quando Celine passou a liderar os guerreiros, essa vigília se intensificou.

Não perceberam que os ataques aumentaram depois que ela foi nomeada líder? Ele queria saber como ela reagiria, como lideraria um exército. Os vigilantes acompanhavam as batalhas e levavam as informações para Jorge. Dentre essas informações, uma era crucial para o rei. Ele queria saber quais homens tinham parceiras.

– Como é? – pergunto, confusa.

– Ele controlou a natalidade de vocês, ciente de que, caso a aliança não se confirmasse, um povo com muitos integrantes formaria um grande exército contra ele. Os guerreiros que atacavam vocês tinham informações privilegiadas, seus alvos eram homens com parceiras. A ideia era impedir muita gravidez.

Minha boca se abre em choque total. Automaticamente, olho para Darion, que também é incapaz de esconder sua perplexidade perante uma informação tão perturbadora.

– Controle de natalidade? – consigo dizer.

– Bizarro, não é? A humanidade tentando se reestruturar, voltar a povoar o mundo, e seu pai impedindo gravidez. Por algum motivo, ele poupou

suas mulheres e crianças. Ele costuma roubar crianças de outros povos, já que elas raramente se rebelam, quando se acostumam desde cedo a serem escravos. Acho que ele temia que Julio tomasse a decisão de fugir. Sabemos que seu irmão era sentimental, não aguentaria ver inocentes sofrendo. Ele provavelmente desistiria de lutar, diante dessas consequências, e fugiria. Esse risco seu pai não estava disposto a correr, talvez ele achasse que a aliança com vocês perderia um pouco do valor, se vocês se afastassem da fortaleza.

Nem consigo me ofender por Luke estar sugerindo que meu irmão era um covarde. Até porque ele deve estar certo, meu irmão não arriscaria a vida de nossas crianças. Perder guerreiros treinados, que escolheram arriscar a vida nessa vocação, é uma coisa. Já perder crianças e mulheres que nunca quiseram uma vida violenta, é outra bem diferente.

– Controle de natalidade... – divago, ainda chocada.

Quantos amigos perdemos para que Jorge

garantissem que nosso povo não crescesse demais?

– Eu sei que é chocante, mas esqueça isso por enquanto. O importante é que vocês saibam que reconquistar a confiança de Celine e conseguir um povo aliado nunca foi a prioridade de Jorge. Agora que Celine tentou matá-lo, isso tem menos importância ainda. O teste foi definitivo. Jorge abriu mão dela e, conseqüentemente, de todos vocês. Ele sabe que seu povo é totalmente leal a sua líder, por isso acredito que nem cogitou a possibilidade de tentar uma aliança com outro possível líder. Nesse momento, seu único foco nessa guerra são os recursos da fortaleza. E ele não vai desistir disso depois de perder os aliados que procurava. Mais do que nunca, ele precisa dessa vantagem em armamento.

– Entendo – Darion responde praticamente em um sussurro, obviamente abalado com as novas informações.

Deixo meus olhos se voltarem ao chão. Eu me lembro do rosto de cada homem que perdemos, mesmo na época em que eu ainda não liderava os guerreiros. Lembro-me de suas personalidades, de

suas vozes.

O choque começa a se dissipar. Aperto os punhos com ímpeto, deixando o ódio contaminar meus pensamentos. Uma necessidade esmagadora de vingança se apossa de mim, impedindo que o ar chegue aos meus pulmões com facilidade, me obrigando a puxá-lo com mais força. A ferida do meu interior pulsa, latejante. Sou tomada por uma certeza: meu pai vai morrer pelas minhas mãos, ninguém será capaz de tirar essa satisfação de mim.

– Nem tudo está perdido – Luke diz animado, e eu rapidamente levo meus olhos inflamados de rancor até ele – o plano de Jorge não foi tão perfeito. Ele cometeu um erro. E esse erro sou *euzinho* aqui. Então alegrem-se, pois eu tenho um plano. E adivinhem só, vocês já começaram a colocá-lo em ação. Obrigado, senhores – ele faz um cumprimento de cabeça para Darion, em seguida para Norah – agora, por favor, podem desamarrar minhas mãos? A corda está machucando meus pulsos – ele pisca longamente com os dois olhos, sorrindo para cada um de nós.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Quinze

Ficamos apenas encarando Luke, que espera pacientemente que alguém vá libertar suas mãos. Apesar do seu olhar estar focado em mim, não tenho a mínima intenção de lhe dar atenção.

Meus pensamentos insistem em passear pelas informações que ele acaba de nos fornecer. Sinto meu estômago se contrair, querendo livrar meu corpo de toda essa merda, como se essas informações pudessem ser jogadas para fora junto com minha última refeição.

Sequer ter pensado em controle de natalidade faz de Jorge um sujeito sem escrúpulos. Saber que bons homens morreram por um motivo tão insano me entristece. Até me envergonha, o filho da puta é meu pai. Mas não é isso o que mais me perturba. Deveria ser, mas não é.

O pior de tudo é perceber o quanto a morte de Julio foi banal. Como meu pai pôde culpá-lo pela morte da minha mãe? Ele não teve nenhuma

contribuição nisso. Pelo contrário, ele tentou nos proteger, tentou impedir que meu pai nos levasse naquela fuga quase anunciada.

Morte agendada, repito em minha mente o termo usado por Luke. E foi exatamente isso, meu irmão viveu só até quando Jorge quis.

É inacreditável como uma pessoa consegue impactar no destino de tantas outras. Quantas pessoas já morreram por causa do meu pai? Quantas pessoas eu tive que matar por sua causa? Fica claro para mim que todos os conflitos existentes em nosso território se originaram da mente doentia de Jorge. Se não fosse por ele, meu povo e a fortaleza viveriam em paz, dividindo os recursos da nossa floresta. Os aligortes nunca teriam coragem de se voltar contra um de nós, sem o apoio do deserto. E, se fizessem, sozinhos, seriam dizimados por Joseph rapidamente. As mãos do meu pai estão encharcadas de sangue, ele é culpado por tudo: pela morte da minha mãe, pela morte do meu irmão, pela morte dos homens do meu povo, pela morte dos que matei e ainda vou matar.

Tantas perdas, tanto sofrimento, por causa de um homem ganancioso e sombrio. Ele é doente, doente da cabeça. Nenhum ser consciente causaria tanto estrago, nem a ganância é capaz de corromper tanto o ser humano. Meu pai é louco, um louco inteligente o suficiente para esconder sua loucura. Como pode um intelecto perturbado ser tão sagaz?

Luke não é seu único erro, eu também sou. Sei que é errado, mas eu admito: meu maior objetivo deixou de ser proteger meu povo e passou a ser matar meu pai. Uma coisa leva a outra, no final das contas.

– Você não se mostrou muito útil, Luke. Saber mais a fundo as motivações de Jorge não nos ajuda, principalmente agora que ele não tem mais interesse em Celine. Nossa situação permanece a mesma, você não nos trouxe vantagem – diz Darion, a voz firme voltando a carregar suas palavras. Ele se recupera rápido, não há tempo para lamentações.

– Nem você acredita nessas palavras, Darion. Está me testando? – Luke pergunta, sério – Eu sou

a única fraqueza de Jorge. Além de conhecê-lo muito bem, posso ajudar a convencer Joseph a ficar do nosso lado.

Minha vontade é dizer a Luke que eu também sou um grande erro cometido por meu pai, mas isso não é importante. Nem a tristeza e revolta que sinto. Se eu quiser vencer o rei do deserto, precisarei ser mais inteligente do que ele. Se para isso for preciso engolir meus sentimentos, enterrá-los dentro de mim, eu o farei. Farei o que for preciso. Meu pai é um homem morto.

– Você disse que tem um plano. Nele, você conta com a fortaleza? – pergunto a Luke.

– Com certeza! A fortaleza é nossa única chance. Vocês têm razão: existem povos próximos ao deserto que irão se juntar a nós, se forem espertos. Há um tempo eu faço pequenos favores a eles, inclusive. Talvez isso não tenha garantido uma lealdade genuína, mas posso cobrar as vidas que salvei escondido de Jorge. Mas não se enganem, são povos pequenos, exércitos pequenos. Sabe-se lá porquê, a humanidade prefere se juntar em pequenos grupos. Os únicos

grupos grandes que eu conheço são o deserto e a fortaleza. A fortaleza nem é tão grande assim, mas possui forte armamento, essa é sua vantagem. O único capaz de vencer Jorge é Joseph – troco olhares com Darion, e ele parece concordar com isso – agora, por favor, soltem minhas mãos. Eu não vou a lugar algum. Se Jorge me pegar, ele me mata. E, mesmo que eu estivesse fingindo estar do lado de vocês, que sentido faria ir embora?

Não preciso refletir muito. Ele tem razão. Mesmo que ele esteja contra nós, se fugir, o que temos a perder? Conheço meu pai o bastante para saber que ele não me entregaria nada de valor em troca de Luke, em troca de ninguém. Arrancar informações na base da tortura não é uma opção, eu não permitiria que Luke fosse torturado. E, mesmo que eu tivesse a frieza necessária para isso, tenho certeza que ele foi muito bem preparado para encarar a dor. Se sua intenção for manter a boca fechada, ele o fará a qualquer custo.

Levanto a camiseta de Norah e pego a faca presa ao pedaço de pano que o deserto chama de saia. Vou até Luke, sem deixar de perceber a insinuação

de sorriso que toca seus lábios, e corto a corda que prede seus pulsos.

– Obrigado – ele me diz em um tom amável que deveria me incomodar.

– O que faremos? – Norah pergunta.

Luke faz menção de responder, mas eu sou mais rápida:

– Vamos para a fortaleza – respondo olhando diretamente para Luke. Ele entende meu recado e olha para baixo, se desculpando silenciosamente por achar que pode dar ordens por aqui – precisamos saber o que Max conseguiu com Joseph. Caso o líder da fortaleza ainda tenha dúvidas sobre se voltar contra Jorge, diremos a ele que o exército da areia tem um único objetivo: suas armas – Norah concorda com a cabeça. Foco meu olhar em Darion, que já voltou a assumir uma carranca – se Jorge quer uma guerra, daremos uma a ele. Chega de tentar evitar essa batalha, ela é inevitável. A partir de agora, quem pode mais chora menos.

– Encontraremos companhia no percurso até a fortaleza – Norah avisa.

– Azar de quem cruzar o nosso caminho. Partimos ao escurecer. Sei que passaram essa noite em claro – digo para Norah e Darion – vocês podem dormir. Eu tive tempo para descansar, ficarei atenta.

Darion fica mais tempo do que o necessário me encarando. A princípio, acho que é apenas para analisar se de fato eu não estou cansada, mas ele mantém os olhos fixos nos meus por longos segundos. Sustento seu olhar por uma eternidade, até que finalmente ele o desvia para Luke. Meu corpo inteiro se tensiona, sei exatamente o que se passa pela cabeça de Darion. Ele acha que estou querendo ficar sozinha com Luke. Como se eu já não tivesse tido essa oportunidade antes...

Minha mente gira em torno de tantas novas informações, que nem consigo ficar brava com essa acusação silenciosa. Minha raiva está totalmente direcionada a Jorge, ela não se distrairá com mais ninguém, nem por apenas um instante. Até porque tenho plena consciência de que Darion me conhece melhor do que qualquer um, mais do que eu mesma. A verdade é que seu

PERIGOSAS NACIONAIS

palpite deve ter algum fundamento.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Dezesseis

O calor da fogueira não é suficiente para esquentar nós quatro. Havia poucos galhos na gruta, restos de fogueiras que fizemos no passado. Optamos por não nos arriscarmos lá fora, ainda. Deitamos perto da lagoa, torcendo para que o vapor da água quente seja mais forte do que o ar frio que insiste em se instalar aqui dentro.

Minha barriga reclama, pedindo por mais alimento. A comida pronta da fortaleza não me fortalece, apenas engana minha fome por um tempo.

Encolho minhas pernas e observo meus companheiros. Norah já adormeceu, sua respiração pesada faz um leve assovio quando passa por sua boca entreaberta. Darion, apesar da aparência cansada, luta para ficar acordado. Luke permanece sentado, com a cabeça encostada na parede rochosa. Seus olhos estão fechados, mas ele não engana ninguém.

Respiro fundo, exausta. O sono, que normalmente foge de mim, resolve aparecer. Eu poderia afastá-lo, mandá-lo embora. Mas tenho medo do rumo que meus pensamentos vão seguir. Será escuro, doloroso.

Pensar em minha mãe e em meu irmão é penoso, me faz sangrar por dentro. É uma dor inexplicável, que ultrapassa o emocional e chega a ser física. Sinto pontadas no peito, que propagam angústia, mágoa. Fecho os olhos e levo minha mão até ele. Esfrego delicadamente, tentando esquentar uma região já tão fria, gelada. É em vão. Essa é uma dor que nunca me abandonará, sofrerei eternamente pela falta da minha família. A parte que é de verdade, que eu amarei para sempre.

Vingarei suas mortes, mesmo que seja a última coisa que eu faça.

Invoco a imagem do meu pai com seu sorriso maléfico. Cada pensamento relacionado a ele é como um combustível para a raiva dentro mim, a alimenta, lhe dá forças para se espalhar por meu interior como veneno, chegando a lugares até então intocados por sentimentos tão negativos.

Agora, a raiva inflama meu espírito, apodrece o que eu tinha de melhor. Eu me sinto meio morta, uma carcaça com um único objetivo: matar. Jorge deteriora tudo que está ao seu redor, comigo não foi diferente.

Praticamente posso ver o sono se afastar com passos rápidos, levando consigo a tristeza. Ficamos apenas eu e a raiva, minha amiga de tanto tempo. Antes, ela era como uma extensão do meu corpo, que frequentemente me invadia. Hoje, já faz parte de mim, fez morada aqui dentro de maneira permanente. Temo que isso seja irreversível.

Passo as mãos pelo rosto, depois pelos cabelos. Deixo meus dedos se embrenharem nos nós formados nos fios compridos. Puxo com força, um pouco de dor externa pode aliviar a dor interna, não custa tentar. Faço uma careta quando um puxão gera uma pontada mais dolorida do que eu esperava.

– Merda – sussurro.

Olho para frente e vejo que Darion já adormeceu. O sono foi mais forte do que ele, meu melhor amigo sempre dormiu bastante. O que meu corpo

costuma rejeitar, o dele precisa.

Fico observando o movimento lento que seu peito faz ao descer e subir calmamente. Permito que a admiração que eu sinto por ele se aproxime, não é preciso nenhum esforço para resgatar esse sentimento tão forte. Pela primeira vez, quero que a raiva vá embora. Nesse momento, ela não me ajuda em nada. Quero acalmá-la por um tempo, ela será útil apenas daqui algumas horas, na batalha. Se eu não tiver outra pessoa em quem possa descarregá-la, ela me destruirá.

Pobre Darion, precisou experimentar a aflição de decidir pelos outros, de tomar a decisão que definirá o futuro das pessoas que ama. Liderar é um castigo, uma maldição. Uma carga pesada que eu nunca quis carregar.

No fundo, sei que Darion é melhor do que eu, sempre foi. A hierarquia por sangue não faz o menor sentido. A pessoa mais capaz deveria liderar, não quem tem o sangue do líder anterior.

Eu seria justa ou egoísta, se propusesse que Darion passasse a carregar o fardo de liderar nosso povo? Como ele reagiria se percebesse que tomou

uma decisão errada, e que isso afetou muitas vidas além da dele? Conseguiria ser feliz, carregando essa culpa?

Solto um suspiro ruidoso, não adianta ficar pensando nisso. Primeiro, precisamos vencer e sobreviver a essa guerra. Depois, eu reflito sobre a possibilidade de abandonar o cargo que é meu por um direito irracional. Por enquanto, me limito a recordar minhas melhores lembranças ao lado de Darion. Eu me lembro de quando fui nomeada líder dos guerreiros, do sorriso orgulhoso que ele carregou no rosto durante todo o dia. Seu treinamento ainda não tinha sido concluído. Temos a mesma idade, mas eu comecei a ser treinada antes que ele. Eu me lembro do quanto ele se destacou durante os treinos, sempre o melhor em tudo. Eu me lembro dos dias em que enganávamos meu irmão e íamos até a gruta sozinhos, o que era considerado perigoso poucos dias após um ataque do deserto.

Mesmo vivendo uma realidade tão massacrante e cruel, tivemos bons momentos, nos divertimos juntos. O amor e carinho que sinto por meu

melhor amigo me consomem, me deixando aliviada, quase leve. Sei que é uma paz momentânea, só um instante. Mesmo assim, consigo sorrir, um sorriso de verdade. Ainda tenho família, Darion é meu sangue.

Deixo meu olhar vagar pela gruta e me deparo com olhos verdes famintos. Engulo em seco ao perceber que Luke me estuda atentamente, passeando o olhar por todo o meu corpo. Olho para Darion, confirmando que ele está em sono profundo, assim como Norah.

Volto a encarar Luke, ele não desgruda os olhos de mim. Minha boca fica seca, meu peito se movimenta com agilidade, acompanhando minha respiração ofegante. Ele sorri maliciosamente ao perceber que reajo aos seus olhares. Luke sabe o efeito que tem sobre mim, sempre soube.

Corro meus olhos por seus braços, seu tórax e sua barriga ainda rabiscados com a tinta do deserto. Um sorriso brota involuntariamente em meus lábios. Sei que não é uma boa hora para flertes, mas quem liga? Gosto de Luke, sua presença me alegra, me descontraí. Ele está me

usando para conseguir a liderança do povo da areia, é justo que eu o use para me distrair.

Sim, estou usando desculpas para justificar minha atração injustificável por esse filho da puta. Mas não estou nem aí. Seja por qual motivo for, eu o quero. É bom poder fazer o que se tem vontade, de vez em quando. Eu mereço um momento bom, onde eu faça apenas o que eu quero, não mereço? *Não*, minha razão me responde. Mas eu a ignoro, ela já perdeu essa batalha para meu desejo. Ela nem teve chance.

Foco nos olhos maravilhosos à minha frente, a pretensão neles é evidente. Um calor se espalha dentro de mim, me obrigando a soltar o ar agora denso pela boca.

Putá que pariu, como ele consegue me deixar desse jeito só de olhar para mim? Umedeço os lábios com a língua e me levanto, incapaz de continuar encarando Luke sem voar pra cima dele.

Ando em direção à saída da gruta. Não sei o quanto me distancio da lagoa, minha cabeça parece enevoadada, fora do eixo. Luke tem o dom de me tirar de mim, de fazer eu me perder em seus

olhos verdes penetrantes. Continuo ofegante, chego a sentir os dedos de Luke no meu pescoço, como hoje mais cedo. Sinto seus lábios quentes sobre os meus, como no momento em que nos despedimos, achando que nunca mais nos veríamos.

Paro de caminhar e apoio as mãos na parede levemente molhada. Fecho os olhos, me concentrando em acalmar minha respiração. Essa tática de inspirar e expirar lentamente funciona para alguém? Nunca me ajuda em nada! Não é possível que esse cretino me afete mesmo à distância.

Um arrepio percorre meu corpo, fazendo-me contorcer. Mordo o lábio inferior e espero que o leve tremor que me domina vá embora. Deixo minha cabeça cair entre meus braços, sentindo meus músculos se esticarem com seu peso solto. Qual o meu problema? Por que comecei a me sentir mais atraída por Luke depois de saber que ele é um mau-caráter, muito mais do que quando o considerava sensível e romântico? Isso só pode ser alguma falha do meu cérebro, algum sintoma

de trauma, sei lá...

Escuto seus passos se aproximando e apenas levanto a cabeça. Ele se posiciona atrás de mim, e eu não faço nada. Permaneço parada, totalmente imóvel. Luke gentilmente muda meus cabelos de lugar e dá um beijo na minha nuca. É um beijo casto, mas sua boca quente sobre minha pele fria é o que basta para o calor voltar com força total. Aperto os dedos contra a parede e esfrego uma perna na outra, buscando por fricção no meu próprio corpo.

Mais um beijo na minha nuca, mais longo e um pouco molhado. Jogo a cabeça para trás, apoiando-a no ombro de Luke. Ele roça os lábios na lateral do meu pescoço exposto, seus dentes arranham minha pele, seus dedos passeiam por meus cabelos embaraçados. Fico ainda mais ofegante e não me preocupo em disfarçar. Sua mão esquerda começa a acariciar minha barriga enquanto a direita aperta minha coxa, entre minhas pernas. Suspiro alto, deixando que qualquer resquício de autocontrole desapareça.

Sinto o tecido da camiseta se arrastando por

minha pele. Levanto os braços, permitindo que Luke tenha acesso total ao meu corpo. A roupa do deserto não cobre quase nada.

Ele toca minhas costas com dois dedos, e vai descendo bem devagar, até chegar no elástico da saia, no final da minha cintura.

– Você sabe o quanto é linda, não sabe? – Luke pergunta com os lábios no meu ouvido, depois morde o lóbulo da minha orelha.

– Como você – respondo em um sussurro.

Levo minha mão para sua nuca. Tento puxar seus cabelos, mas eles não estão mais lá. Ele os raspou para se passar por um guerreiro comum do povo da areia. Sua mão na minha barriga começa a subir, a caminho dos meus seios. Ele os alcança por baixo do top do deserto e os apalpa. Arqueio a coluna, deixando escapar um gemido.

De repente, ele me vira bruscamente. Aperta meu bumbum com as duas mãos, me puxando para cima. Enlaço minhas pernas nele e tento olhar em seus olhos, mas ele ataca minha boca. Sua língua hábil e macia me deixa sem fôlego, ele suga meus lábios, morde. Seu beijo é voraz, feroz. Ele

está faminto. Faminto por mim.

Luke segura meu queixo com a mão e afasta sua boca da minha, me impedindo de segui-la. Abro os olhos e me deparo com uma imensidão verde clara, uma coisa maravilhosa. Luke é lindo. Muito lindo.

Mordo o lábio inferior enquanto o observo. Com o polegar, ele puxa meu lábio para baixo, soltando-o dos meus dentes. Então se aproxima e o lambe.

– Vai deixar eu foder você, Celine?

Faço que *sim* com a cabeça, e ele sorri para mim. Um sorriso safado, malicioso. Adoro essa expressão em seu rosto, mas não posso admirá-la por muito tempo. Ele volta a me beijar, com mais intensidade ainda.

Luke me pressiona com mais força contra a parede, e eu aperto minhas pernas em volta da sua cintura com mais firmeza. Ele envolve meu pescoço com sua mão e vai para trás, me mantendo apoiada na parede. Seus dedos descem pelo meu colo, passam por entre meus seios e chegam na minha barriga.

Minha vontade é jogar a cabeça para trás, mas já

PERIGOSAS ACHERON

estou apoiada na parede. Fecho os olhos e me deixo perder no toque de Luke. Delicadamente, ele puxa a alça do top para baixo, e eu tiro meu braço da peça. Luke tem acesso ao meu seio exposto e sua boca quente o envolve. Gemo, contraindo as pernas. Ele avança em mim, sua cintura se mexe sugestivamente entre minhas pernas. Um arrepio percorre todo o meu corpo, sou invadida por uma necessidade enorme de ter Luke em mim. Não vou aguentar esperar por muito tempo. Já esperei tempo demais!

Arranho sua nuca com as unhas das duas mãos. Ele me segura pela cintura e me sobe um pouco, usando a parede para me apoiar. Sua boca começa a lamber e chupar minha barriga. Eu me contorço em seus braços, a vontade dele se tornando insuportável.

Em contraste com a avidez que ele usou para beijar minha boca, ele é delicado ao beijar minha barriga, quase não sinto seu toque. Percebo que ele está seguindo meu corte, que em breve se tornará uma cicatriz.

– Luke... – sussurro, ofegante.

Ele olha pra mim de onde está, sei que pode ver minha urgência. Mas ele não se incomoda, vai subindo o caminho de volta lentamente, beijando, chupando, mordendo.

Quando finalmente seu rosto volta para perto do meu, eu o beijo. Mordo seus lábios e vou para seu pescoço. Passeio minhas mãos por seus braços, suas costas. Quero sentir o máximo dele que eu puder, que eu alcançar.

– Já está pronta para mim, Celine? – ele fica usando meu nome ao final de cada fala, com essa voz rouca deliciosa. Cada palavra me enlouquece mais.

– Sim – respondo.

Ele começa a abrir sua calça e eu me acomodo em seu colo, desesperada pelo que está por vir. Luke se posiciona na minha entrada, segurando minha coxa com uma mão e minha nuca com a outra. Fecho os olhos, esperando por sua invasão, ansiosa. Então ele entra em mim, devagar. Involuntariamente, abro a boca, gemendo. Isso é exatamente o que eu quero. E como eu quero.

– Nossa – Luke diz, encostando sua testa na

PERIGOSAS ACHERON

minha.

Ele começa a se movimentar vagarosamente, e a sensação é maravilhosa. Seu rosto se afunda no meu pescoço, mantenho minhas mãos em sua nuca. Sinto seus dentes no meu ombro, me mordendo de leve. Depois sinto seus lábios quentes na minha orelha.

– É assim que você gosta, Celine? Ou prefere com mais força?

Estou adorando as sensações que seu ritmo lento me proporciona, mesmo assim, respondo:

– Com mais força.

Ele sorri na minha pele e entra um pouco mais em mim, aumenta de leve a velocidade de suas estocadas. Gemo, voltando a apoiar a cabeça na parede.

Luke se afasta um pouco para me observar conforme se movimenta. Olho para seus olhos verdes maravilhosos, ficando ainda mais excitada com sua expressão de satisfação.

– Não queremos que nos escutem. Vai conseguir ficar quietinha?

Avanço para frente, seguro seu rosto e passo minha língua por sua boca.

– Provavelmente, não.

Ele sorri e me beija. Dessa vez, ele é mais agressivo, puxando meu cabelo. Eu adoro, e mostro isso a ele ao afundar minhas unhas em suas costas. Luke aperta minha coxa e aumenta o ritmo com que me invade. Sim, eu prefiro com mais força.

Algo desperta em mim, me levando a atacar sua boca com selvageria. Ele me acompanha, se movimentando cada vez mais rápido, entrando cada vez mais fundo em mim.

– Merda! Também prefiro mais forte! – ele diz entredentes.

Soltando meus cabelos, ele passa o braço pela minha cintura. Me desencosta da parede e começa a caminhar em direção a saída da gruta. Continuo beijando sua boca com avidez, sem me importar em ver para onde ele está nos levando. Qualquer lugar serve.

Enquanto Luke caminha, eu me movo em seu colo. Ele aperta a mão que segura minha cintura e

PERIGOSAS ACHERON

acelera o passo. O desejo em mim cresce, me incentivando a me mexer mais rápido, morder sua boca com mais vontade.

Luke para e, quando percebo, ele está sentado em uma rocha. Apoio meus joelhos nela, sentindo o ardor que a superfície irregular causa em mim. Mas não me importo, eu até gosto. Sinto suas mãos na minha cintura, que me impulsionam para cima, para então me trazer para baixo com velocidade. Grito, e ele também.

Os braços de Luke continuam me movimentando, e eu acompanho seu ritmo veloz com as pernas e cintura, sentindo algo indescritível. Seus olhos se mantêm vivos em mim, mas não consigo deixar os meus abertos. Eu os aperto com força, mordendo meu lábio inferior com a mesma intensidade.

– Caralho – Luke diz e aproxima seu rosto do meu – isso é bom demais.

Abro os olhos e vejo o quanto Luke é delicioso. Ele aperta a mandíbula conforme nos mexemos com avidez, em perfeita sincronia. Segurando sua nuca, afundo meu rosto em seu pescoço. Beijo sua pele quente, depois mordo.

Luke me puxa de volta pelos cabelos, me fazendo olhar para ele.

– Está gostoso, Celine? É assim que você queria que eu fodesse você?

Suas palavras me deixam louca e uma dor gostosa começa a se espalhar pelo meu corpo. Eu me contorço, forçando meus joelhos contra a pedra fria.

– Sim – grito, ciente de que estou prestes a gozar.

Luke percebe minha urgência. Ele solta meus cabelos e passa o braço pela minha cintura, se empenhando em movimentos mais fortes, entrando mais fundo em mim. Não preciso de muito, logo sinto algo explodir no meu ventre. O prazer se espalha por mim com uma intensidade que eu ainda não conhecia. Sinto meu corpo tremer, ter espasmos, sei lá. Passo os braços pelo pescoço de Luke, aperto ele contra mim e grito.

Ele volta a segurar minha cintura com as duas mãos e, após dois movimentos curtos, goza. Não chega a gritar, mas seus gemidos são como música para meus ouvidos.

Luke continua me levando para cima e para baixo devagar, prolongando a sensação intensa que o orgasmo provocou em mim. Aos poucos, paro de tremer. Eu me sinto leve e nem sequer penso em reprimir um sorriso satisfeito.

Saio do seu abraço e o observo. Olho para seus olhos, seu rosto, seus ombros fortes. Luke é a definição de beleza. Ele sorri para mim, cansado, incrivelmente lindo.

Não estou apaixonada por ele. Gosto dele, de verdade, mas de um jeito diferente. Não é amor entre um homem e uma mulher. Não é paixão. Isso foi apenas sexo, e foi maravilhoso. Com Luke é tudo mais fácil, ele não exige nada de mim.

Minha mente começa a trabalhar uma comparação entre meus sentimentos por Luke e Max, mas eu não deixo que ela vá muito longe. Sei que estou errada em relação a Max, e não quero pensar nele agora. A cagada já foi feita, as consequências já são inevitáveis. O pior é que eu não me arrependo. Ainda.

Sorrio de volta para Luke, que leva a mão até meu rosto para acariciar minha boca, minha

bochecha, meu queixo.

– Sabe que isso não pode acontecer de novo, não é? – pergunto, a respiração ainda entrecortada.

Ele dá uma risada baixa, controlada.

– Só sei que essa trepada era tudo que eu estava precisando.

Dou risada também, a safadeza de suas palavras é engraçada.

– Seu lixo – o ataco.

– Safada. Gostosa – ele retruca.

Estou sorrindo quando sua mão me puxa pela nuca e aproxima nossos lábios. Seguro seu rosto com as duas mãos e o beijo. Mas não me demoro muito, ainda me sinto ofegante.

Saio de seu colo com sua ajuda. Minhas pernas vacilam assim que meus pés tocam o chão, ainda posso sentir um resquício daquela sensação gostosa entre minhas pernas. Luke se abaixa para levantar suas calças enquanto ainda me observa, se divertindo com as reações que causou no meu corpo.

Abaixo a minúscula saia que as mulheres do

deserto usam. Quase não faz diferença, minhas pernas praticamente inteiras ficam de fora. Coloco meu braço de volta na alça do top, e puxo o tecido para cima. Sinto a peça me incomodar nas costas, mas não consigo levar minha mão até a região dolorida. Após se divertir um pouco com a situação, Luke dá a volta em mim para me ajudar. Suas mãos mexem no top, posicionando-o no lugar certo. Então ele envolve minha barriga com seus braços e beija meu ombro.

– Para. Já acabamos – digo meio séria, meio brincando.

Afasto suas mãos de mim e começo a voltar para a lagoa, torcendo para que ninguém tenha acordado e, inevitavelmente, encontrado a camiseta de Norah jogada no chão. Luke dá um tapa no meu bumbum, fazendo a região se esquentar. Antes que eu possa virar pra trás para xingá-lo, ele se posiciona do meu lado e passa o braço pelo meu ombro, caminhando comigo.

– Acabamos de começar, você quer dizer.



PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Dezessete

Depois de um sono tranquilo, sem sonhos, sou acordada com carícias em meu pescoço. Mesmo sem abrir os olhos, sei que é Darion. Minha pele reconhece seus dedos ásperos indo até meu rosto, acompanhando a linha da minha sobrancelha. Suspiro alto e viro de barriga para cima, permitindo que seu toque tenha acesso total. Escuto sua risada baixa, carinhosa.

– Pensei que você passaria a noite atenta – ele brinca em um tom quase acusatório.

Não preciso olhar ao redor para saber que estamos sozinhos. Darion sempre foi carinhoso, mas suas carícias se limitam a momentos de privacidade. Levo meus dedos até seu rosto marcado por traços indígenas e retribuo seu afago.

– Luke revezou comigo – respondo, e percebo uma careta que ele tenta esconder.

Meu melhor amigo segura minha mão delicadamente. Leva-a até seus lábios e beija um

dedo de cada vez. Noto que ele parece um pouco triste, chateado. Ele tem algo a me dizer e, a julgar pelo fato de ter esperado estar a sós comigo para demonstrar isso, não pode ser nada bom. Alongo meus braços e pernas, me espreguiçando, em uma preparação para o que vou escutar.

Darion continua apenas me encarando. Estico o braço e seguro as postas de uma mecha de seus cabelos compridos, esperando pacientemente.

– Nunca senti tanto medo de perder você – ele diz com uma voz carregada de cansaço.

Não é tão ruim quanto eu esperava.

– Eu sei. Senti medo de não te ver outra vez, também – realmente, foi uma sorte muito grande termos conseguido escapar – sabe que a liderança é sua, se algo acontecer comigo, não é?

– Não diga isso – ele tenta me calar, mas não dou chance para ele mudar de assunto.

– É sério! Precisamos ter isso definido. Você é o próximo na nossa hierarquia – ele faz uma cara feia, desgostoso. E está certo, este é um fardo que eu não desejo para ninguém. Eu me encho de culpa por estar pedindo algo que exigirá tanto

dele. Se tem alguém que merece ser feliz, esse alguém é Darion. Mas nos comprometemos com nosso povo, escolhemos protegê-lo. Ele fez essa escolha, e agora precisa fazer o que é certo – não apenas porque é meu irmão, mas porque é o mais capaz.

– Eu não vou deixar nada acontecer com você.

– Às vezes as coisas saem do controle.

Norah e Luke anunciam sua chegada com passos pesados. Espero que Darion se retraia, como ele costuma fazer na presença de outras pessoas, mas ele continua fazendo carinho em mim. Fica claro que está com medo de me perder esta noite, em nosso trajeto até a fortaleza.

– Precisamos ir – anuncia Norah.

Fecho os olhos e respiro fundo. Sei que encontraremos companhia no caminho até a fortaleza. Talvez companhia demais. Eu me concentro em expulsar todos os sentimentos bons que Darion despertou em mim. Na batalha, essas sensações positivas me atrapalham. Não posso hesitar em soltar a flecha, em apertar o gatilho. Esta noite, acrescentarei novos rostos em meus

pesadelos.

Levanto de uma vez, sentindo a adrenalina, ainda tímida, expulsar o torpor do sono aos poucos. Imagino meus inimigos diante de mim, me preparando para o que está por vir. Permito que as imagens saltem perante meus olhos, vejo os olhares ferozes por trás da tinta preta. Sorrio ao perceber a animação se aproximando, se espalhando dentro de mim. Quando meu corpo me implora por ação, sei que estou pronta.

Viro-me para meus guerreiros, percebendo que todos estão tão prontos quanto eu. Nos aproximamos, formando uma roda com nosso armamento no centro. Graças à fortaleza e aos guerreiros que Luke e eu derrotamos, hoje temos muitas opções. Todos se armam com arco e flechas e facas. Temos dois revólveres carregados e um pente de balas sobrando. Como apenas eu e Luke sabemos atirar com precisão, ficamos com essa vantagem.

Ignoro a insegurança que sinto ao prender a arma e a faca no elástico da saia, eles não parecem muito bem presos. Olho para meus pés descalços e

afasto o presságio de dor que vou sentir se precisar correr rápido, sem tempo para escolher os melhores lugares onde pisar. Esfrego o rosto com as mãos, depois prendo o cabelo com os próprios fios. Hora da ação.

– Tudo bem. Acho que não vale a pena nos separarmos – todos concordam – daqui, vamos direto para o rio, precisamos nos camuflar na noite. Nosso objetivo é passarmos despercebidos, evitaremos um confronto ao máximo. Se tivermos que enfrentar alguém, o faremos da maneira mais discreta possível.

Meus guerreiros assentem. Diante das circunstâncias, é o melhor plano que poderíamos ter, tenho segurança disso.

– Só usem as armas em caso de emergência, os tiros vão mostrar nossa localização. Não seremos capazes de vencer todo o exército de Jorge – Darion esclarece olhando diretamente para mim e Luke.

Concordarmos e vamos em direção à saída da gruta. Ninguém diz nada no percurso, cada um busca sua concentração à sua maneira. Não

sabemos o que encontraremos lá fora. Podemos imaginar que Jorge colocou seus homens em nossa caça, mas isso é tudo. Não sabemos a quantidade de guerreiros que vamos enfrentar, não sabemos que tipo de armamento eles estarão usando, não sabemos se sua intenção é capturar ou matar. Nossa única vantagem, além dos revólveres que eles também podem ter, é estarmos na floresta. Sei que Darion e eu teremos facilidade em nos escondermos na mata. Em casa, a escuridão é nossa amiga. Vejamos do que Luke e Norah são capazes em território quase desconhecido.

Quando alcançamos a saída, já estou inquieta. Meu corpo está pronto para a batalha, clama por movimentos. A sensação é boa, preciso admitir. No fundo, sei que algo de errado acontece comigo, que me faz gostar dessa adrenalina, dessa violência. Eu não gosto do resultado, de ver as pessoas que precisei matar. Mas gosto do processo, de ver o quanto sou boa nisso, de ver meus inimigos caindo um a um, diante da minha força. Talvez isso seja errado. Mas, agora, não me importo. Antes da batalha, esse é o tipo de

pensamento que aumenta minha energia, minha valentia. É tudo que preciso.

Darion se posiciona para empurrar a rocha que impede nossa passagem, mas fica parado, olhando para mim. Vejo a determinação em seus olhos. Ele fará o que for necessário, não hesitará por um segundo sequer. Depois de sustentar seu olhar por um tempo, sibilo *sangue do meu sangue* para ele, que me responde com a mesma frase. Após nosso ritual, encaro os olhos negros e profundos de Norah. Ele respira pesadamente, está pronto para a luta. Por fim, olho para Luke. Seu habitual sorriso está escondido, não há espaço para ele nesse momento. Sua respiração está calma, mas seu olhar é feroz, impiedoso. Estamos prontos, ninguém nos impedirá de chegar até a fortaleza. Tenho pena de quem cruzar nosso caminho.

Corro meus olhos uma última vez por todos eles. Hoje, eu mato e morro por esses três. Aceno com a cabeça, e Darion começa a empurrar a rocha da maneira mais silenciosa que pode. Assumo a dianteira e me agacho bem perto da pedra, meu nariz quase a toca. Conforme ela vai sumindo da

minha vista, o vento gelado da noite acaricia meu rosto com dedos invisíveis. Praticamente posso ouvir minha floresta me dar boas-vindas.

Com minha visão periférica, vejo Darion posicionar uma flecha em seu arco. Mesmo escondido atrás da parede da gruta, sei que ele observa todo o ambiente, pronto para contra-atacar quem se aventurar contra nós.

Pacientemente, espero. Deixo minha floresta trazer até mim o que ela julga que preciso. Sinto cheiro de madeira queimada, os guerreiros do deserto se aquecem aqui perto. Meus olhos, já acostumados à escuridão da gruta, não têm dificuldades em enxergar com a ajuda da luz da lua. Tento ver além das árvores, viro minha cabeça vagarosamente para os lados, a fim de observar tudo que posso. Nada.

Confiando plenamente em Darion, fecho os olhos. Ainda agachada, apoio meu cotovelo na minha coxa e solto o peso do meu braço. Deixo meus dedos roçarem a terra, sinto quando ela se acumula embaixo das minhas unhas. Os ventos estão fortes esta noite, fazem um barulho alto ao

se chocarem com o ar mais denso que se acumula na gruta.

Abro os olhos e observo a floresta mais uma vez. Lentamente, esparramo minha mão no solo e apoio meu peso nela. Avanço com meu pé esquerdo, transferindo meu peso sobre ele após senti-lo tocar o chão. Depois, levo todo o meu corpo para frente. Fico esperando que algo aconteça. Nada. Fecho meus olhos mais uma vez.

Vamos, floresta, traga pra mim o que eu preciso escutar. Nada.

Estou prestes a liberar a saída dos meus guerreiros, um tanto receosa por não ter recebido as informações que a floresta costuma me mandar, mas escuto algo se aproximando rapidamente. Em um movimento único, volto para minha posição anterior, me levanto e apoio minhas costas na parede da gruta, fazendo Darion ir um pouco para trás. Do outro lado da saída, Norah e Luke se espremem para se esconder também. Antes que eu possa pegar minha faca, galhos se quebram próximos demais. Um homem não seria capaz de se movimentar com tanta

velocidade, e seu peso contra os galhos os faria se quebrarem mais, gerando um barulho mais alto.

Levanto o punho fechado, mandando meus guerreiros ficarem parados. Sei quem está aqui. A vantagem dos ventos fortes é que meu cheiro se espalha pela floresta rapidamente. Um cheiro imperceptível a narinas humanas.

Coloco parte da minha cabeça para fora da gruta e olho para trás. Sorrio calorosamente ao ver meu lobo. Giro nos calcanhares e me agacho diante dele, na mesma posição de antes. Levo o indicador para meus lábios, pedindo ao meu lobo que faça silêncio. Ele olha além de mim, certamente para meus companheiros. Vejo o sangue dos meus inimigos em seus pelos. Seu focinho já está limpo, ele tomou água no rio. Mas os pelos das patas e os próximos aos olhos ainda estão pintados de vermelho escuro, quase marrom.

Ele volta a me encarar, em silêncio. Assinto, mas ele não se mexe. Então ele levanta o focinho para o céu, como se fosse uivar. Um arrepio me faz estremecer com a possibilidade de sermos descobertos tão cedo. No entanto, meu lobo

apenas cheira o ar. Depois vem até mim com passos lentos, sorrateiros.

Afago seu rosto quando ele me alcança. Ele fica quietinho, apenas sentindo meu carinho. Apesar do meu esforço em manter meus pensamentos focados na batalha, é impossível não pensar que o espírito do meu irmão habita o corpo desse lobo. Ou o de Diná. Ele responde a mim de uma maneira muito certa, além do instinto animal.

Seguro seu focinho com a mão e apoio minha testa entre seus olhos disformes. Tenho vontade de perguntar se ele veio guerrear comigo, mas não posso arriscar nem um sussurro. Nossa única chance é passarmos despercebidos pelos guerreiros do deserto. É uma pergunta que eu já sei a resposta, de qualquer maneira. Minha floresta o mandou para me auxiliar.

Afasto meu rosto do meu lobo e dou um tapa em seu traseiro, o mandando embora. Ele já fez por nós o que deveria, me assegurando, através de suas narinas poderosas, que o inimigo não nos espreita entre as árvores próximas. Acompanho seus movimentos ágeis e silenciosos, até que ele

some na noite.

Eu me levanto e tiro o arco das costas. Posiciono uma flecha e, sorrateira, avanço na floresta em direção ao rio comprido, com meus guerreiros em meu encalço.

Dezoito

Fico vigiando enquanto meus guerreiros se cobrem de lama. Logo chega minha vez e eu faço o mesmo, sentindo a camiseta de Norah grudar no meu corpo. O gosto forte da terra invade minha boca, mas não me incomoda. Meus olhos buscam por sinais do inimigo na floresta, mas está tudo calmo. Calmo demais.

Avançamos em direção à fortaleza, e não demora muito para que encontremos os rastros da fogueira feita pelos guerreiros do deserto. Pelo calor ainda presente no ambiente, sabemos que eles saíram daqui há pouco tempo. Continuamos adiante, devagar, atentos.

Depois de alguns metros, Darion toca meu ombro. Paro de imediato, e a ausência de movimentos me permite escutar o som de passos se aproximando de nós. Eles não estão tão perto, então nos embrenhamos entre alguns arbustos sem dificuldade. Após alguns minutos, dois

guerreiros da areia surgem entre as plantas. Penso que poderiam ser mensageiros trocando de grupo, como Norah descreveu. Mas eles andam lentamente, procurando, rastreando. Claramente, sua missão é nos encontrar, não levar uma mensagem.

Aproveito a lentidão com que eles caminham e avalio nossas opções. Se eles não nos notarem, devemos deixá-los ir, para não alertar os outros? Ou devemos aproveitar a oportunidade para diminuir o exército de Jorge?

Quero que meu pai encontre seus homens mortos, quero que ele saiba que fui eu que os derrotei, após fugir por entre seus dedos. Porém, será que a ausência desses guerreiros alertará seus companheiros de que algo está errado? No fundo, todos sabem que algo está errado. Eles sabem que estamos na floresta, por isso nos procuram. É melhor nos livrarmos de quem pudermos, antes que eles acabem nos alcançando e nos dando mais trabalho.

Os guerreiros finalmente passam por nós, observando a floresta com atenção. Os olhos de

um deles passam diretamente por mim, mas ele não reconhece uma pessoa no meio de tanta lama e escuridão. Assim que eles nos ultrapassam, Darion sai do seu esconderijo sem produzir ruído algum. Faço o mesmo que ele e, quando os guerreiros percebem nossa presença, já é tarde demais. Por trás, cubro a boca do meu guerreiro e passo a lâmina da faca por sua garganta. Seu peso cai sobre mim, me fazendo mudar o pé de apoio. Lentamente, vou indo para trás, deixando que seu corpo repouse no chão aos poucos. Luke me ajuda a arrastá-lo para onde estávamos escondidos. Darion cuida do que sobrou do homem que derrotou enquanto Norah fica vigiando. Pegamos as facas que nossos inimigos carregavam, cobrimos os corpos com folhas mortas e seguimos.

Prossigo buscando por rastros no chão. Encontro sinais por todos os lados, em todas as direções. Há muitos guerreiros pela floresta.

De repente, escuto o rosnado do meu lobo. Depois, alguém grita pedindo ajuda. Norah sinaliza para que sigamos na outra direção, ciente de que a ajuda solicitada chegará em breve. Ele interpreta

essa situação como um risco, eu interpreto como uma oportunidade. Vendo tantos rastros no chão, sei que há muitos guerreiros nessa floresta. Mais cedo ou mais tarde, nos esbarraremos. Ter alguns deles reunidos nos dá a oportunidade de inverter os papéis, de caça para caçadores. Eu gosto mais assim.

Balanço a cabeça em negativa para Norah e aponto na direção do grito, indicando que vamos atacar. Guardo a faca na cintura e pego o arco. Sem parar de andar, saco uma flecha, acelerando o passo apenas um pouco. Mesmo que dessa vez sejam eles os caçados, é mais importante passar despercebida do que chegar rápido. Sei que existe a possibilidade de muitos guerreiros, mais do que podemos enfrentar, irem ajudar seus companheiros. Quero observar antes de atacar.

Não demora para que eu identifique a movimentação à minha frente, então paro. Olho para trás e, com sinais claros, mando Norah e Luke ficarem onde estão. Avanço devagar, olhando para o chão para me certificar de não fazer nenhum barulho, com Darion ao meu lado. Paro a uma

distância razoável e observo três guerreiros do deserto alcançarem os corpos que repousam ensanguentados no chão. Nenhum sinal do meu lobo, apenas as marcas de suas garras na pele de suas presas já sem vida. Ele é esperto, ataca e desaparece.

Olho para Darion, mas não levanto meu arco em direção aos meus inimigos. Ainda não, quero pegar todos desprevenidos. Se outros estiverem chegando, não quero que vejam os amigos sendo alvejados e gritem por ajuda.

Dois dos guerreiros se abaixam para avaliar o estrago feito por meu lobo. O outro permanece em pé, estudando o ambiente. Ele segura um facão, muito parecido com o que Tito usava. Seus olhos minuciosos vasculham a mata e, quando miram em mim, parecem identificar o alvo. Fico tensa, mas não mexo um músculo sequer. Ele traz a cabeça mais pra frente, estreitando os olhos em uma tentativa de enxergar melhor.

De súbito, um barulho atrás de mim chama minha atenção. Resisto à tentação de me virar, qualquer movimento confirmará ao meu inimigo

que estou aqui. Foi para uma situação como essa que deixei Norah e Luke para trás. Entretanto, Darion não confia tanto em nossos novos companheiros. Ele gira nos calcanhares com sua flecha posicionada no arco. Com rapidez, levanto os braços e puxo minha flecha para trás. O guerreiro da areia abre a boca, pronto para avisar seus amigos, mas ele não tem tempo. Minha flecha atinge seu peito, lançando-o para trás. Quando seus amigos se levantam, assustados, já tenho outra flecha apontada para eles. Ela acerta um dos guerreiros e, antes que eu possa carregar meu arco novamente, Darion acerta o outro.

Olho para trás e vejo Luke e Norah arrastando dois corpos, o sangue escorre por suas gargantas. Deixo-os cuidando disso e permaneço parada, atenta. Ninguém mais aparece.

Eu me aproximo dos guerreiros que acabamos de derrubar enquanto Darion fica na minha retaguarda, esperando por um possível ataque. Com agilidade, pego de volta as três flechas que lançamos. Deixo à vista apenas os homens que foram mortos por meu lobo. Quem os encontrar

talvez conclua que os outros companheiros desaparecidos também foram alvos de um animal selvagem.

Continuamos seguimos para fortaleza. Reparo que a expressão de Norah mudou, inclusive sua postura. Antes, tudo que eu podia ver era coragem, força, determinação. Agora, vejo também tristeza. Será que matamos alguém a quem ele era próximo? Será que ele teve que matar um amigo? Mudar de lado o deixou em uma posição delicada. É óbvio que ele abandonou colegas, assim como Max o fez ao optar por ficar conosco.

Automaticamente, olho para Luke em busca de qualquer sinal de remorso, arrependimento. Não encontro nada. Ele está focado na batalha, em nada mais. Eu deveria fazer o mesmo. E o faço.

Depois de horas caminhando sem encontrar mais nenhum inimigo, tenho certeza de que estamos indo em direção a uma armadilha. Sei que meus guerreiros já concluíram o mesmo que eu, a tensão entre nós é quase palpável.

Na dianteira, sinalizo para que eles parem. Nos

entreolhamos, mas ninguém diz nada. A verdade é que não temos opção. Mesmo sabendo que Jorge armou uma armadilha próxima à fortaleza, esse é nosso único caminho. Se não formos para lá, vamos para onde? Na floresta, seremos encontrados. E precisamos falar com Joseph, tudo depende disso.

Aponto para cima olhando para Darion. Ele guarda a faca e começa a escalar uma árvore. Continuo atenta, mesmo sabendo que, se não encontrarmos ninguém até aqui, não encontraremos mais. Mesmo sendo uma armadilha óbvia, parece que meu pai mandou um exército nos esperar em nosso destino.

Darion desce da árvore com habilidade, salta de um galho a uns dois metros do chão. Apesar do seu peso, seus pés tocam o chão fazendo um barulho mínimo, mais baixo que um sussurro.

– Sinais de fumaça espalhados pela floresta – ele aponta para trás, de onde viemos – mas nada daqui até a fortaleza.

Norah estava certo, Jorge espalhou seu exército em grupos. Os guerreiros que enfrentamos ao sair

da gruta faziam parte desses grupos. Ele deixou o caminho livre até a fortaleza para que nos sentíssemos confortáveis, aumentando nossas chances de sermos pegos de surpresa. Quase me sinto ultrajada por ele pensar que eu não perceberia algo tão evidente.

– É uma armadilha – Norah verbaliza o que todos sabem.

– Pelo menos sabemos que não são todos os guerreiros que nos esperam, já que há outros grupos distribuídos pela floresta – digo, desanimada – essa armadilha está me parecendo óbvia demais.

– Assim como nosso destino – ressalta Luke – Jorge sabe que você não abandonaria seu povo na fortaleza, sabe que o único lugar para onde poderíamos ir é lá.

– Ele deveria saber que eu perceberia essa armadilha, também.

– Que diferença isso faz? Agora que você sabe, vai deixar de tentar entrar na fortaleza? – ele pergunta, mas não espera por minha resposta – Às vezes as coisas são simples, sem estratégias

mirabolantes. Ele não sabe onde você está na floresta, mas sabe qual o seu destino. Ele conhece nossas habilidades. Sabe que você pode ser sorrateira em seu território, sabe que somos capazes de derrotar guerreiros que estejam sozinhos. O que seria mais eficiente do que mandar um grupo nos aguardar no único lugar que ele sabe que estaremos mais cedo ou mais tarde?

A boa e velha emboscada. Simples e eficaz. Preciso parar de fazer tantas suposições, desconfiar de tantas coisas. Luke está certo, às vezes as coisas são simples. Tão simples quanto um homem ganancioso tentar roubar armas para fortalecer seu exército. Já era de se esperar, fomos ingênuos em não prever essa guerra, mesmo sem saber que esse homem ganancioso é meu pai.

– Alguma chance de Jorge estar lá? – pergunto diretamente para Luke.

– Nenhuma – ele responde de imediato.

– Onde você acha que eles nos esperam?

– Se bem conheço Jorge, ele vai aproveitar a oportunidade para aterrorizar a fortaleza. Quer que eles ouçam a batalha, que saibam que a vez

deles está chegando.

– Ele não chegaria tão perto, sabe que a fortaleza tem armas de longo alcance. Eles acertariam a todos sem nem sair pelos portões – Darion afirma com segurança.

– Não sei – pondero – Joseph não quer confusão com o deserto. Ele ainda tem esperanças de que meu pai esteja aqui por mim, não por seus recursos. Não dará o primeiro passo nessa guerra, não será o primeiro a atacar o inimigo.

O silêncio reina entre nós, ninguém tem mais nada a acrescentar. Os quatro sabem que só há uma opção: lutar. Só podemos torcer para que meu pai não tenha mandado um contingente muito grande, para que tenhamos uma chance. Mesmo confiante de que Joseph não o atacaria, ele não arriscaria muitos homens. Ou arriscaria?

– Como faremos isso? – Norah pergunta.

Não preciso pensar muito, só vejo uma possibilidade de ataque.

– Da mesma maneira que estamos fazendo até agora: sorrateiramente. Estamos a uma boa distância da fortaleza, ainda. Continuaremos

PERIGOSAS ACHERON

juntos até nos aproximarmos o máximo que der, sem sermos notados. Nesse ponto, nos separamos. Nosso objetivo será encontrar guerreiros isolados, distantes do grupo. Mataremos o máximo de guerreiros que pudermos, sem que eles percebam. Se eles perceberem, nós perceberemos também. Manteremos nossa posição, separada, e atacamos à distância. Vamos evitar um confronto direto, corpo a corpo, ao máximo. Temos armas de fogo, essa é nossa vantagem. Max escutará os tiros, saberá que precisamos de sua ajuda. Sei que ele já espera por isso, está pronto. Quando as balas e flechas acabarem, sairemos de nossos esconderijos e guerrearemos com eles. De preferência, na clareia, diante da entrada da fortaleza. Dessa maneira, Max poderá atirar de dentro, eliminando nossos inimigos um por um, sem a chance de ser impedido.

– Joseph não permitirá que Max intervenha, Celine – aponta Darion.

– Max nunca precisou de permissão para fazer o que quer. Ele dará um jeito.

Norah me encara, um pouco desconfiado. Engole

em seco e me pergunta:

- E se acontecer de Max não poder nos ajudar?
- Aí mataremos a todos nós mesmos – respondo sem hesitar, tendo êxito em esconder o meu receio com esse plano.

Se Max não nos ajudar, estamos ferrados.

Dezenove

Escondida entre grandes arbustos, vou me aproximando da fortaleza. Eu e meus guerreiros nos separamos a alguns metros, e ainda não encontrei ninguém. Luke estava certo, meu pai quer que Joseph e seu povo escute a batalha, quer que eles temam o que os aguarda. Para nós, isso é muito bom. O líder da fortaleza vai perceber a gravidade da situação, verá que o deserto fez questão de levar a guerra até sua porta. Joseph verá que eles já estão envolvidos, não há escapatória.

Não sei qual o objetivo de Jorge em assustá-los estando em desvantagem, ele deveria saber que a fortaleza vai reagir se perceber que não tem opção. Será que ele cogita a possibilidade de Joseph temer tanto um ataque, que simplesmente entregue as armas para ele? Não, não é possível. Quem seria tão idiota a ponto de armar o inimigo? Ou será que Joseph não vê meu pai como um

inimigo?

De repente, escuto o som característico de uma flecha atingindo uma árvore. O sangue parece que congela em minhas veias, mantenho meu corpo totalmente imóvel, sem nem respirar. É cedo demais para ser descoberta!

Muito lentamente, levo a mão até minha cintura e seguro a faca. Espero, mas nada acontece, ninguém me ataca. Então o guerreiro aparece diante de mim, andando calmamente. Depois de alguns passos, ele se abaixa, sumindo do meu campo de visão. Escuto-o retirar a flecha da árvore e solto o ar que eu estava segurando, bem devagar. Sem fazer nenhum ruído, levo mais ar aos meus pulmões. Ele está caçando. Tentou acertar uma presa, mas errou.

Guerreiros da areia caçam sozinhos? Devo matá-lo, ou corro o risco de ele estar acompanhado?

O guerreiro se levanta, se espreguiçando, totalmente alheio à minha presença. Ele é alto, muito mais do que eu. Não vou conseguir surpreendê-lo por trás, cobrir sua boca e rasgar sua garganta. Sem mexer a cabeça, vasculho a

floresta, movimentando apenas meus olhos. Não estou muito coberta pelas plantas. Se ele olhar na minha direção, vai me ver com certeza.

Por muita sorte, ele se vira para o outro lado e começa a caminhar. Viro o rosto para os dois lados, procurando rapidamente por alguém mais. Parece que estamos só nós dois aqui.

Tiro o arco das costas e pego uma flecha. O guerreiro continua andando, seus passos são mais ruidosos que meus movimentos. Olho para os lados uma última vez, não vejo ninguém. Puxo a flecha, mirando em sua cabeça. Acerto em cheio e ele tomba para frente, fazendo um barulho mais alto do que eu esperava ao desabar no chão. Posiciono mais uma flecha e espero. Nada.

Guardo o arco e puxo a faca. Rapidamente, me aproximo no corpo. Tento tirar seu arco de suas costas, mas ele é pesado demais. Tiro suas flechas do seu saco e passo para o meu, olhando em volta. Em seguida, com muito trabalho, arrasto seu corpo enorme e o escondo entre plantas.

Antes de me embrenhar novamente entre os arbustos, olho para o céu. Amanhecerá em breve.

Caminhamos bem rapidamente, principalmente depois que paramos de encontrar companhia. Mesmo assim, horas se passaram. Precisamos da escuridão da noite para nosso plano funcionar. Tem que dar tempo!

Opto por continuar pela parte mais fechada da floresta, precisando guardar minha faca para passar por entre galhos, a movimentação por aqui é difícil. Porém, sei que pouquíssimas pessoas se aventurariam por esses lados.

Meus olhos avistam o final da mata fechada e, conseqüentemente, o início da clareira onde fica a fortaleza. A partir de agora, cautela é minha prioridade. Avanço muito lentamente, tentando ao máximo não fazer nenhum barulho.

Vejo que estou muito perto do meu destino e me afasto da parte da mata que é muito fechada, onde galhos e plantas cobrem tudo ao redor. Começo a ir mais para a esquerda, buscando por uma região que pode me oferecer uma visualização privilegiada da situação. Logo vejo os portões da fortaleza, soberanos. Alcanço a última árvore antes da clareira, encostando minhas costas

nela. Me abaixo e olho para trás, contando com a lama e com a escuridão para me proteger dos olhares inimigos.

Mesmo após o palpite de Luke, me surpreendo com o que vejo. Os homens do meu pai ocupam a clareira, bem diante dos olhos dos guardas da fortaleza. Joseph, seu estúpido, como pode estar perdendo uma oportunidade como essa?

Conto quase oitenta guerreiros. Sei que ainda existem mais pela floresta, como o caçador que encontrei. Reparo que nem todos estão com os rostos pintados de preto. Forço meus olhos a enxergarem melhor à distância, e reconheço um guerreiro aligorte. Imaginei que Jorge transformaria os guerreiros de Jafar em escravos. Afinal, eles não servem para muita coisa. Quer dizer, aparentemente, servem para testar a conduta de Joseph.

Subitamente, o som de um tiro corta o ar. Meu coração dispara, é cedo demais! A primeira coisa que penso é que só pode ser Luke, uma vez que somente eu e ele estamos armados com revólveres. Mas vejo pássaros, antes escondidos,

saírem em debandada do local onde deveria estar Norah.

Mais um tiro. A movimentação se espalha rapidamente entre os guerreiros da areia. Como se apostassem corrida, todos começam a correr em direção à floresta, de onde veio o disparo. O combate precisa acontecer aqui, nessa clareira, onde nossos inimigos são alvos fáceis para Max.

Tiro o arco das costas e posiciono a primeira flecha. Busco por guerreiros que também carregam arcos e começo a atirar. Ignoro o alarme que soa em minha mente, me avisando que preciso me atentar a minha retaguarda. Minha prioridade é impedir que esses guerreiros se escondam na floresta, longes da mira de Max. Também não quero que os guerreiros que Norah está combatendo recebam ajuda.

Percebo homens nos quais não mirei sendo alvejados, Darion também está atirando. Meus braços trabalham rápido, puxando as flechas e as disparando velozmente. Alguns guerreiros param de avançar para a floresta, outros continuam focados em seguir o som dos tiros.

A confusão gerada por flechas vindas de várias direções logo acaba, e meus inimigos me encontram. Apesar de eu estar escondida, meus tiros denunciavam minha localização.

Continuo mirando nos arqueiros, eles são meu foco. Entre um disparo e outro, observo os guerreiros que correm em minha direção, ainda sem saber exatamente onde estou. Nenhum deles carrega um arco, apenas facas. Continuo mirando nos guerreiros que se dirigem para a floresta, permitindo que meus inimigos cheguem mais perto de mim. A clareira é grande, eles demorarão alguns segundos para me alcançar.

Depois de acertar mais quatro arqueiros, perco os outros de vista, eles entram na mata fechada. Olho para os guerreiros que estão quase me alcançando e percebo que, agora que estão mais perto, eles olham diretamente para mim. Olho rapidamente para a fortaleza, e não vejo nada, ninguém. Max, onde está você? Ele não escutou os tiros? Apenas dois disparos não é o suficiente para denunciar uma batalha?

Tiro a arma carregada da minha cintura e, antes

que eu possa erguer o braço para mirar, uma faca é cravada na árvore que esconde parte do meu corpo. Instintivamente, me retraio. Filhos da puta, essa passou muito perto.

Como se pudessem ouvir meus pensamentos, eles gritam. Torno olhar para eles e vejo o quanto estão perto, apenas a alguns passos. Levanto o braço e atiro na cabeça do mais próximo. Sua boca continua aberta enquanto ele cai, mas o som da sua voz não se propaga mais no ar.

Os guerreiros atrás dele param de correr, temerosos. Eles procuravam uma arqueira, não alguém armado com uma arma de fogo. Tarde demais para se arrependerem. Atiro em cada um deles, que desmoronam no chão. Já usei cinco balas, tenho mais três.

Olho para a clareira e tento contar quantos inimigos ainda estão aqui, mas a movimentação é grande. Percebo um aglomerado de guerreiros, eles formam um círculo ao redor de alguém. Estreito os olhos e vejo a cabeça raspada de Luke. Eu me precipito para frente, mas um grito de guerra chama minha atenção, reconheço a voz de

Darion. Olho adiante e o vejo saindo da floresta, facas em punho, a fúria dominando sua expressão. E ela me contagia, me energiza.

Alguns guerreiros que estão em cima de Luke olham para Darion e se preparam para enfrentá-lo. Varro a clareira com meus olhos, em busca de Norah. Ele não está aqui.

Vejo Luke se recuperando e vencendo a luta contra os guerreiros que o cercavam. Darion também se sai bem, consegue se distanciar de inimigos que antes estavam reunidos, tendo a oportunidade de enfrentar um por vez. Meu corpo implora para que eu entre na clareira, para que eu enfrente esses guerreiros ao lado de Darion e Luke. Mas preciso encontrar Norah. Se ele for capturado, após sua traição, sofrerá demais nas mãos do meu pai.

Estou quase me voltando para a floresta no momento em que vejo dois arqueiros saírem da mata fechada e se posicionarem para atirar. Seguro o revólver com as duas mãos e, com disparos rápidos, acerto meus alvos.

Guardo o revólver com apenas uma bala na

cintura e pego a faca. Olho para a clareira uma última vez e vejo Luke empurrar um guerreiro da areia com o pé, mandando-o para longe. Em seguida, ele pega a pistola e atira em seu peito. Sem pensar muito a respeito dessa decisão, me viro para a floresta e começo a correr, ouvindo outros disparos de Luke.

Tento escutar Norah e nossos inimigos na floresta, mas o barulho da batalha mascara qualquer som. Corro um pouco sem destino, buscando por qualquer movimento à minha volta. De repente, vários tiros são dados de uma vez, mais disparos do que Luke dispunha.

Continuo correndo, me agarrando à esperança de que os disparos vêm de reforços da fortaleza. Tento ignorar a conclusão óbvia de que alguém do deserto tem uma arma de fogo, pois o primeiro disparo veio da localização de Norah, que não possuía esse armamento. A imagem de Darion sendo atingido por um tiro pula diante dos meus olhos, e eu preciso de todas as minhas forças para manter minhas pernas em movimento. Eu deveria ter ficado com Luke e Darion, ao invés de vir

resgatar Norah?

Na penumbra, sombras se mexem à minha frente. Controlo minha adrenalina, que me pede para encará-los de uma vez. Muitos guerreiros entraram na floresta, melhor que eu os pegue desprevenidos ou posso acabar sendo encurralada por muitos deles. Além disso, o fato de estarem voltando para a batalha me mostra que já derrotaram Norah. A primeira coisa que devo fazer é libertá-lo, para que ele possa me ajudar a derrotá-los. Me tornar outra refém não é uma opção.

Rapidamente, escalo a primeira árvore que encontro, mas não subo muito. Com a faca em punho, espero que eles passem por mim para me jogar em cima do guerreiro que estiver segurando Norah. E eles passam, correndo, loucos para alcançar a clareira e participar da festa. Os guerreiros da areia nunca decepcionam, estão sempre prontos para o der e vier.

Tento contar quantos deles passam por mim, mas eles são rápidos demais. Acho que quinze, talvez dezoito. O último começa a se distanciar, e

eu permaneço onde estou. Onde está Norah? Por que não está aqui, com eles? Merda!

Meu coração acelera, dispara no peito. Olho em direção à clareira, onde estão Darion e Luke. Sei que eles precisam de ajuda. Já estavam em desvantagem quando os abandonei para procurar Norah, isso só vai aumentar após a chegada dos guerreiros que acabaram de passar por mim.

Mas Norah claramente está em perigo. É uma decisão difícil. Racionalmente, sei que Norah tem pouquíssimas chances, talvez já esteja morto. Seria melhor voltar e ajudar quem ainda tem chance. Mas eu nunca deixo um dos meus para trás. O que meu irmão faria?

Volto para o chão e corro o mais rápido que posso, na direção de onde vieram os guerreiros do deserto. Logo percebo um rastro diferente do chão, que não são pegadas. Norah está sendo arrastado, seu corpo deixa uma marca larga na terra. Sei que isso é um bom sinal. Se ele estivesse morto, teria sido abandonado. Certamente, o estão levando para o rei. E sei que os planos de meu pai para Norah não são nada bons.

Os tiros continuam sendo disparados, já perdi a conta. O medo de ter tomado a decisão errada me invade, sei que isso pode acarretar na morte de Darion e Luke. Não deixo que essa insegurança me domine, mas não consigo evitar que ela me siga de perto, acompanhando cada passo que dou.

Vislumbro duas silhuetas enquanto me aproximo delas com velocidade. Norah está sendo arrastado pelos braços por dois guerreiros. Seria uma luta fácil, já que eu ainda tenho uma bala no revólver, se eles não tivessem me escutado muito antes do que eu gostaria. A missão de levar Norah até meu pai é valiosa, pois os guerreiros que o escoltam são arqueiros.

Antes que eu possa pensar em pegar a arma, os dois já estão apontando suas flechas para mim. O máximo que posso fazer é lançar minha faca em um deles e me jogar para o lado, tentando impedir que o outro me acerte. É o que faço. Consigo acertar meu alvo, mas um deles também tem êxito. Mesmo me esquivando, sou atingida por sua flecha. Ela entra no meu braço, queimando minha carne como fogo. A dor toma conta de mim, e eu

grito conforme caio no chão.

Com um movimento lento demais, busco a arma na minha cintura que, por um milagre, não saiu voando durante minha queda. Seguro o metal frio com a mão boa, sentindo meus dedos trêmulos. No entanto, meu inimigo é muito mais rápido. Antes que eu tenha a oportunidade de mirar, seu pé chuta meu pulso com força. Sou incapaz de manter a arma em punho, apenas a assisto ir para longe.

Resistindo à dor lancinante, tento me levantar. O guerreiro do deserto pisa no meu peito, me levando de volta ao chão. Seu peso contra mim me faz perder o ar. Ele aponta sua flecha para meu rosto e sorri. Realmente, não valho mais nada para meu pai, ele deu a ordem para que me matassem, e esse guerreiro parece satisfeito em ser ele a realizar essa proeza.

Eu me recuso a deixar que esse merda me veja sofrer. Sorrio de volta, o desafiando. Ele se diverte com minha ousadia, sorri ainda mais. Então afrouxa o braço, tira a flecha do arco e coloca ambos nas costas. Que porra é essa? Penso em

aproveitar a oportunidade para virar o jogo, mas a dor que sinto é muito intensa. Ela embaralha minha mente, me deixa sem reação.

O guerreiro que parece ter desistido de me matar alivia a pressão do pé contra meu peito. Sorvo o ar com apetite, desesperada para voltar a respirar com facilidade. Tusso repetidas vezes, fui com muita sede ao pote.

Olhos azuis quase escondidos por tinta preta me encaram por um tempo. Finalmente, ele tira o pé de cima de mim. Depois olha para Norah, jogado no chão com sangue escorrendo pela boca. Quando volta a me encarar, vejo um lampejo de dúvida em sua expressão.

– Diga a Luke que ele deve um favor a Pedro – ele me diz sério – e eu vou cobrar.

Putá que pariu, é muita sorte para uma pessoa só. Dentre tantos guerreiros do deserto, o que teve a chance de me matar é amigo de Luke. Ou apenas um oportunista, que não é tão leal ao rei quanto deveria.

Assinto com a cabeça, pensando em lhe dizer que eu também fiquei lhe devendo uma, mas ele

rapidamente some na floresta. Não perco tempo e, com muita dificuldade, fico sentada. Seguro a ponta da flecha que atingiu meu braço. Respiro fundo três vezes seguidas. Em um movimento rápido, quebro a madeira fina, me livrando da pequena lança de sua extremidade. A parte da flecha enterrada em minha carne se mexe, irradiando pontadas agudas do ferimento. Grito alto, ignorando o fato de que ainda não estou segura. Sem pensar muito a respeito, seguro o que sobrou da flecha e puxo. A madeira faz um caminho doloroso para sair de mim, a parte quebrada rasga tudo por onde passa. Grito de novo, mais baixo dessa vez. Já não tenho muitas forças, a dor e a perda de sangue me enfraquecem.

Cubro o a ferida com a mão, em uma tentativa inútil de conter o sangramento. Olho para a blusa que visto, a camiseta de Norah. Penso em usá-la para estancar o sangue, mas, além dela estar suja de lama, eu não seria capaz de tirá-la com o braço desse jeito. Mal consigo mexê-lo.

Eu me arrasto até Norah, percebendo o quanto

está machucado. Apanhou muito. Ele está desacordado, mas está vivo. É o que importa.

Penso em tentar arrastá-lo para um arbusto próximo, a fim de escondê-lo de inimigos que podem estar a caminho, mas não tenho energia para isso. E preciso voltar para ajudar Luke e Darion o mais rápido possível. Estou em péssimas condições, mas posso ser útil em algo.

Sentada no chão, empurro o corpo de Norah com os pés, apenas para que ele saia parcialmente do caminho. Recolho algumas folhas para jogar em cima dele, mas é um trabalho demorado demais para apenas uma mão. Desisto. Só posso torcer para que ele ainda esteja aqui quando eu voltar, se eu voltar.

Apoio a mão boa no chão e me levanto. Meu braço já está todo ensanguentado, estou perdendo sangue demais. Sei que, em alguns minutos, perderei a consciência. Vasculho o chão em busca do revólver. Encontro e, ao agachar para pegá-lo, minha visão fica turva, nebulosa. Seguro a arma com firmeza e sacudo a cabeça, preciso continuar acordada.

Sinto meus sentidos abalados, desnorteados. Mesmo assim, escuto uma aproximação vinda da clareira. Merda, Luke e Darion não foram capazes de deter os guerreiros da areia. Isso significa que eu os perdi?

A voz de Julio grita na minha cabeça. *Foque no que você está fazendo*, ele diz.

Obedeço meu irmão e levanto a arma, esperando o inimigo que se aproxima aparecer. Manter o braço erguido exige muito de mim, meu sangue escorre até meus dedos e pinga no chão com uma velocidade preocupante. Minha respiração vai ficando cada vez mais lenta, as sorvidas de ar vão levando cada vez menos ar para dentro de mim. Mas eu resisto, permaneço com a arma engatilhada, pronta para acertar o primeiro guerreiro do deserto que aparecer.

Aperto os olhos ao ver uma movimentação à frente. Mesmo no escuro e com a visão prejudicada, reconheço o uniforme preto. Fortaleza, graças a Deus.

Sei que a presença da guarda da fortaleza significa que vencemos essa batalha, Max mandou

ajuda. Apesar de não ter certeza absoluta, deixo meu braço cair. Tenho dúvidas se eu teria forças para sequer puxar o gatilho.

O guarda da fortaleza se aproxima cada vez mais, segurando uma arma com as duas mãos. Quando ele chega bem perto, minha mente registra que é Max. Sorrio, exausta.

Ele chega bem perto, mas não para. Passa por mim, vasculhando o ambiente ao nosso redor. Sim, pode haver mais inimigos por perto. Será que meu pai ouviu os tiros e mandou reforço? Será que Darion e Luke estão bem?

De súbito, o rosto de Max aparece na minha frente. Atrás dele, mais alguns guardas da fortaleza cobrem o perímetro, atentos.

– Olhe para mim – escuto sua voz bem baixa. Tento focar meu olhar em seu rosto, mas a imagem fica desfocada. Estou apagando, sei disso – merda! – ele xinga.

Max rapidamente tira a camiseta e a amarra em volta do meu ferimento. Tento gritar com a dor, mas só consigo fazer uma careta.

– Darion... – balbucio.

– Eles estão bem – ele responde, e meus pés deixam de tocar o chão.

Eles. Ele disse *eles*. Isso significa que Luke também está bem.

A culpa que eu tentei ignorar se espalha no meu interior como uma substância tóxica, corroendo tudo por onde passa. Traí confiança de Max, escolhi ficar com Luke mesmo ciente das consequências. Acho que sinto vontade de chorar, não sei ao certo. Faço apenas o que está ao meu alcance: relaxo o corpo e fecho os olhos, torcendo para que a inconsciência não demore para me alcançar.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Vinte

A neblina que toma a floresta é densa demais, me obriga a puxar o ar com mais força. O silêncio ao meu redor é absoluto, parece que não há vida na mata. Continuo caminhando, mesmo sem saber para onde ir.

De repente, passos ecoam ao meu lado, denunciando uma presença além da minha. Mesmo com a possível ameaça, continuo despreocupada. Paro de andar e espero minha companhia passar por mim. Quando isso acontece, reconheço Tito. Sua expressão é pacata, o que contrasta com seu porte físico musculoso, ameaçador.

Toda tranquilidade vai embora, sinto minha pele ficar quente, como se eu estivesse queimando. E estou. Queimando em raiva.

– Que merda você faz aqui? – pergunto com agressividade, deixando todo meu rancor por esse verme transparecer.

– Eu não podia perder essa – ele responde, enigmático.

– Tá falando do quê?

– Você vai ver...

Seu tom divertido faz a temperatura em mim subir ainda mais, sinto meu sangue ferver. Imagino formas de machucá-lo, mas um cheiro de queimado invade minhas narinas, me deixando alarmada. Meus olhos começam a lacrimejar, tusso involuntariamente. A neblina cinza agora está preta e ganha o céu com uma velocidade impressionante. Fumaça.

Escuto um grito infantil, quase um choro. O desespero presente na voz faz minhas pernas se mexerem com agilidade. Antes que eu fique ofegante, alcanço a região que foi incendiada. O que um dia foi meu acampamento se resume a cinzas e entulhos. Tudo foi destruído, depois queimado. As brasas ainda acessas pintam de laranja uma paisagem negra, sombria.

Com um enorme receio do que vou encontrar, vasculho o ambiente em busca do meu povo. Meu coração dispara quando avisto a pilha de

cadáveres. Seus corpos estão queimados, retorcidos, mas seus rostos permanecem intactos. Cada um deles olha pra mim.

Inspiro o ar contaminado de fuligem, sentindo um nó se formar em meu peito. Grito, mas, apesar do esforço, minha voz não reverbera no ar. Meus joelhos perdem a força, nem perco meu tempo lutando para continuar em pé.

Alguém se debruça sobre meu ombro, mas eu não consigo me mexer. Uma força invisível mantém meus joelhos no chão, os olhos grudados na imagem devastadora à minha frente. O guerreiro da areia se revela, a mão que não está apoiada em mim segura uma faca. Agradeço por ele estar aqui, disposto a me atacar. Falhei em minha missão, mereço a morte, a desejo.

– Não! – a voz de Luke soa alta, como se ele estivesse gritando do céu. Consigo olhar para o lado e o vejo sentado na cadeira do meu pai, o trono do deserto – Ela não – ele diz para seu guerreiro, que se afasta – dela eu gosto.

Ofegante, recobro a consciência e rapidamente sou abatida por uma dor lancinante. Ela se

intensifica no meu braço, mas se espalha por todo meu corpo, fazendo-me contorcer. Uma luz branca, que parece estar direcionada para meus olhos, me impede de enxergar as coisas ao meu redor. Puxo o ar o máximo que posso e sou invadida por um odor muito forte, desconhecido. Tento me levantar, mesmo sem ver nada, mas sou empurrada para baixo.

– Segura ela – alguém diz.

Um desespero toma conta de mim e, apesar da dor insuportável, começo a me debater. O som estridente de metais indo ao chão leva uma pontada para minha cabeça, me levando a apertar os olhos com força. Grito, mas, como no pesadelo, a voz fica travada na garganta.

A dor diminui subitamente, embora permaneça presente.

– Está tudo bem, Celine – escuto a voz zelosa de Max, que me acalma de imediato.

Ainda sem enxergar nada, estendo um braço, chamando por ele silenciosamente. Sua mão segura a minha e, logo depois, a luz que me cegava é enviada para longe. Através de uma visão

embaçada, vejo os traços fortes do rosto de Max. Ele acaricia minha bochecha com um toque cálido, quente, reconfortante. A energia abandona meu corpo, relaxo meus músculos sem me preocupar com mais nada.

Contudo, a calma logo se vai, dando lugar à dor que volta ainda mais intensa. Com uma careta, tento levar a mão até meu braço, mas alguém segura meu pulso. Trinco a mandíbula, a dor faz minha cabeça girar, acho que vou desmaiar.

– Vou dar mais um sedativo a ela.

Uma luz vermelha se acende em minha mente. Mesmo sem conseguir pensar com clareza, algo dentro de mim me diz para não deixar que me dopem. Mas eu ignoro, a dor é intensa demais, só quero que ela vá embora.

– Tudo bem – Max concorda.

Tento pedir a ele para ficar comigo, para não me deixar sozinha, mas minha língua se afunda dentro da boca, pesada. Depois de sentir uma picada na perna, sinto o resto do meu corpo adormecer. Por dentro, me sinto agitada. Por fora, me sinto morta.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Vinte e um

Um cantarolar tranquilo e distante atinge meus ouvidos. Por um momento, chego a pensar que estou imersa em um daqueles sonhos que nossa consciência assiste de fora, ciente de que não é real. Mas aí sinto meu braço pinicar. Mesmo sendo apenas uma sensação fraca, um leve incomodo, é suficiente para me mostrar que estou acordada.

Basta concluir que estou bem, sem dores, que meu cérebro derrama em mim uma enxurrada de conclusões sobre os últimos acontecimentos: levei uma flechada no braço, por isso o sinto pinicar; Norah corre risco de vida, estava quase morto na última vez que o vi; desconheço o estado de Darion e Luke, mas sei que eles tiveram que enfrentar muitos inimigos sozinhos; nossa vitória nessa guerra depende de uma possível aliança com Joseph.

Tento abrir os olhos, mas minhas pálpebras pesam sobre meu rosto, não consigo tirá-las do

lugar. Um barulho baixo ressoa no ambiente, e eu demoro um pouco para perceber que é meu estômago protestando. Estou morrendo de fome.

O incômodo no meu braço se acentua, um ardor começa a queimar minha carne. Mexendo meu corpo devagar, solto um grunhido manhoso.

O cantarolar cessa, e eu reconheço a inconfundível voz de Tereza:

– Estou limpando seu machucado, fique quieta – embora use um tom repreensivo, ela consegue soar carinhosa. Deixo sua receptividade esquentar meu espírito, quase me sinto calma. Tento abrir os olhos novamente, mas eles continuam pesados – espere seus sentidos voltarem aos poucos, tenha paciência. Está todo mundo bem, você tem tempo.

Saber que todos estão bem é tranquilizador, mas não basta. Se nós entramos na fortaleza, é porque os guerreiros de Jorge foram derrotados. Ele deve estar furioso, mesmo sendo um cara frio e paciente. Deixar uma prisioneira escapar deve tê-lo incomodado, mas acho que isso foi apenas um contratempo para ele. O que deve estar esquentando seu sangue é a traição de Luke. Não

apenas porque ele sabe que a presença dele nos traz uma grande vantagem, mas pela traição em si. Deve doer muito ver alguém que você criou virar-lhe as costas. Não que Jorge seja um exemplo de pai ou padrasto, mas sei que, com suas ideias distorcidas, ele considera Luke um privilegiado por aprender com ele. A seus olhos, Luke teve a oportunidade rara de ser influenciado pelo homem mais inteligente do mundo. Sei que ele está puto, sua reação é imprevisível.

Preciso falar com Joseph. Se atacarmos primeiro, teremos mais chances. É essencial que o peguemos desprevenido, em nosso território. Se não agirmos, ele o fará. Em breve, os guerreiros do deserto tentarão derrubar os portões da fortaleza. E vão conseguir, nem as armas de fogo serão capazes de parar um exército tão grande, se eles atacarem todos de uma vez.

Apoio o cotovelo bom na cama, mas não tenho oportunidade de impulsionar meu corpo para frente. A mão fria de Tereza envolve meu pulso e, devagar, ela puxa, me fazendo cair de volta no colchão.

– Tereza...

– Vai discutir comigo, Celine? – ela me interrompe, brava – Já falei que todo mundo está bem. Seu corpo precisa se recuperar dos remédios, acordar de verdade. Ninguém vai morrer em dez minutos. O mundo sobrevive sem você, eu te garanto. Deita aí e fica quieta! Seu eu tiver que te dar outra bronca, a coisa vai ficar feia.

O mundo sobrevive sem você. Isso que é saber argumentar. Sei que o mundo sobrevive sem mim, o problema é que meu pai também. Preciso matá-lo.

No entanto, Tereza tem razão, dez minutos não farão diferença. Não que dez minutos sejam suficientes, mas eu realmente preciso de um pouco de relaxamento. Ou o mais próximo que eu alcançar disso.

– Continue cantando – peço com uma voz um tanto infantil.

E Tereza atende meu pedido, retomando um cântico que certamente teve origem no deserto. Ela apenas cantarola a melodia, mas tenho certeza que a letra dessa música fala de esperança. A

maneira como a voz de Tereza soa sugere isso, dá pra sentir.

Mantendo meus olhos fechados, vejo Diná. Minhas lembranças com ela são tão vívidas que praticamente sinto sua presença ao meu lado. Apesar da melancolia que essas recordações levam ao meu peito, permito que meu consciente resgate imagens de Diná limpando suas ervas, fazendo seus chás com gostos duvidosos, repreendendo as crianças que passam correndo e desorganizam tudo. Diná era um ser iluminado, evoluído. Tão sábia... sempre tinha respostas para tudo. E respostas definitivas, impossíveis de questionar.

Imagino Diná sentada no chão, como costumava fazer mesmo já idosa, com meu irmão deitado em seu colo. Eles sempre ficavam assim quando Julio ia buscar conselhos com nossa anciã. Vejo os dedos enrugados acariciando a pele castigada. Não muito distante, minha mãe colhe flores em um jardim colorido. Ela adorava flores, seus cheiros, suas cores, suas formas.

Gosto de imaginar que eles estão em paz, em um lugar bonito. Prefiro acreditar que, no fundo, eles

tiveram mais sorte do que eu. Onde eles estão, há felicidade. Aqui, há mortes, perdas, sofrimento. No mundo de hoje, não são apenas os mortos que deixaram de viver. Os vivos também não vivem. Nós sobrevivemos, existimos. Cada vez mais, sinto que isso não basta. Não pra mim.

Respiro fundo e me obrigo a parar de pensar nos que se foram. Eles estão bem, em paz. Meu foco agora deve ser os que estão aqui, os que eu ainda posso salvar. E os que eu posso matar.

Será que Max conseguiu evoluir na negociação com Joseph?

Assim que meu cérebro assimila a menção de Max, experimento a culpa. E ela é arrebatadora, violenta. Provo o sabor ácido que ela deixa na minha boca, sinto a angústia sendo arrastada para todos os cantos do meu corpo, contaminando tudo. Abro os olhos e encaro o teto, tentando afastar uma das piores sensações que já senti.

Solto um suspiro cansado, exacerbado. Recebo um afago nos cabelos, mas o toque de Tereza não é reconfortante dessa vez. Ninguém além de Max pode me salvar desse remorso. E ele não vai me

perdoar, sei disso.

Sem que eu possa evitar, uma batalha entre razão e emoção se inicia no meu interior. Meu cérebro grita que eu não fiz nada de errado. Sou dona de mim, não dependo do aval de ninguém para escolher o que vou fazer com meu corpo. Não estou errada por desejar Luke, e nem por ter transado com ele. Nosso contato se limitou ao físico, não tem nada a ver com meus sentimentos, com o que sinto por Max.

Em uma resposta certa, meu coração me acusa de ser muito fria por pensar desse jeito, até egoísta. Ele me pergunta o que eu faria se fosse o contrário. Como eu me sentiria se Max entrasse nesse quarto e me dissesse que transou com uma garota enquanto estive fora? Devastada. Eu me sentiria devastada, traída.

Fico enojada ao pensar em *traição*. Não! Não sou uma traidora, isso não!

Nunca jurei fidelidade a Max, minha razão argumenta.

Fidelidade não se dá por obrigação. Se dá por amor, por respeito, minha emoção me dilacera,

destrói tudo em mim.

Começo a me sentir exausta, doente. O ar ao meu redor não é mais suficiente, meu corpo clama por mais. Mas não é de oxigênio que ele precisa, é de alívio. Preciso expulsar essa dor, mandá-la para longe. Contarei tudo a Max e encararei as consequências. Nada pode ser pior do que essa angústia sufocante. Sei que tenho obrigações, mas essa conversa com Max virá primeiro. Se bem o conheço, não perderemos nem dois minutos.

Decidida, esfrego o rosto com a mão do braço bom. Ignoro os resmungos que Tereza diz no lugar do canto, se mostrando irritada com tanta movimentação da minha parte. Sem pedir licença, trago meu braço machucado pra junto do meu peito, tirando-o de seu alcance.

Sentindo os músculos da minha barriga protestarem, dou um impulso para frente e fico sentada. Meus pés já estão balançando no ar, prontos para alcançar o chão, quando ouço duas batidas na porta. Logo depois, José coloca apenas a cabeça para dentro do quarto. Um sorriso sincero ilumina seu rosto assim que ele me vê.

– Ela acordou – ele diz olhando para fora.

Sou invadida pela saudade que senti de José. Meu coração se aperta com a ausência de Líria e Arthur. Silenciosamente, faço uma prece pedindo que nos reencontremos logo, incluindo Nyfer e Jess.

José atravessa o quarto com passos largos. Com um pequeno salto, vou para o chão e abro os braços para meu guerreiro.

– Muito bom te ver, chefe! – ele diz calorosamente.

Afago suas costas e observo, por cima de seu ombro, Luke e Darion entrarem no quarto. Vejo algumas marcas aqui e ali, nada demais. Eles se saíram muito bem na última batalha, não sofreram nenhum machucado sério. Ter armas de fogo traz uma vantagem inegável.

Tomando cuidado com meu braço recém-enfaixado, José se afasta de mim. Cumprimento Darion e Luke com apenas um sorriso, estávamos juntos há algumas horas. Ou não?

– Dormi por quanto tempo? – pergunto, preocupada.

– Chegamos ontem de manhã. Acaba de amanhecer – Darion responde.

Um dia inteiro?! Puta que pariu, é tempo demais!

– Como estão as coisas lá fora? Algum sinal de Jorge? – indago sem conseguir esconder minha apreensão.

– Não, nenhum guerreiro se aproximou dos portões – dá pra sentir a confusão na voz do meu melhor amigo.

Por que Jorge está tão quieto? Um dia inteiro sem se manifestar? Estaria ele tentando levantar o moral dos guerreiros após a derrota, com uma de suas celebrações?

– Ele está esperando – reflete Luke.

– Pelo quê? – questiono.

Antes que Luke possa responder, um guarda entra no quarto, sem se preocupar em bater ou anunciar sua chegada de alguma maneira.

– Max pediu para chamar vocês, Joseph irá lhes receber – sem esperar por uma resposta, ele vai embora.

– Ótimo – diz Darion – Max está na sala de

Joseph há um tempo, acho que ele teve problemas por intervir em nossa batalha. Disse que buscaria por uma abertura com o tio, para que possamos negociar com ele. A volta inesperada de Luke deve ter deixado o velho curioso.

Nossa, eu nem tinha me atentado a isso. Luke saiu daqui como nosso inimigo, mas voltou como aliado. Como será que Max reagiu a essa mudança drástica? Meu Deus, será que ele o atacou quando interveio no combate? Não, Darion já teria me alertado se tivesse havido algum confronto entre eles. Ou Luke nem sequer estaria aqui, já estaria morto. Pelo visto, Max enxergou a vantagem que sua presença nos garante.

Meu estômago se revira, me deixa nauseada. Essa conversa com Max vai ser dureza, difícil de encarar. Além de ficar com outra pessoa, escolhi logo um cara que nos traiu, um cara que ele sempre desprezou. Um arrepio se espalha por meu corpo. Além da culpa, agora sinto medo. Medo da reação de Max.

Começo a questionar minha decisão de falar com ele antes de qualquer coisa. A negociação com

Joseph é muito importante, assim como a maneira como vou conduzi-la. Preciso de lucidez, meu emocional precisa estar totalmente sob controle. Não posso me deixar levar por raiva ou tristeza. Durante essa conversa, minha esperteza precisa prevalecer.

– Vamos! – digo decidida, ignorando meus pensamentos que me acusam de estar buscando por pretextos que adiem minha conversa com Max.

Caminho em direção à porta, notando que estou usando roupas características da fortaleza: calça e camiseta preta. Ao lado da cama, vejo um par de botas. Me agacho para calçar os sapatos pesados, notando certa lentidão em meus reflexos. Os remédios daqui não me fazem tão bem.

– Posso falar com você? – Luke me pergunta, cauteloso.

Meus músculos endurecem, fico estática. Já está sendo difícil manter o foco em minha negociação com o líder da fortaleza, deixando de lado minha ânsia por resolver essa situação com Max. Conversar com Luke só vai piorar minha situação.

– Agora? – consigo perguntar.

– Não vai levar nem dois minutos – ele responde com urgência.

Parece que ele teme não ter outra oportunidade para me dizer o que quer. Algo relacionado a Joseph, que preciso saber antes de encontrá-lo?

– Tudo bem.

Rapidamente, todos se mexem para nos deixar a sós. Faço questão de não olhar para Darion, me concentrando em observar os passos lentos de Tereza. Ela olha para mim quando alcança a porta, e eu pisco um olho para ela, agradecendo por seus cuidados.

– O que foi? – pergunto assim que ficamos sozinhos.

– Me diz que você não está pensando em contar para Max sobre nós dois.

Bufo, ignorando seu tom de ordem. Sei que o assunto é muito sério para ele, já que optou por deixar o senso de humor de lado. Mas ele pode muito bem guardar suas inseguranças para ele mesmo, como eu.

– Porra, Luke, tá de brincadeira? Isso não é importante nesse momento!

– É importante, sim! Sei que você e Max ainda não conversaram. E sei que não terei outra oportunidade de falar com você antes que faça a burrada que tenho certeza que está pensando em fazer.

– O que você quer que eu faça? Que finja que nada aconteceu? Que eu durma ao lado de Max sabendo que minto para ele todos os dias? – minha voz mostra minha indignação.

– É exatamente o que eu quero que você faça.

Eu não esperava por outra resposta dele. Mesmo assim, fico triste ao concluir o quanto Luke é superficial, raso. Foi criado pelo meu pai, não teve muitas chances de ser diferente. Tranquilamente, ele seria capaz de manter um relacionamento baseado na mentira, como está propondo que eu faça. Me dói perceber o ser humano oco que Luke se tornou. Como eu, foi fodido por Jorge, mas os resultados nele foram mais desastrosos.

– Vamos conversar com Joseph, isso é mais importante – encerro essa conversa sem

propósito.

Vou até a porta e seguro a maçaneta, mas Luke apoia uma mão na madeira, debruçando seu peso sobre ela. Eu me viro na intenção de empurrá-lo para longe, mas a fúria em seus olhos me paralisa.

– Porra, Celine. Você não enxerga a importância de nós três nos darmos bem? Somos os herdeiros dessa merda, herdeiros de sangue. Você já é líder do seu povo, eu sou herdeiro do deserto e Max é herdeiro da fortaleza. Que merda de líder é você, que não percebeu isso ainda?

A surpresa me impede de me revoltar com a ofensa de Luke. Por que não liguei esses pontos antes? A resposta vem imediatamente: porque não vejo Max como integrante da fortaleza. Ele é do meu povo, é meu guerreiro. Abandonou a fortaleza e, conseqüentemente, a possibilidade de ser líder.

Minha mente trabalha para me mostrar quanta coisa Max deixou para trás, só para ficar comigo. No entanto, tenho forças para afastar mais esses pensamentos, não é hora para sentimentalismo. Ao contrário, é hora da minha razão tomar o

controle.

– Você não sabe de nada, Luke! Max nem é mais daqui, ele está comigo. Não é herdeiro da fortaleza.

Luke revira os olhos, exasperado.

– O que importa é que o sangue dele circula nas veias do líder da fortaleza.

– Assim como o meu circula nas veias do líder do deserto – as palavras saem voando, sem que eu tenha a chance de refletir sobre elas.

E são palavras duras, diretas. Merda, não quero que Luke tenha essa visão sobre mim. Não apenas porque eu não sou esse tipo de pessoa, mas porque preciso da sua lealdade. Se vamos lutar juntos, preciso poder confiar nele e, para isso ser possível, ele precisa confiar em mim.

Encaro Luke receando sua reação, é tarde demais para retirar o que já foi dito. Vejo a confusão em seus olhos, por essa ele não esperava. Mas a raiva não demora a aparecer, e vem com tudo.

Ele aperta os olhos para mim, então apoia sua outra mão na porta, deixando uma de cada lado da

minha cabeça.

– Não brinque comigo, Celine – ele ameaça entredentes.

– Não tenho medo de você – rebato, apesar de saber que é hora de apaziguar a situação.

– Você não sabe do que sou capaz – ele diz baixinho, colocando o rosto bem próximo do meu.

– Então me conta – o desafio erguendo o queixo, petulante – me conta do que você é capaz, Luke. É capaz de me machucar? – levo meu rosto para frente, e ele responde indo um pouco para trás, me dando espaço – depois de tudo, você é capaz de me fazer mal? – sua boca se abre levemente, ele está sem palavras – pense no que já vivemos, e não apenas os flertes, o desejo, o sexo. Pense em tudo que encaramos juntos, na confiança injustificável que depositamos um no outro, e me responda: você é capaz de me fazer mal, Luke?

Ele fica olhando diretamente para meus olhos, e sei que apenas verdades sairão de sua boca nesse momento. Sua expressão raivosa se suaviza, e eu fecho os olhos ao antecipar sua resposta. Tento ficar brava comigo mesma por me importar tanto

com o que Luke sente por mim, mas não consigo. Em uma atuação inusitada, a raiva me abandona quando eu mais preciso dela.

Minha boca fica seca, unhas parecem arranhar minha garganta. Inevitavelmente, depois de experimentar o medo de perder Max e o peso da rejeição de Luke, a vontade de chorar me sufoca. Reprimo um soluço e aperto os olhos com mais força.

Luke toca meu rosto, seu dedo faz o caminho que percorreria uma lágrima, se eu a deixasse escorrer. Mordo o lábio inferior, que treme de leve.

– Eu gosto de você, Celine – ele diz baixinho, sussurrando – é a pessoa com quem eu mais me importo. A única, para ser mais sincero – uma gota de esperança faz meus olhos se abrirem. Ele está dizendo que não seria capaz de me machucar? – mas eu gosto mais de mim. Se eu tiver que escolher entre você e eu, saiba que você não será minha escolha – ele completa.

Sua voz carinhosa destoa totalmente do golpe que ele me dá com essas palavras. E é um golpe doloroso, forte. Mas eu sou mais forte ainda.

Respiro fundo, passo a mão no rosto para limpar a única lágrima que superou minha força de vontade, e seguro a maçaneta atrás de mim.

– É recíproco – minto e saio para o corredor.

Vinte e dois

Subimos as escadas com agilidade, ansiosos para conquistar a aliança que nos fará vencer essa guerra. Tereza ficou de verificar se Norah poderia nos acompanhar nessa negociação. Segundo ela, ele está bem, foi apenas uma surra.

Assim que dobramos o corredor que dá para as portas duplas da sala de Joseph, meus olhos grudam em Max, que nos espera apoiado na parede, com os braços cruzados. Ele avança em minha direção quando percebe minha presença, e, antes que eu tome a decisão, minhas pernas me levam até ele com velocidade.

Nos encontramos no meio do caminho e nos jogamos nos braços um do outro. A sensação é tão boa, que meu braço nem dói com os movimentos. Não me preocupo com os olhares ao nosso redor, fico o máximo de tempo que posso encaixada no corpo de Max, sentindo o quanto ele desejou esse reencontro.

Ele corre as mãos por minhas costas, por meus cabelos, beija meu ombro. E eu me apego a cada toque, ciente de que podem ser os últimos. Esse pensamento me inunda de dor, de tristeza. Sinto uma pontada no peito, uma falta de ar repentina. Em um gesto doentio, mexo meu braço machucado, tentando infligir em mim mesma uma dor física que pode mascarar a dor emocional.

A tática não funciona muito bem, mas me obriga a permanecer estável. Acho que minha determinação em vencer essa guerra e se vingar do meu pai é mais forte do que o medo de perder Max, porque consigo controlar os sentimentos que abordam nossa relação.

Max tenta se afastar de mim, mas eu me agarro às suas costas. Estou indo muito bem no meu trabalho de permanecer focada na negociação que se aproxima, olhar em seus olhos pode por tudo a perder. Sei que estou sendo covarde, mas não posso me deixar levar agora.

– Tudo bem? – ele sussurra no meu ouvido. Sua voz sugere confusão, ele estranha minha postura.

– Muitas coisas aconteceram... – minto em tom

de lamentação.

– Fiquei sabendo. Uma irmãzinha, hein?! – ele faz piada, mas não ri.

Max tenta se afastar novamente e, dessa vez, consegue um espaço entre nós. Olho para a sala de Joseph, fingindo estar me preparando para o que está por vir. Logo que nossos olhares se cruzarem, Max saberá que algo está errado. E ele também precisa se concentrar única e exclusivamente no tio.

– Joseph adiantou alguma coisa? – pergunto, ainda sem olhar para ele.

– Não, disse que essa conversa é entre líderes – sua voz transmite preocupação.

Eu me convenço de que ele está preocupado com nossa situação, apenas. Com certeza ele estranhou minha atitude, mas sabe o quanto levo minhas obrigações a sério. Em sua mente, deve estar interpretando minha postura inesperada como uma reação aos acontecimentos recentes.

– Acho melhor eu ficar de fora dessa – diz José, me fazendo perceber que todos estão ao nosso redor.

Disfarçadamente, olho para Luke e noto o quanto ele é frio. Não demonstra nada, parece totalmente indiferente.

– Eu também – diz Darion.

– Não, preciso de você lá dentro – digo para meu melhor amigo.

– Eu também vou, conheço as artimanhas do meu tio – anuncia Max.

– Você também – digo olhando para Luke, tentando parecer tão imparcial quanto ele – vamos apresentá-lo como trunfo. Suas informações sobre o deserto são essenciais para nossa vitória – ele concorda.

Como se tivéssemos combinado, todos respiramos fundo ao mesmo tempo, nos preparando. Com passos firmes, seguimos para as portas duplas. Um guarda nos espera na entrada e, sem bater, libera nossa passagem. Pisco para José antes de prosseguir, me desculpando por excluí-lo dessa conversa.

Entro na sala de Joseph e sou bombardeada por novidades, coisas que nunca vi. As paredes estão cobertas por quadros e estantes. Sobre as

PERIGOSAS ACHERON

prateleiras, vejo livros e objetos desconhecidos. Impossível não me lembrar da sala que meu pai improvisou em meu acampamento. Ambas refletem poder.

Afasto a curiosidade, obrigando meus olhos a se fixarem no líder da fortaleza. Apesar da idade, ele mantém a postura ereta atrás da mesa, sentado em uma cadeira com desenhos esculpidos na madeira. Escondo meu rancor ao concluir que vidas se perdem lá fora enquanto aqui dentro as pessoas se preocupam em enfeitar a cadeira do líder.

Dou alguns passos na direção do velho, os olhos grudados nos dele. Como sempre, seu rosto carrega uma expressão serena. As rugas marcam sua pele, denunciando sua condição frágil. Já é um idoso, não viverá por mais do que quinze anos.

– Sente-se, Celine – ele me convida com um tom afetuoso, indicando a cadeira diante de mim.

Assim que aceito seu convite, ele me dá um sorriso satisfeito. Logo depois, desvia o olhar para além de mim. Aproveito para observar o que posso, mesmo sem uma visão privilegiada da sala

toda. A primeira coisa que se destaca é a bagunça em sua mesa. Noto uma pilha de papéis com anotações feitas em tinta cinza. Fico imaginando que tipo de coisa está escrita ali... Talvez uma análise sobre meu povo, sobre o povo da areia. Ou sobre mim, sobre meu pai. Ou nada disso e estou superestimando a importância que Joseph dá a essa guerra.

Escuto a porta sendo fechada, mas continuo reparando nos itens espalhados à minha frente. Ao alcance dos meus dedos, vejo um livro surrado. A capa está bem gasta, mas consigo ver uma espécie de símbolo desenhado em traços vermelhos. Devagar, leio o título escrito em letras quase apagadas: A Arte da Guerra.

Dou o melhor de mim, conseguindo esconder um sorriso enviesado. Joseph está se preparando para a guerra, ou deixou esse livro sobre a mesa para chamar minha atenção? Contenho o impulso de esticar o braço e folhear algumas páginas.

Subo meu olhar até o rosto do líder da fortaleza, me deparando com olhos atentos, como eu já esperava. Ele observa minha reação diante do livro

com título tão chamativo. Deliberadamente, o deixou aqui para saber o que ele despertaria em mim.

Ah, Joseph. Você se parece mais com meu pai do que eu gostaria de admitir. Não só por sua mania de grandeza, mas também por seu empenho em testar as pessoas, conhecer suas reações.

– Muita gente para uma reunião entre líderes, você não acha? – ele me pergunta.

– Luke possui informações privilegiadas do deserto, está disposto a compartilhá-las conosco. Darion e Max tomam as decisões comigo. A presença deles te incomoda?

– Receio que sim. Gostaria de manter essa conversa em nível de liderança.

Desencostando da cadeira, me inclino um pouco para frente. Apoio um cotovelo na mesa, usando a mão estendida para massagear meu queixo.

– Acho que chegamos a um ponto em que eu posso ser sincera com você, não é? – ele faz um leve aceno com a cabeça – No fim das contas, eles saberão dessa conversa com riqueza de detalhes. Eu agradeceria se você pudesse me poupar o

PERIGOSAS ACHERON

trabalho de repetir tudo o que for dito aqui.

Ele começa a sorrir antes que eu termine de falar. Quando chego lá, quase todos os seus dentes estão expostos. Como todas as suas expressões, este sorriso largo soa sincero, genuíno. Mas vai saber... ele não me engana!

Após recuperar um pouco a seriedade, ele dá uma tossida seca.

– Você quer levar meu exército para guerra, Celine?

Direto ao ponto, como eu esperava, mais uma vez. Ele é previsível, ou está se permitindo ser. Sei que ele gosta de brincar com a mente dos outros, cada ação dele foi previamente calculada. Seus olhos perspicazes capturam cada leve alteração na minha fisionomia, sua percepção astuta interpreta o que as mudanças significam.

– Você acha que tem outra opção, Joseph?

– Ah, sim, com certeza – exatamente como fiz instantes atrás, ele se inclina para frente. Apoiando um cotovelo na mesa, massageia o próprio queixo – eu considero a possibilidade de não me envolver no conflito entre você e seu pai.

– Você é inteligente demais para acreditar que Jorge atravessou o deserto só pra reconquistar a filha. O objetivo do meu pai é roubar suas armas de fogo, você sabe disso muito bem – acuso, perdendo um pouco a paciência. Não tenho tempo para seus joguinhos – essa guerra se resume ao deserto contra a fortaleza, eu e meu povo somos coadjuvantes.

– Coadjuvantes? – ele repete entre risos, menosprezando minha conclusão – Que eu saiba, o seu território é que foi tomado. Eu não me vejo envolvido em guerra alguma. Minha guarda está segura, não recebi nenhuma ameaça.

– Por enquanto – Luke intervém, se aproximando – Jorge só não te atacou ainda porque ele acreditava que podia contar com a ajuda de Celine. Ele é covarde, prefere conquistar seus objetivos com facilidade, achou que Celine poderia ajudá-lo a invadir essa instalação de maneira sorrateira. Agora que fugimos para cá, Jorge não pode mais influenciar a filha a te atacar pelas costas, então o fará pela frente. Saber que perderá muitos guerreiros no processo não o abala, crianças não

param de nascer no deserto. Amanhã mesmo esta clareira estará lotada de guerreiros com os rostos pintados de preto, e seus portões não serão fortes o suficiente para barrar suas investidas. Jorge ocupará sua casa, usufruirá de seus recursos e escravizará seu povo, assim como ele fez com todos os povos ao redor do deserto. Com vocês não será diferente.

O sossego de Joseph desaparece, e ele encara Luke com uma expressão irritada. Fico na dúvida sobre a origem de sua perturbação: a notícia de que será atacado em breve, ou o próprio Luke?

– Vai mesmo ficar usando suas táticas na minha frente? – Max nos interrompe um tanto nervoso, claramente se esforçando para manter a calma – Sei o que está fazendo. Desde que eu era uma criança, minha mãe usa a tática de espelhar os movimentos da pessoa com quem negocia. Você só está sendo tão expressivo, demonstrando o que te agrada e o que te aborrece nessa conversa, porque sabe que Celine é assim. Por que quer que ela se identifique com você?

– Cada um usa as armas que tem, meu sobrinho.

Vocês aprenderam a vencer seus inimigos através da força bruta, eu aprendi a não fazer inimigos. Sou uma pessoa ruim, por isso? – Joseph gesticula, apontando as mãos abertas para o próprio rosto – você gosta de me ver como uma pessoa maldosa, só porque eu não aprovava a união entre minha irmã e seu pai. Isso não tem nada a ver com você. Eu sempre o protegi, apesar do seu rancor infundado por mim – Max bufa, dizendo sem palavras que não precisa da proteção do tio – quando você apareceu aqui, nesta mesma sala, me dizendo com toda a sua prepotência que estava indo embora com uma arma do meu arsenal, eu permiti, deixei que seguisse seu caminho.

Max solta uma risada irônica. Por que Joseph está mudando de assunto?

– Seu discurso não me impressiona. Pare de tentar mostrar para Celine que você é uma pessoa boa, recordando assuntos já superados – Max responde minha pergunta – por que você não para de nos fazer perder tempo e diz logo se podemos contar com sua guarda e armamento?

Isso, sim, é ir direto ao ponto. Max é foda!

– O que vocês querem de mim? Querem que eu mande minha guarda até a floresta para atacar o povo da areia? É isso?

– Não de maneira tão simples. Ao sabermos que podemos contar com você, planejaremos um ataque elaborado – esclareço.

Joseph solta o ar ruidosamente, impaciente.

– Verbalize sua proposta, Celine.

– Jorge é uma ameaça para você, assim como é para mim. Já invadiu minha casa, em breve invadirá a sua. Minha proposta é muito simples: unirmos nossas forças para eliminarmos nosso inimigo em comum – Joseph levanta uma sobrancelha para mim, desmerecendo os benefícios que nossa contribuição traria para ele – Luke está conosco. Além de conhecer a estratégia do deserto, conviveu por anos com meu pai e saberá prever suas ações. Tenho guerreiros em busca de outros aliados. Meu pai possui outros inimigos, eles se unirão a mim – faço questão de usar a palavra *mim*, e não *nós*. São os meus companheiros que arriscam suas vidas em busca de ajuda, não os dele – eu e meus guerreiros

conhecemos muito bem nossa floresta, suas condições, seus segredos. Deixe sua guarda e seu armamento à minha disposição, e eu lhe garanto que nossas chances de vencer essa guerra serão enormes.

– E se nós perdermos? – ele rapidamente me pergunta.

É tão medroso, tem muito medo de morrer, de sentir dor.

– Aí morreremos com honra, após lutarmos pelo que acreditamos.

Em uma reação totalmente inesperada, o velho quase se engasga de tanto dar risada. De onde esse filho da puta tirou tanta confiança? Um exército o espreita em busca de suas armas, e ele se sente confortável para se divertir com a situação?

– Jorge lhe propôs um acordo, não foi Joseph? – Luke pergunta, atraindo todos os olhares da sala – E você está sendo burro por acreditar que ele vai honrar com suas promessas.

Mal consigo registrar a expressão ofendida que Joseph assume diante da ousadia de Luke, sua

PERIGOSAS ACHERON

reação não me importa mais. Um acordo entre fortaleza e deserto?!

Foi por isso que meu pai quis que seus homens nos enfrentassem em frente aos portões da fortaleza. Ele fez uma proposta de rendição a Joseph, está esperando por uma resposta. Fez questão de deixar seu exército agressivo à mostra, para intimidar, mostrar o que acontece com quem o enfrenta. Sabe que o líder da fortaleza é medroso, tem medo de morrer, de ver seu povo sendo derrotado. Está explorando essa fraqueza.

Jorge não quer arriscar seus guerreiros em uma guerra, se existe a possibilidade de conquistar seu objetivo de uma maneira mais fácil. Vai deixar o confronto direto como última opção. Por isso viu em mim a oportunidade de invadir a fortaleza silenciosamente, por isso está tentando conseguir suas armas na base da negociação com Joseph. Ele teme essa guerra tanto quanto nós. Está disposto a evitá-la, contanto que consiga o que veio buscar.

Aposto que ele não quer apenas evitar que seus homens morram, ele também quer manter o povo da fortaleza vivo, ou pelo menos parte dele. O que

ele fará quando a munição acabar, por exemplo? Ele enxerga o potencial das pessoas que vivem aqui dentro, quer seus conhecimentos. Remédios, geradores, alimentos que demoram a estragar... meu pai não quer só as armas da fortaleza, quer a fortaleza inteira! Sabe que são as pessoas que mantêm tudo isso funcionando, que garantem que os recursos continuem existindo.

O som de batidas na porta me traz de volta a realidade. Antes que Joseph manifeste sua permissão, um guarda entra. Parecendo aflito, ele vai até seu líder e sussurra algo em seu ouvido. Tento escurar, mas é impossível. Em uma atitude esperta, o guarda esconde sua boca com a mão, eliminando minhas chances de ler os movimentos de seus lábios.

Após ouvir com atenção, Joseph suspira alto.

– Tem um mensageiro de Jorge lá fora – ele anuncia olhando diretamente para mim – ele quer falar com você.

Vinte e três

Encaro a madeira grossa dos portões que separam a fortaleza do resto do mundo. Ao meu lado, Darion confere a posição da faca em sua cintura. Não preciso fazer o mesmo, o metal frio da lâmina contra minha pele me indica que minha faca está exatamente onde deveria.

Esperamos o sinal de Max, após ele verificar que nenhum arqueiro se esconde entre as árvores. Com a mira de uma arma, ele garantirá nossa segurança lá fora. Ele e os amigos que escolheu para lhe acompanhar.

Escuto passos rápidos ficando cada vez mais altos, mais próximos.

– Podem ir – anuncia um dos parceiros de Max, ofegante.

Os guardas responsáveis por cuidar dos portões se unem para empurrar a roda que faz as engrenagens se mexerem. Não me permito analisar a engenhosidade do mecanismo, minha

atenção está totalmente direcionada ao mensageiro que meu pai mandou. Não acho que Jorge perderia seu tempo enviando alguém para me matar com as próprias mãos, ele deve imaginar que tomaríamos todas as precauções antes de recebê-lo. Mas, mesmo assim, preciso ficar muito atenta. Não me permito nem refletir sobre o suposto acordo entre Joseph e Jorge. Não nesse momento.

O barulho da madeira correndo pelo chão ressoa alto, chega a provocar uma dor aguda nos ouvidos. Uma pequena fresta se abre, e é o suficiente para os guardas da fortaleza. Antes que Darion tenha a oportunidade de tomar a dianteira, eu me aproximo do pequeno espaço e me viro de lado, o único jeito de passar. Com um passo curto, deixo meu corpo escondido atrás da madeira pesada. Inclinando a cabeça para o lado, enxergo a clareira à minha frente.

O mensageiro de Jorge é um guerreiro. A tinta preta foi aplicada em seu rosto há pouco tempo, cobre cada pedacinho de pele. Olho adiante, para o início da mata fechada. Não vejo nada, mas

também não fico procurando. Confio em Max.

Os braços do guerreiro da areia estão soltos ao redor do corpo, seus olhos carregam a agressividade característica do deserto. Sua cabeça está levemente tombada para trás, ele me encara com o queixo erguido. É baixo e magro, posso imaginá-lo desferindo golpes rápidos e certos.

Corro meu olhar por sua cintura à procura de qualquer sinal de uma arma. Está em suas costas, onde não posso vê-la. Meu inimigo muda o pé de apoio, me mostrando sua impaciência. Certo, vamos fazer isso. Além de confiar em Max lá em cima, eu não resistiria à tentação de saber o que meu pai quer me dizer. Principalmente agora que acredito que ele também andou conversando com Joseph.

Com mais um passo, deixo meu corpo todo à mostra. Abro espaço para Darion aparecer também, e ele logo se posiciona ao meu lado. Ficamos olhando para o guerreiro mal-encarado, que insiste em ficar onde está. Não virá até nós, quer que a gente vá até ele. Calculo uns dez passos de distância.

Pai, seu covarde, ordenou que seu guerreiro mais ágil me eliminasse com um golpe fatal? Sim, você teria coragem de ser tão covarde diante de todos. Abro um sorriso com a ideia, sem me preocupar com o que o guerreiro à minha frente vai pensar. Irônico, às vezes é preciso ter coragem para ser covarde.

Começo a caminhar devagar, preciso saber o que meu pai tem a me dizer. Darion pega sua faca e me acompanha, segurando a arma de maneira quase casual.

Paramos a um passo do inimigo. Ele nos encara com indiferença por um tempo, revezando entre um e outro, então leva seu olhar até a faca na mão de Darion. Quando seu olhar volta para mim, está carregado de desprezo, nojo. Esse cara sabe demonstrar bravura. Seu olhar, sua postura e essa porra dessa tinta preta me intimidam. O deserto sabe formar guerreiros, isso eu não posso negar.

– O rei tem uma proposta – diz rápido, deixando a revolta acompanhar sua voz grossa.

Ele quer lutar, se irrita com a possibilidade de voltar pra casa sem matar alguém.

– Estamos ouvindo – Darion responde.

– Ele está disposto a retornar ao deserto e negociar território e armamento com diplomacia – as palavras saem voando por sua boca, já sem emoção, como se ele tivesse decorado um discurso. Meu pai acha que alguém vai acreditar que ele iria embora sem nada, depois de tanto trabalho, tantas perdas? Isso faz parte do acordo que ele propôs a Joseph? – em troca, ele pede que vocês entreguem Luke ainda com vida.

O quê? Por que Jorge está fazendo isso? O que ele quer despertar em mim com essa atitude estranha? Confiando plenamente na capacidade de Darion em nos defender, reflito sobre a proposta suspeita do deserto, ignorando o inimigo tão perto de mim.

Sei que meu pai nunca desistiria das armas da fortaleza, sei também da possibilidade de um acordo entre ele e a fortaleza. Será mesmo que Jorge abriria mão da violência e conquistaria seu armamento através de negociações civilizadas? Isso faz sentido. Luke realmente foi um erro fatal para o deserto, meu pai teme as informações que

ele possui. Teme tanto, que desistiu da guerra. Será?

Joseph seria tão estúpido a ponto de simplesmente lhe entregar as armas? O que meu pai ofereceu em troca, o que ele tem que interessa à fortaleza? Segurança, talvez. Jorge ofereceu seus guerreiros para proteger o pessoal de Joseph? Mas proteger de quem? Luke disse que há outros povos ao redor do mundo, haveria um tão poderoso que seria capaz de assustar até o deserto? Jorge e Joseph se uniram para combater inimigos que ainda não conhecemos? Isso justificaria a *estupidez* de Joseph ao dividir suas armas. Diante de um segundo inimigo, maior do que o deserto, ele poderia unir forças com meu pai para se defender. Jorge propôs uma união a Joseph para combaterem um inimigo em comum, assim como estou propondo uma união com a fortaleza para combatermos o deserto?

O mensageiro impaciente pigarreia, chamando minha atenção. Encaro seus olhos tão negros quanto à tinta que cobre seu rosto, e continuo refletindo.

Joseph estaria com inveja do poder conquistado por Jorge? Talvez ele queira fazer parte disso, conquistar novos territórios junto com o deserto. Não, Joseph é mesquinho, mas não é cruel. Se ele está pensando em se unir ao deserto, é por medo, não por ganância.

Posso estar indo muito além. Luke tem razão ao dizer que às vezes as coisas são simples, sem estratégias mirabolantes. Apesar de toda sagacidade e frieza de Jorge, sei que seu sague é tão quente quanto o meu. Esta proposta pode ter vindo de um homem que se sente traído, que deseja vingança. Luke fez meu pai reviver os sentimentos que o arrebataram quando Julio se virou contra ele? Mas, se fosse isso, não faria mais sentido ele pedir a cabeça de Luke para Joseph, seu suposto novo aliado? Ou ele está aproveitando a oportunidade para realizar uma vingança dupla? Se vingar de Luke, ao torturá-lo até a morte, e se vingar de mim, ao me fazer entregar alguém que já considero um dos meus. Ele sabe que isso me atormentaria para sempre.

Mesmo me sentindo mal quanto a isso, minha

razão me força a considerar a possibilidade de Luke ainda estar do lado do meu pai, seguindo um plano, me usando para alcançar um objetivo. Se isso for verdade, talvez meu pai pense que estamos desconfiados, julgou que cabe a ele dar um empurrãozinho para nos convencer de que Luke rompeu com o deserto. Quer que pensemos que ele está enfurecido de raiva, buscando vingança contra o *filho* que o traiu.

– Que resposta devo levar ao rei? – o mensageiro pergunta.

São muitas suposições, muitas possibilidades. Merda!

Decido ir pelo caminho mais simples. Não acredito que meu pai esteja disposto a desistir dessa guerra, ele não veio até aqui para fechar um acordo. Mesmo que ele realmente tenha feito uma proposta para Joseph, não acho que ele esteja disposto a cumprir com sua parte, deixando a violência de lado. Assim que botar suas mãos sujas nas armas, ele vai eliminar o líder da fortaleza e impor sua tirania a seu pessoal. Quem não aceitar, será eliminado. Ele tomará a fortaleza para si, e a

crueldade fará parte disso.

Preciso mostrar isso a Joseph, e acho que já sei como. Se existe uma proposta de acordo entre a fortaleza e o deserto, preciso fazer Joseph acreditar que meu pai o eliminará assim que possível. É evidente para mim o que o velho mais aprecia: sua posição de líder. Se ele perceber que ela está ameaçada, fará algo a respeito.

– Diga que mandei o rei se foder – respondo ao mensageiro, ácida.

O guerreiro do deserto se retrai, totalmente chocado. Em seguida, assume uma fisionomia ofendida, indignada. Vejo o ódio se espalhar por seu rosto, seus pés descalços chegam a afundar na terra. Esse é um súdito leal a Jorge, daria sua vida por ele. Dá pra perceber que ele toma as dores do rei para si, como se a ofensa tivesse sido direcionada a ele.

Depois de mostrar todo seu repúdio, o mensageiro olha com expectativa para Darion. Parece que está buscando por uma resposta diferente.

– Te aconselho a ir embora antes que a resposta
PERIGOSAS ACHERON

seja sua ausência – Darion diz com tranquilidade, realmente dando um conselho, não apenas usando a força da expressão.

Nosso inimigo fica ainda mais nervoso, nem tenta esconder a fúria. Inflando o peito, ele puxa o máximo de ar que pode, parecendo reunir forças. Instintivamente, levo meu pé esquerdo para trás, escorregando a mão lentamente até minha faca.

Com um movimento brusco, o mensageiro nos dá as costas sem se preocupar em ser pego desprevenido. Seus pés levantam pó cada vez que encontram o chão, ele praticamente marcha de volta à floresta.

Darion se vira, mas eu seguro seu braço. Olho para trás e calculo a distância que estamos dos portões. Será que alguém pôde nos ouvir? Acho que não. Apesar da agressividade que o guerreiro da areia demonstrou, ele não a extravasou em um tom de voz alto.

Ainda de costas para a fortaleza, sussurro para Darion:

– Acha que nos ouviram?

Ele franze as sobrancelhas grossas, fazendo um

PERIGOSAS ACHERON

acumulo de pele surgir entre seus olhos.

– Acho que não, por quê?

Escuto o som de uma arma sendo engatilhada atrás de mim. Deixo Darion sem resposta e volto para dentro, sentindo sua presença em meu encalço.

Olhando ao redor, percebo que estamos cercados pela guarda de Joseph. Alguns correm para fechar os portões, outros correm para dentro, provavelmente indo levar informações ao líder. Começo a caminhar rápido, quase correndo. Acompanho os guardas que se dirigem para as escadarias, quero chegar antes que eles ou, no mínimo, ao mesmo tempo.

Pelo caminho, tento não deixar a ansiedade me influenciar. Preciso ir com calma, Joseph vai procurar pelos sinais da mentira em minha voz, em meus olhos, em minha postura. Preciso convencê-lo, e acho que posso. Eu não o odeio, não serei dominada pela raiva. Com Joseph eu posso lidar.

No segundo andar, os guardas seguem para os corredores. Tenho certeza que a sala de Joseph é no andar de cima. Continuo subindo, deixando

minha memória trabalhar por mim de maneira intuitiva.

Após subir um andar pulando alguns degraus, sigo pelo corredor principal, olhando a extensão de cada novo corredor que aparece. Cruzo com guardas e integrantes comuns da fortaleza, as coisas estão tão agitadas aqui dentro quanto lá fora. Se depender de mim, ficarão ainda mais.

Noto um corredor mais largo do que os demais e tenho certeza que ele dará na sala de Joseph, o ego do líder da fortaleza precisa de espaço. E é nesse ego enorme que estou mirando, isso tem que dar certo!

Vejo Luke, Norah e José acampados do lado de fora da sala, Max ainda não desceu do telhado. Não perco tempo avaliando as condições de Norah, que apoia um braço na parede, parecendo sentir um pouco de dificuldades em ficar em pé. Reparo nos três guardas que acompanham meus guerreiros, só um deles estava lá quando saímos.

Um toque no meu ombro me dá um susto. Olho para o lado e vejo Darion um pouco ofegante. Sem pensar duas vezes, eu o abraço, afundando meu

rosto em seu pescoço. Sei que isso pode parecer estranho, mas não sei se terei outra oportunidade.

– Não diga nada – sussurro.

Eu o solto e vou até as portas duplas, decidida a não parar até estar diante de Joseph. Ignoro os olhares questionadores e seguro a maçaneta com firmeza. Luke faz menção de tentar entrar comigo, mas eu sou mais rápida. Jogo meu corpo pra dentro de uma vez e logo fecho a porta, forçando uma batida forte.

Olho para frente e percebo que interrompi uma conversa. Com o queixo apoiado nas mãos entrelaçadas, Joseph tem sua cadeira virada para o lado, de frente para um guarda. Os dois me encaram, estranhando minha entrada repentina. Não digo nada.

Com um movimento delicado de cabeça, Joseph dispensa seu guarda. O velho gosta de se comunicar com gestos, seus liderados já sabem o que seus sinais significam. Eu também.

Conforme o guarda anda em direção à porta, eu ando em direção a Joseph. Nos cruzamos no caminho, mas eu não desgrudo meus olhos do

líder da fortaleza. Apoio as mãos no encosto da cadeira onde sentei há pouco, e aguardo o barulho da porta se fechando. Assim que acontece, começo a falar em um tom calmo, porém definitivo:

– Chega dessa enrolação, Joseph. Eu nem vou perder meu tempo te alertando sobre a falta de carácter do meu pai. No fundo, você sabe que ele se voltará contra você ao ter acesso às armas. Se você quiser aceitar esse acordo fadado ao fracasso, problema seu. Sinceramente, não estou nem aí pra você. Sinto pelo seu pessoal, mas eles não são minha responsabilidade, cabe a você protegê-los. Eu só preciso da sua resposta definitiva. Se você escolher se render a Jorge, eu e meu povo iremos embora. Sofreremos com a falta da nossa floresta, mas estaremos vivos e livres, é o que mais me importa. Encontraremos outro lugar para viver, longe da crueldade do deserto e suas consequências. Meu pai não virá atrás de nós, não temos nada a oferecer. Está muito claro para mim que seus esforços estão totalmente direcionados a você – uma insinuação de sorriso passeia por seus

lábios, ele mordeu a isca – agora, se você perceber a armadilha na qual está se metendo e escolher lutar contra Jorge, lutaremos ao seu lado. Não sei se seremos vitoriosos, mas estou disposta a correr esse risco. Então me diga, lutamos juntos ou é cada um por si?

Ele fica me encarando com uma expressão cansada, refletindo sobre minha oferta. Sua confiança foi embora, ele suspeita da atitude do meu pai em querer falar comigo. Praticamente posso ouvir seus pensamentos: *Será que Jorge também ofereceu um acordo a ela? Será que ele realmente vai me trair, não cumprirá com sua parte no acordo?*

Os segundos se arrastam enquanto o líder da fortaleza pondera suas opções, deixando transparecer o quanto essa decisão exige dele ao encarar o chão com desânimo. É medroso, está com medo de morrer, de ver seu povo morto. Seu medo é tão grande que o impede de enxergar com clareza. Não percebe que está negociando com um covarde que não hesitará em lhe apunhalar pelas costas. Não percebe que o interesse de Jorge vai

além das armas, o líder do deserto quer liderar também a fortaleza.

Eu me mantenho concentrada em não deixar escapar qualquer sinal de fraqueza. Estou blefando alto, muito alto. Não posso fugir, meu povo não está completo, tenho amigos no deserto que contam comigo. Mesmo que abandoná-los fosse uma opção, sei que meu pai iria atrás de mim, principalmente se Luke nos acompanhar. E, mais importante, não tenho a menor intenção de desistir dessa guerra e deixar que Jorge continue vivo.

Preciso que esse velho faça a pergunta, preciso colocar sua mente em dúvida. Se ele cometer o erro de confiar em meu pai, todos nós sofreremos as consequências, meu povo e o dele. Apenas dizer isso não o convencerá, ele precisa se sentir ameaçado, sentir que corre o risco de perder a liderança que tanto venera.

Depois do que parece uma eternidade, ele levanta o olhar para mim novamente. Onde antes havia exaustão, agora há sagacidade. O velho está pronto para farejar a mentira. Eu estou pronta

para escondê-la.

– Posso te perguntar qual era a mensagem de Jorge? – ele finalmente me pergunta, fingindo ser um questionamento qualquer, algo com pouca importância.

Engulo um sorriso de vitória. Seus guardas não escutaram minha conversa com o mensageiro. Ou escutaram, e ele está me testando. Se souber que a mensagem não tinha nada a ver com ele, pode estar usando essa pergunta para saber se eu contaria a verdade.

Foda-se, estou no tudo ou nada.

Sob o olhar atento de Joseph, esboço um sorriso frustrado.

– Você não acreditaria, será perda de tempo – digo, tentando parecer impaciente, como se meu único objetivo fosse ter uma resposta dele, seja qual for.

– Por que você não tenta? – ele insiste em um tom brando de sugestão.

Sorrio com pouca alegria, meio derrotada.

– Ele me fez uma proposta, assim como fez a

você. Mas não se preocupe, eu não tenho intenção alguma de aceitar, nem sequer perdi meu tempo considerando essa possibilidade. Conheço meu pai muito bem, sei que ele não cumpriria com sua parte no acordo. A mim, ele não fará de idiota.

– O que ele te ofereceu? – ele pergunta, ignorando o fato de eu tê-lo chamado de idiota.

– Minha floresta de volta. Disse que nos deixaria viver nela, mesmo sem nossa rendição ao deserto – a sobrancelha do velho se arqueia, ele está desconfiado – prometeu, também, não machucar seu povo – dou a cartada final, fazendo uma insinuação velada.

– O que ele pediu em troca? – Joseph mal espera eu terminar de falar para perguntar, não se permite refletir, está louco por essa informação.

– Você. Jorge quer que eu te mate – minto, dissimulada.

O líder da fortaleza nem perde tempo tentando disfarçar sua surpresa. Não sei se pela suposta ousadia de Jorge ao tentar eliminá-lo, ou pela minha ousadia em mentir na sua cara. Não sei o que ele sabe, é difícil interpretar suas reações.

Tudo pode acontecer.

– Você tem razão, eu não acredito em você – diz sorridente, transformando sua surpresa em divertimento.

Não me deixo abalar com sua resposta, eu já esperava por ela.

– Foda-se. Eu não dou a mínima para o que você acredita e deixa de acreditar. Só o que me importa é a segurança do meu povo. Infelizmente, se eu quiser manter meu território, precisarei da sua ajuda. Mas, se você não tem essa intenção, nós vamos embora. Faz parte, não é? Nem sempre podemos ter o que queremos. Das perdas que acumulei na vida, minha floresta será a menor.

Termino minha fala com a mesma tranquilidade com que comecei. Apesar das palavras duras, quero que Joseph pense que estou conformada a fugir.

Ele corre os olhos por meu rosto, me analisando. Depois de longos segundos, percebo que ele vai precisar de um empurrãozinho.

– Bom, Joseph, eu gostaria de poder esperar sua resposta por horas – deixo a ironia transparecer

em minha voz. Ele sabe que sou explosiva, intensa. Muita suavidade pode gerar desconfiança – mas enquanto conversamos, meu pai coloca seu plano em prática. Preciso aproveitar a passagem livre para escapar com meu povo, sei que em breve esta clareira estará lotada de guerreiros do deserto. Jorge não gastará recursos em minha caça, mas também não vai perder a oportunidade de me eliminar, se ela surgir – tirando as mãos da cadeira, me volto em direção à porta. Mas, antes, viro meu rosto para encará-lo o que pode ser uma última vez – te desejo sorte e força, vocês precisarão perante a opressão do deserto.

Com passos firmes, caminho até a saída. Quanto mais me aproximo do meu destino, mais a esperança vai sumindo em mim. Paro em frente à porta e preciso forçar minha mão a girar a maçaneta.

– Por que seu pai desejaria minha morte, Celine, após me oferecer um acordo que me parece muito vantajoso a ele? – Joseph questiona, a voz revelando preocupação.

Olho para trás, mantendo a porta ainda fechada.

– É difícil supor. Meu pai é um homem imprevisível, sem escrúpulos. Talvez a ajuda de Max na batalha de ontem o tenha feito pensar que a fortaleza está ao meu lado. Isso complica as coisas para o deserto, ele sabe que Luke possui informações que, nas mãos certas, podem acarretar em sua derrota. É como sempre dizem, e certamente está escrito no livro sobre sua mesa: conhecer seu inimigo é a maior vantagem que alguém pode ter. Percebendo esse risco, Jorge fez uma última tentativa de conquistar seu objetivo de maneira segura, sem ter que arriscar seus homens em uma batalha onde tudo pode acontecer. Inclusive ele perder.

Levando a mão à boca, Joseph abaixa a cabeça para pensar. Tomar essa decisão é difícil demais para ele, dá pra perceber.

– Ele não precisa me matar para conseguir as armas, eu as daria a ele – o velho diz mais para ele mesmo, pensando alto, do que para mim.

– Talvez seu objetivo não seja só as armas – Joseph levanta o olhar para mim imediatamente, minhas palavras finalmente começam a fazer

sentido para ele – é difícil viver no deserto, aqui há conforto – repito as palavras que ele me disse em nosso primeiro encontro, fazendo-o assumir uma expressão assustada. Ele realmente não cogitou essa hipótese? – lembre-se que todo império possui apenas um rei, Joseph – giro o pescoço para olhar ao meu redor – Jorge vai gostar dessa sala, combina com o ego que ele carrega – finalizo com uma comparação sutil.

Pela primeira vez, identifico um vislumbre de ira no olhar do líder da fortaleza. Mesmo sem conhecer sua história, fica perceptível para mim que ele precisou lutar por esse trono. Está agarrado a ele com unhas e dentes, não desistirá de sua posição por nada.

O desgraçado não está nem aí para seu povo, o que o preocupa é o próprio bem-estar. Estou cercada por filhos da puta. Sem peso nenhum na consciência, começo a considerar a ideia de Luke. Herdeiros de Sangue. Eu, Max e Luke nas lideranças da nossa região, dispostos a nos unirmos para enfrentar quem quer que tente impor sua tirania em nossos territórios. Sem

crueldade para com nosso povo, ou entre nós mesmos. Seremos violentos apenas com quem ousar ameaçar nossa paz.

– Você terá quarenta por cento da minha guarda à sua disposição – Joseph recupera totalmente minha atenção – para todos os efeitos, são rebeldes agindo pelas minhas costas, sem a minha autorização. Vocês terão acesso às armas que precisarem. Se Jorge não estiver morto em três dias, aceitarei sua proposta e lhe darei metade do meu arsenal, confiando em sua palavra de que o deserto trabalhará em nossa segurança.

Sou inundada pela sensação de vitória, mas não deixo transparecer. Segurança, então foi isso que meu pai ofereceu à fortaleza. Joseph é estúpido, suas armas já garantem sua proteção, ele não precisa do deserto.

– Sessenta por cento da sua guarda – exijo, e vejo o semblante de Joseph se transformar em uma carranca – não vou entrar nessa guerra se eu não tiver chances de vencer. Meu pai conta com muitos guerreiros. Muito bem treinados, por sinal.

– Você sabe que, caso seja derrotada, todos os

homens que lutarem ao seu lado serão mortos por Jorge, não é? – ele tenta me afetar, jogando em minhas costas a responsabilidade por tantas vidas. Sem novidades, já estou acostumada a tomar decisões que ditam o futuro, ou a falta dele, de muitas pessoas. E tenho convicção de que estou fazendo o melhor para eles. Melhor morrer lutando do que viver subordinado a um sádico. Assinto, confiante – te dou cinquenta por cento, e nada mais.

– Em três dias, meu pai estará morto e tudo voltará a ser como antes – minto, impedindo que qualquer indício de receio traia minha voz firme.

Tenho planos de continuar dividindo a floresta com a fortaleza, como antes. Mas não será com Joseph no poder.

– Assim espero – ele responde áspero e faz um meneio com a cabeça, me pedindo para sair.

Abro a porta e saio, fechando-a logo em seguida. Me deparo com olhares curiosos e agitados. De maneira silenciosa, mando energias positivas para Líria, Arthur, Nyfer e Jess, desejando que algo seja capaz de levá-las até eles. Depois olho com muita

seriedade para Darion, Max, Luke, José e Norah.

– Preparem-se – digo, deixando um sorriso orgulhoso escapar por meus lábios – vamos para a guerra.